



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III – GUARABIRA
CENTRO DE HUMANIDADES
OSMAR DE AQUINO
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

CASSIANO MATIAS DA SILVA ALMEIDA

**CONHECIMENTO TRADICIONAL E PROFECIAS DE INVERNO E SECA EM
COMUNIDADES RURAIS NO MUNICÍPIO DE ALAGOA GRANDE/PB, NORDESTE
DO BRASIL**

Guarabira/PB

2018

CASSIANO MATIAS DA SILVA ALMEIDA

**CONHECIMENTO TRADICIONAL E PROFECIAS DE INVERNO E SECA EM
COMUNIDADES RURAIS NO MUNICÍPIO DE ALAGOA GRANDE/PB, NORDESTE
DO BRASIL**

Trabalho de conclusão de curso (Monografia) apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, enquanto requisito obrigatório para a obtenção do título de Licenciado em Geografia.

Área de concentração: Geografia Cultural e da Percepção

Orientador: Prof. Dr. Carlos Antonio Belarmino Alves

Guarabira/PB

2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A447c Almeida, Cassiano Matias da Silva.
Conhecimento tradicional e profecias de inverno e seca em comunidades rurais no município de Alagoa Grande/PB, nordeste do Brasil [manuscrito] / Cassiano Matias da Silva Almeida. - 2018.
115 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2018.
"Orientação : Prof. Dr. Carlos Antonio Belarmino Alves, Coordenação do Curso de Geografia - CH."
1. Profetas da Chuva. 2. Profecias. 3. Experiências. I.
Título
21. ed. CDD 398.41

CASSIANO MATIAS DA SILVA ALMEIDA

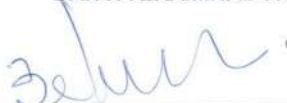
CONHECIMENTO TRADICIONAL E PROFECIAS DE INVERNO E SECA EM
COMUNIDADES RURAIS NO MUNICÍPIO DE ALAGOA GRANDE/PB, NORDESTE
DO BRASIL

Trabalho de conclusão de curso
(Monografia) apresentado ao Curso de
Licenciatura Plena em Geografia da
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB,
enquanto requisito obrigatório para a
obtenção do título de Licenciado em
Geografia.

Área de concentração: Geografia Cultural e
da Percepção

Aprovada em: 29/11/2018.

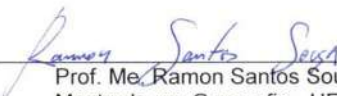
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Carlos Antonio Belarmino Alves (Orientador)
Doutor em Agronomia – UFPB
Professor do Curso de Geografia – UEPB/CH/DG



Prof. Dr. Leandro Paiva do Monte Rodrigues
Doutor em Geografia – UFRN
Professor do Curso de Geografia – UEPB/CH/DG



Prof. Me. Ramon Santos Souza
Mestrado em Geografia - UFPB
Examinador externo

Em primeiro lugar, a Deus dedico o meu agradecimento maior, porque tem sido tudo em minha vida.

Aos meus queridos pais, Edileuza Laurentino da Siva e José Jarides Matias de Almeida, que sempre me apoiaram nessa jornada e durante toda a minha vida, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os professores do curso de Licenciatura Plena em Geografia do Centro de Humanidades – Campus III da Universidade Estadual da Paraíba, pela grande contribuição, paciência, compreensão e o suporte dado durante o curso.

Ao professor e orientador Dr. Carlos Antonio Belarmino Alves, pela oportunidade, auxílio e incentivo que foram fundamentais para conclusão dessa importante etapa da minha vida.

Aos integrantes da banca examinadora, pela disponibilidade em colaborar com a pesquisa e terem aceitado avaliar este trabalho.

Aos colegas da turma 2013.2 do Curso de Licenciatura em Geografia, essa segunda família que ganhei nesses últimos cinco anos, que sempre me acompanharam e me auxiliaram durante essa jornada acadêmica.

Em especial, aos amigos da equipe G6: Rafaela Ravena, Nayse, André Felipe, Cheila e Elenice pela amizade e pelo grande apoio que me foi dado nos momentos mais difíceis dessa caminhada.

Aos agricultores do município de Alagoa Grande, por terem se disponibilizado a conceder entrevistas e pela importante contribuição dada a pesquisa.

Por fim, a todos que contribuíram de forma direta e indireta, cedendo um pouco de seu tempo para me ajudar a desenvolver a pesquisa, suas contribuições foram essenciais.

MUITO OBRIGADO!!

043 – CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA

ALMEIDA, Cassiano Matias da Silva. **Conhecimento tradicional e profecias de inverno e seca em comunidades rurais no município de Alagoa Grande/PB, Nordeste do Brasil**. Curso de Geografia, UEPB-campus III, na Linha de Pesquisa: Geografia Cultural e da Percepção, orientado pelo prof. Dr. Carlos Antonio Belarmino Alves. UEPB, 2018.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Carlos Antonio Belarmino Alves – Orientador (CH/UEPB)

Prof. Dr. Leandro Paiva do Monte Rodrigues – Examinador interno (CH/UEPB)

Ramon Santos Souza - Examinador externo – (Mestrado em Geografia - UFPB)

RESUMO

Os agricultores da região Nordeste do Brasil possuem a habilidade de perceber, através da observação da natureza, informações sobre a previsão do tempo. As profecias de inverno e seca se dão através do contato com a natureza, que permite aos profetas da chuva acumularem conhecimentos e experiências que são fundamentais para a formulação de suas previsões. A pesquisa objetivou registrar os conhecimentos tradicionais dos profetas da chuva nas comunidades rurais de Rapador, Covão, Zumbi e Assentamento Monsenhor Luigi Pescarmona, localizadas no município de Alagoa Grande/PB, na microrregião da Brejo Paraibano, além de fazer um levantamento dos indicadores ambientais que norteiam a realização de profecias de inverno e seca nessas comunidades, bem como averiguar até que ponto essas profecias orientam as práticas produtivas dessas populações. A pesquisa teve início em outubro de 2017 com término em novembro de 2018, as entrevistas foram realizadas com 40 profetas da chuva, com idade variando entre 31 e 87 anos, sendo 25 homens e 15 mulheres. Para identificar os profetas da chuva nas comunidades, aplicou-se o método bola de neve (*SnowBall*), juntamente com formulários semiestruturados e gravação de áudio de todos os informantes. Obteve-se como indicadores de inverno e seca 15 espécies da flora, 27 espécies da fauna, 7 dias santos, 8 elementos atmosféricos, 3 datas específicas e 9 astros. Compreendeu-se que os entrevistados detêm um grande conhecimento acerca do funcionamento da natureza, adquiridos através de suas próprias observações e por meio de narrativas orais provenientes seus parentes e pessoas da comunidade, tendo como prioridade os informantes mais velhos de seu convívio. Essa aprendizagem ocorre a partir dos anos iniciais da infância até a juventude. Verificou-se que há uma preferência, entre os entrevistados, pelas informações do tempo obtidas da natureza em relação os dados oriundos da meteorologia. Conclui-se que as experiências e profecias de chuva e seca são importantes para atividades agropecuárias de base familiar realizadas nas comunidades estudadas. Assim a criação de serviços de extensão rural e incentivo para os profetas divulgarem as suas previsões do tempo para outras áreas do Nordeste, tem como finalidade resgatar os conhecimentos tradicionais e deixar o legado desse povo para as futuras gerações.

Palavras-Chave: Profetas da Chuva. Profecias. Experiências.

ABSTRACT

Farmers in the Northeast of Brazil have the ability to perceive, through nature observation, weather forecasting information. The prophecies of winter and drought come through contact with nature, which allows the rain prophets to accumulate knowledge and experience that are fundamental to the formulation of their predictions. The research aimed to register the traditional knowledge of the rain prophets in the rural communities of Rapador, Covão, Zumbi and Settlement Monsenhor Luigi Pescarmona, located in the municipality of Alagoa Grande/PB, in the Brejo Paraibano microregion, as well as a survey of the environmental indicators that guide the realization of winter and drought prophecies in these communities, as well as ascertain to what extent these prophecies guide the productive practices of these populations. The survey began in October 2017, ending in November 2018, with 40 rain prophets, ranging in age from 31 to 87 years, 25 men and 15 women. To identify rain prophets in communities, the snowball method was applied along with semi-structured forms and audio recording of all informants. It was obtained as winter and dry indicators 15 species of flora, 27 species of fauna, 7 holy days, 8 atmospheric elements, 3 specific dates and 9 stars. It is understood that the interviewees have a great knowledge about the functioning of nature, acquired through their own observations and through oral narratives from their relatives and people of the community, having as priority the older informants of their conviviality. This learning occurs from the early years of childhood to youth. It was verified that there is a preference, among the interviewees, for the weather information obtained from the nature in relation to the data from the meteorology. It is concluded that the experiences and prophecies of rain and drought are important for family-based farming activities in the communities studied. Thus the creation of rural extension services and encouragement for the prophets to disseminate their weather forecasts to other areas of the Northeast, aims to rescue traditional knowledge and leave the legacy of this people for future generations.

Keywords: Prophets of the Rain. Prophecies. Experiences.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Município de Alagoa Grande/PB, Nordeste do Brasil – Localização geográfica da área de estudo	25
Figura 2 – Localização geográfica das comunidades rurais estudadas, Alagoa Grande/PB – Nordeste do Brasil	28

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Caracterização das comunidades estudadas	28
Quadro 2 – Experiências do profeta da chuva Elídio Laurentino	53
Quadro 3 – Experiências da profetisa da chuva Maria das Graças (Dona Lia)	55
Quadro 4 – Experiências do profeta da chuva Pedro Lopes (Pedro Amaro)	55
Quadro 5 – Experiências do profeta da chuva Antônio Raimundo	56
Quadro 6 – Experiências da profetisa da chuva Maria Raimunda	57
Quadro 7 – Experiências do profeta da chuva Severino Lourenço (Biu Lourenço)	58
Quadro 8 – Experiências do profeta da chuva João José (João Lourenço)	59
Quadro 9 – Experiências do profeta da chuva Cícero Antero (Seu Antero)	59
Quadro 10 – Experiências da profetisa da chuva Jandira Laurentino	60
Quadro 11 – Experiências do profeta da chuva José Laurentino	61
Quadro 12 – Experiências do profeta da chuva Cristiano Laurentino	62
Quadro 13 – Experiências do profeta da chuva Gilvan Laurentino	63
Quadro 14 – Experiências da profetisa da chuva Severina Atanásio	63
Quadro 15 – Experiências do profeta da chuva Edivaldo Moreira	64
Quadro 16 – Experiências da profetisa da chuva Helena da Costa	65
Quadro 17 – Experiências da profetisa da chuva Edileuza Laurentino	65
Quadro 18 – Experiências do profeta da chuva José Jarides	66

Quadro 19 – Experiências da profetisa da chuva Cícera Faustino	68
Quadro 20 – Experiências do profeta da chuva Paulo da Silva	68
Quadro 21 – Experiências do profeta da chuva João Santos	69
Quadro 22 – Experiências do profeta da chuva Edivaldo Macena	70
Quadro 23 – Experiências da profetisa da chuva Iraci dos Nascimento	71
Quadro 24 – Experiências do profeta da chuva João Ribeiro	72
Quadro 25 – Experiências do profeta da chuva Raimundo Pofírio	74
Quadro 26 – Experiências do profeta da chuva José Lourenço (Seu Dedinha) ...	75
Quadro 27 – Experiências da profetisa da chuva Maria Pereira	76
Quadro 28 – Experiências do profeta da chuva Sebastião Raimundo	77
Quadro 29 – Experiências do profeta da chuva Severino Lourenço Cristovão	78
Quadro 30 – Experiências da profetisa da chuva Maria José de Sousa	79
Quadro 31 – Experiências da profetisa da chuva Josefa Xavier	79
Quadro 32 – Experiências do profeta da chuva Antônio Gomes	80
Quadro 33 – Experiências do profeta da chuva Antônio Domingos	81
Quadro 34 – Experiências da profetisa da chuva Maria Francisca	82
Quadro 35 – Experiências do profeta da chuva Severino dos Ramos	83
Quadro 36 – Experiências da profetisa da chuva Maria Joana	84
Quadro 37 – Experiências do profeta da chuva Francisco Evangelista	84
Quadro 38 – Experiências do profeta da chuva João Batista	85
Quadro 39 – Experiências da profetisa da chuva Josefa Claudino	86
Quadro 40 – Experiências da profetisa da chuva Maria José Claudino	86
Quadro 41 – Experiências de inverno do profeta da chuva Petrônio Paiva	87

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Faixa etária dos profetas da chuva entrevistados	33
Gráfico 2 – Espécies da flora observadas pelos profetas da chuva	35
Gráfico 3 – Espécies de anfíbios observadas pelos profetas da chuva	38
Gráfico 4 – Espécies de aves observadas pelos profetas da chuva	40
Gráfico 5 – Espécies de insetos observados pelos profetas da chuva	42
Gráfico 6 – Dias santos citados pelos profetas da chuva	45
Gráfico 7 – Elementos atmosféricos observados pelos profetas da chuva	47
Gráfico 8 – Datas específicas observadas pelos profetas da chuva	49
Gráfico 9 – Astros observados pelos profetas da chuva	50

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Quantidade de formulários aplicados por comunidade	31
---	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 REFERENCIAL TEÓRICO	18
2.1 CONHECIMENTO TRADICIONAL E ETNOCLIMATOLOGIA	18
2.2 OS PROFETAS DA CHUVA	20
2.3 PAISAGEM E A PERCEPÇÃO DOS PROFETAS DA CHUVA NO NORDESTE BRASILEIRO	22
3 MATERIAIS E MÉTODOS	25
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO	25
3.2 COMUNIDADES ESTUDADAS	27
3.3 COLETA DE DADOS	31
3.4 ANÁLISE DOS DADOS	32
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	33
4.1 ELEMENTOS DA NATUREZA QUE NORTEIAM OS PROFETAS DA CHUVA DE ALAGOA GRANDE/PB	34
4.1.1 Elementos da categoria flora	35
4.1.2 Elementos da categoria fauna	38
4.1.3 Elementos da categoria dias santos	44
4.1.4 Categoria elementos atmosféricos	47
4.1.5 Elementos da categoria datas específicas	49
4.1.6 Elementos da categoria astros	50
4.2 EXPERIÊNCIAS DOS PROFETAS DA CHUVA DE ALAGOA GRANDE/PB	52
4.2.1 Experiências do Profeta da Chuva Elídio Laurentino	53
4.2.2 Experiências da Profetisa da Chuva Maria das Graças (Dona Lia) ..	54
4.2.3 Experiências do Profeta da Chuva Pedro Lopes (Pedro Amaro)	55
4.2.4 Experiências do Profeta da Chuva Antônio Raimundo	56

4.2.5 Experiências da Profetiza da Chuva Maria Raimunda	56
4.2.6 Experiências do Profeta da Chuva Severino Lourenço (Biu Lourenço)	58
4.2.7 Experiências do Profeta da Chuva João José (João Lourenço)	59
4.2.8 Experiências do Profeta da Chuva Cícero Antero (Seu Antero)	59
4.2.9 Experiências da Profetisa da Chuva Jandira Laurentino	60
4.2.10 Experiências do Profeta da Chuva José Laurentino	61
4.2.11 Experiências do Profeta da Chuva Cristiano Laurentino	61
4.2.12 Experiências do Profeta da Chuva Gilvan Laurentino	62
4.2.13 Experiências da Profetisa da Chuva Severina Atanásio	63
4.2.14 Experiências do Profeta da Chuva Edivaldo Moreira	64
4.2.15 Experiências da Profetisa da Chuva Helena da Costa	64
4.2.16 Experiências da Profetisa da Chuva Edileuza Laurentino	65
4.2.17 Experiências do Profeta da Chuva José Jarides	76
4.2.18 Experiências da Profetisa da Chuva Cícera Faustino	67
4.2.19 Experiências do Profeta da Chuva Paulo Da Silva	68
4.2.20 Experiências do Profeta da Chuva João Santos	69
4.2.21 Experiências da Profeta da Chuva Edivaldo Macena	69
4.2.22 Experiências da Profetisa da Chuva Iraci do Nascimento	70
4.2.23 Experiências do Profeta da Chuva João Ribeiro	71
4.2.24 Experiências do Profeta da Chuva Raimundo Pofírio	73
4.2.25 Experiências do Profeta da Chuva José Lourenço (Seu Dedinha)	74
4.2.26 Experiências da Profetisa da Chuva Maria Pereira	76
4.2.27 Experiências do Profeta da Chuva Sebastião Raimundo	77
4.2.28 Experiências do Profeta da Chuva Severino Lourenço Cristovão .	77

4.2.29 Experiências da Profetisa da Chuva Maria José de Sousa	78
4.2.30 Experiências da Profetisa da Chuva Josefa Xavier	79
4.2.31 Experiências do Profeta da Chuva Antônio Gomes	80
4.2.32 Experiências do Profeta da Chuva Antônio Domingos	81
4.2.33 Experiências da Profetisa da Chuva Maria Francisca	81
4.2.34 Experiências do Profeta da Chuva Severino dos Ramos	82
4.2.35 Experiências da Profetisa da Chuva Maria Joana	83
4.2.36 Experiências do Profeta da Chuva Francisco Evangelista	84
4.2.37 Experiências do Profeta da Chuva João Batista	85
4.2.38 Experiências da Profetisa da Chuva Josefa Claudino	85
4.2.39 Experiências da Profetisa da Chuva Maria José Claudino	86
4.2.40 Experiências Do Profeta Da Chuva Petrônio Paiva	87
4.3 IMPORTÂNCIA DAS EXPERIÊNCIAS DE INVERNO PARA OS PROFETAS DA CHUVA DE ALAGOA GRANDE/PB	87
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
REFERÊNCIAS	94
APÊNDICES	99
APÊNDICE A – REGISTROS FOTOGRÁFICOS FEITOS DURANTE AS ENTREVISTAS	100
APÊNDICE B – FOTOS DOS ELEMENTOS DA FLORA UTILIZADOS PELOS PROFETAS DA CHUVA	101
APÊNDICE C – FOTOS DOS ELEMENTOS DA FAUNA UTILIZADOS PELOS PROFETAS DA CHUVA	102
APÊNDICE D – FOTOS DOS SANTOS OBSERVADOS PELOS PROFETAS DA CHUVA	105
APÊNDICE E – FOTOS DOS ELEMENTOS ATMOSFÉRICOS OBSERVADOS PELOS PROFETAS DA CHUVA	106
APÊNDICE F – FOTOS DOS ASTROS OBSERVADOS PELOS PROFETAS DA CHUVA	107

APENDICE G – QUADRO COM AS COORDENADAS GEOGRÁFICAS DAS RESIDÊNCIAS DOS PRFETAS DA CHUVA	108
ANEXOS	110
ANEXO A – FORMULÁRIO DE PESQUISA PROFETAS DA CHUVA	111

1 INTRODUÇÃO

Desde os primórdios de sua origem, o ser humano tem realizado observações e interpretações detalhadas dos elementos do meio ambiente, com o objetivo de entender as causas e efeitos de determinados fenômenos que acontecem à sua volta. Tais percepções vêm ocorrendo desde antes do surgimento da ciência e contribuíram para um grande acúmulo de conhecimentos e experiências acerca do funcionamento da natureza adquiridos pelos diversos povos em diferentes partes do mundo (ARAÚJO, 2017). Nesse aspecto, as observações permitiram ao ser humano atuar no ambiente e modelar o espaço geográfico e assim garantir a sua sobrevivência.

Dentre os elementos da natureza, mais observados pelos seres humanos, destacam-se os fenômenos atmosféricos, onde ressalta-se a curiosidade em compreender o tempo, em seu sentido lato (FUENTES; BASTOS; SANTOS, 2015). Para os autores, esse entendimento não poderia ser diferente, haja vista que muitos momentos da vida estão diretamente ligados às condições do tempo atmosférico, tais como: de chuva, de seca, de calor, de frio e de intensidade dos ventos. Essas condições, além de afetar as atividades humanas, afetam também todo o espaço juntamente os elementos da natureza, que respondem imediatamente a essas variações.

Devido a essa preocupação como o tempo e o clima, os povos tradicionais são detentores de um grande conhecimento sobre o funcionamento da natureza, obtidos e transmitidos por gerações (DIEGUES; ARRUDA, 2001). Esse conhecimento é adquirido pela observação empírica e interpretação do comportamento de elementos da natureza, tais como a fauna e a flora e observação direta do tempo. Essas informações obtidas com as observações servem de base para elaboração das profecias, conhecida na região Nordeste do Brasil como experiências de inverno e seca (SILVA, 2013).

Conforme a autora supracitada, as profecias são constituídas pelas palavras professadas pelos Profetas da Chuva, que emitem as suas previsões do tempo com base na observação dos elementos presentes na natureza. Os Profetas da Chuva são pessoas capazes de interpretar os sinais indicadores de chuva e de seca, são especialistas que possuem uma forma diferenciada de se relacionar com o meio ambiente e, por meio dessa relação, compreender o funcionamento da natureza, e

acumular conhecimentos e experiências necessários para a sua sobrevivência (PENNESI; SOUZA, 2012).

O conhecimento das experiências de inverno e seca, que são os resultados da observação da natureza, faz parte da cultura tradicional do Nordeste brasileiro. A mais importante manifestação desse fato é o Encontro dos Profetas da Chuva, realizado anualmente na cidade de Quixadá/CE, onde participam agricultores de comunidades rurais, provenientes de vários municípios nordestinos, com a finalidade de realizarem previsões de inverno e seca para a próxima quadra chuvosa, esse evento conta com o apoio da FUNCEME - Fundação Cearense de Meteorologia, no estado do Ceará (TADDEI, 2006).

Pode-se afirmar que alguns questionamentos são norteadores de pesquisas sobre as previsões do tempo realizadas pelos profetas da chuva: Qual o motivo que leva os profetas a observarem os elementos da natureza para realizarem as profecias de inverno e seca? Como esse conhecimento é adquirido?

Segundo apontam Nasuti *et al.* (2013) e Silva (2013), os conhecimentos e experiências de inverno e seca são adquiridos por meio do próprio convívio do profeta da chuva com a natureza. Além disso, esses saberes também são repassados de geração para geração, fazendo parte da cultura das comunidades tradicionais localizadas no interior da região Nordeste do Brasil.

Além do fator cultural, a prática de observação das experiências de inverno feitas pelos Profetas da Chuva e o anúncio de suas previsões de inverno e seca constituem um fator de adaptação e sobrevivência ao meio ambiente e ao clima nordestino (FOLHES; DONALD, 2007). Grande parte da região do Nordeste brasileiro possui o clima semiárido, caracterizado por possuir precipitações médias anuais iguais ou inferiores a 800 mm, insolação média de 2.800 h/ano, altos níveis de evaporação que atingem a média de 2.000 mm anuais e uma grande variabilidade temporal e espacial de chuvas (SILVA *et al.*, 2010).

Levando-se em consideração as características climáticas do Nordeste do Brasil, verifica-se que as experiências de inverno e seca, observadas pelos profetas da chuva, desempenham um papel importante na vida socioeconômica dos agricultores da região, pois, ao observá-las, anunciam se a quadra chuvosa será favorável ou não ao desenvolvimento das atividades agrícolas. Alguns estudos foram realizados na região, através de autores que se propuseram a compreender a importância das experiências e das práticas dos profetas da chuva. Entre eles

destacam-se as pesquisas de Bruno e Martins (2008), que procuraram expor a visibilidade dos profetas da chuva no sertão cearense, mesmo diante dos avanços da ciência e da mídia; Silva, Andrade e Rozendo (2014) com o objetivo de identificar os fatores que levam os profetas da chuva, no Seridó potiguar, a realizarem as experiências, além de destacarem sua importância para as comunidades tradicionais.

No estado da Paraíba, a prática de observar e interpretar os elementos da natureza e através deles realizar previsões de chuvas e secas está muito presente entre os agricultores devida a preocupação com clima. Entre os autores que vêm realizando estudos para entender essas práticas no estado, vale salientar os trabalhos realizados por Araújo, Lucena e Mourão (2005); Araújo *et al.* (2013); Nogueira e Lopes, (2015); Araújo (2017) e Santos *et al.* (2017), que fizeram um resgate desses conhecimentos tradicionais e discutiram sobre a sua importância para os profetas da chuva em várias regiões da Paraíba.

Conforme aponta Silva (2013), o número de estudos sobre a prática de observação das experiências de inverno e seca pelos Profetas da Chuva vem aumentando progressivamente no Brasil, em consequência das variações climáticas que ocorreram nos últimos anos na região Nordeste, e da grande relevância das narrativas orais sobre o conhecimento popular acerca do clima que ainda continuam resistindo com o passar do tempo. Assim pesquisas que objetivam registrar esses conhecimentos são importantes para as comunidades estudadas, haja vista esses estudos contribuem para a divulgação científica desses saberes, além de contribuir para a manutenção do conhecimento sobre a natureza e das experiências nas próprias comunidades.

Vários pesquisadores nacionais e internacionais destacam a importância dos conhecimentos tradicionais que servem como fonte de criação de estratégias adaptativas, frente às adversidades climáticas. Apontam também que esses conhecimentos podem auxiliar os centros de pesquisa a realizarem previsões de seca e chuva mais precisas, haja vista que as experiências de inverno, dos Profetas, são construídas a partir de uma íntima relação com a natureza.

Nesse sentido, a contextualização de nossa pesquisa é justificada tendo como base a importância que os conhecimentos tradicionais sobre as profecias de inverno e seca têm para as atividades agrícolas de base familiar realizadas pelos agricultores nas comunidades rurais, que mesmo diante dos avanços científicos, continuam a observar o comportamento natureza para realizarem previsões do tempo. Assim, a

presente pesquisa visa contribuir com o resgate desses conhecimentos, tendo em vista que estes podem auxiliar em tomadas de decisões sobre políticas públicas para estratégias de adaptação que permitam ao pequeno produtor desenvolver as suas atividades no campo e aumentar a sua produção de alimentos, prevenindo-lhes de possíveis perdas, diante de cenários de seca. Além disso, torna-se importante para a manutenção da prática cultural das experiências de inverno e da conservação dos elementos do meio ambiente.

Sendo assim, a pesquisa objetivou investigar e registrar os conhecimentos tradicionais dos Profetas da Chuva nas previsões de inverno e seca nas comunidades rurais de Rapador, Covão, Zumbi e Assentamento Monsenhor Luigi Pescarmona, localizadas no município de Alagoa Grande/PB, microrregião do Brejo Paraibano, além de levantar os elementos da natureza que norteiam a realização das profecias de chuva e seca nessas comunidades e averiguar até que ponto essas profecias podem orientar as práticas produtivas dessas populações de acordo com as observações das experiências.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A presente pesquisa foi desenvolvida a partir de embasamentos teóricos que conceituam os conhecimentos tradicionais e a etnoclimatologia, os profetas da chuva e suas profecias. Além do conceito de paisagem, importante categoria de análise da Geografia, que foi fundamental para a compreensão do tema proposto no presente estudo.

2.1 CONHECIMENTO TRADICIONAL E ETNOCLIMATOLOGIA

Conceitualmente, conhecimento tradicional é definido “como o conjunto de saberes e saber-fazer a respeito do mundo natural e sobrenatural, transmitido oralmente, de geração em geração” (DIEGUES; ARRUDA, 2001, p. 31). Assim, os conhecimentos tradicionais são importantes para compreender as formas como os produtores tradicionais percebem e conceituam os recursos naturais dos quais dependem no seu cotidiano. Mais ainda, no conceito de uma economia de base familiar e de subsistência, esse conhecimento sobre a natureza se converte em um componente decisivo para planejamentos e implantação de estratégias de sobrevivência (TOLEDO; BASSOLS, 2010). Dessa forma, esses conhecimentos são importantes para a atividades humanas.

Para a sobrevivência da humanidade é preciso que se tenha uma interação entre o homem e a natureza. Nesse sentido, Santos *et al.* (2007), apontam que, quando essa interação ocorre respeitando um certo equilíbrio entre o uso dos recursos naturais e a necessidade das populações locais, o conhecimento tende a ser culturalmente preservado, no entanto, quando as interferências são alheias ao espaço, as tradições não são mantidas e o ambiente é modificado. Nessa perspectiva, os conhecimentos tradicionais são resultado da interação harmoniosa entre a natureza e os integrantes das comunidades tradicionais.

O decreto Nº 6.040, de fevereiro de 2007, que institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, em seu artigo 3º, define os Povos e Comunidades Tradicionais como:

I – [...] grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural,

social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição (BRASIL, 2007).

Dentre os saberes identificados nas comunidades tradicionais, encontra-se uma forma particular de conhecimento sobre o clima. Assim, Fuentes, Bastos e Santos (2015) afirmam que as comunidades tradicionais possuem um grande acervo de conhecimentos sobre as mudanças do tempo atmosférico, adquiridos com base na observação da natureza. De acordo com Nasuti *et al.* (2013), essa percepção que o ser humano tem das variações climáticas ao observar os elementos naturais é objeto de estudo da “Antropologia do Clima” também chamada na literatura científica de Etnoclimatologia. De acordo com os autores citados anteriormente, o conhecimento etnoclimatológico tradicional faz parte da cultura das comunidades:

O enfoque da etnoclimatologia se fundamenta nos saberes tradicionais, transmitidos de geração em geração, por narrativas orais, para apresentar as perspectivas de mudanças e suas consequências no meio ambiente natural e no modo de vida das comunidades. A bússola que retrata o clima, portanto, tem seu norte direcionado para a cultura (NASUTI *et al.* 2013, p. 386).

Os autores supracitados afirmam que na região Nordeste do Brasil esses conhecimentos culturais sobre o clima são denominados, pela população local, de “experiências de inverno”, termo que também é utilizado por outros autores como: Araújo, Lucena e Mourão (2005); Taddei (2006); Silva (2013); Caetano, Lucio e Mendes (2015) entre outros. Segundo os mesmos, as experiências se constituem na observação dos elementos da natureza presentes na paisagem tais como: ciclo de reprodução dos animais, de aves, anfíbios e insetos; da frutificação de algumas espécies de vegetais; dos astros do firmamento, do sol, da lua e das estrelas; dos tipos e tamanhos de nuvens; direção dos ventos; entre outros sinais que, ao terem os seus comportamentos interpretados, resultam nas previsões de chuva ou seca.

A observação desses elementos para se realizar previsões do tempo são resultados de uma interação entre a cultura humana e a natureza. Nessa perspectiva, Nasuti *et al.* (2013) indicam que a Etnoclimatologia tem um enfoque entre o clima e a cultura mantendo uma “integração bidirecional” na qual consiste na relação recíproca entre o meio ambiente, onde o clima está inserido, e a cultura humana. Ainda de acordo com os autores, essa interação é importante para a sobrevivência humana ao possibilitar o desenvolvimento de um conhecimento que permitiu a humanidade se

adaptar em determinadas localidades. Nesse sentido, os conhecimentos tradicionais sobre o clima são fundamentais para a humanidade.

Entretanto, nem sempre os conhecimentos tradicionais sobre o clima foram considerados pelas ciências. Segundo Souza (2014), entre os séculos XVIII e XIX, as camadas da sociedade que detinham um maior grau de instrução julgavam esses conhecimentos tradicionais de forma preconceituosa, tendo pouca credibilidade na época, pois eram considerados como credices de pessoas pobres, analfabetas e matutas. Devido ao fato de o conhecimento popular do clima não ter como base um método científico, os mesmos foram deixados de lado pelos pesquisadores e estudos até um período recente, porém, essa concepção vem sendo desconstruída e a literatura acadêmica tem se interessado cada vez mais em efetuar pesquisas sobre os conhecimentos relacionados à Etnoclimatologia (FUENTES; BASTOS; SANTOS, 2015).

Os autores supracitados destacam a importância da valorização do conhecimento etnoclimatológico popular levando em consideração dois pontos fundamentais: primeiramente pelo fato de tais conhecimentos serem o resultado de anos de acumulação de observações e experiências que fazem parte da cultura local, onde se faz necessária à sua preservação, e segundo, pelo motivo de que esses conhecimentos podem servir como complementos de dados da Climatologia e Meteorologia, principalmente em escala local, que essas ciências não conseguem atingir, mesmo com instrumentos e modelos atmosféricos à sua disposição. Nesse aspecto, esses conhecimentos são fundamentais na convivência com as incertezas climáticas da região Nordeste onde os Profetas da Chuva e suas profecias de inverno e seca desempenham um papel importante para as atividades da população local.

2.2 OS PROFETAS DA CHUVA

Alguns autores buscaram, em suas pesquisas sobre as profecias de chuva e seca, indícios que mostrem a origem dos profetas da chuva e das suas práticas de prever o tempo. Nesse aspecto, Silva (2013); Silva, Andrade e Souza (2013) analisam a origem dos profetas e de suas profecias a partir da época da Idade Média, tomando como base os estudos de Inojosa (1980), onde o mesmo aponta que, durante o período que compreende a Idade Média, os senhores feudais costumavam manter

astrólogos para estudar os astros, a fim de orientá-lo quanto às transmutações do tempo, assim, vem dessa época a origem dos profetas.

Segundo apontam Abrantes *et al.* (2011), antes da chegada dos europeus ao Brasil, já existiam na região Nordeste, povos indígenas que viviam em sincronia com a natureza e que percebiam fenômenos de chuvas e secas que eram antecipados pelo comportamento da vegetação, animais e pelos astros. Tais percepções permitiram aos índios o desenvolvimento de uma espécie de agricultura rudimentar. Ademais, Souza (2014) afirma que, com a chegada dos portugueses ao Brasil, mais precisamente dos colonos pobres que adentraram o sertão nordestino, as crenças religiosas do catolicismo português uniram-se ao conhecimento dos indígenas, o que deu origem às práticas culturais de prever o tempo que possibilitaram a ocupação do sertão, conforme aponta a autora:

Nas províncias do Norte onde as secas são conhecidas desde o século XVII, deu-se o surgimento do sertanejo, um sujeito social novo, forjado com as ferramentas psíquicas e habilidades físicas suficientes para habitar o sertão, cujas experiências para adivinhar chuva são um definidor da própria possibilidade de convivência com os períodos de estio (SOUZA, 2014, p. 5).

A origem do profeta da chuva no Nordeste do Brasil surgiu a partir do sertanejo que, ao adentrar os sertões, passou a acumular experiências através de sua relação com a natureza e, assim, começou a prever chuvas. Nesse contexto, Montenegro (1980) *apud* Silva (2013), aponta que a gênese dos profetas da chuva nordestinos se deu com o fato de que os sertanejos começaram a observar o comportamento dos elementos naturais para realizar previsões do tempo, logo, passaram a comunicar os seus prognósticos para os demais habitantes. Segundo afirmam os autores supracitados, à medida que o sertanejo foi divulgando as previsões, também foi ganhando cada vez mais destaque na região. Essas circunstâncias possibilitaram o surgimento da figura do Profeta da chuva no Nordeste do Brasil e suas previsões passaram a ser consideradas como profecias.

De acordo com Silva, Andrade e Rozendo (2014, p. 778) “Os ‘profetas da chuva’ constituem um grupo da sociedade sertaneja que exerce a função de prognosticar o tempo e divulgá-lo para a comunidade, que espera ansiosa por um bom ano de inverno”. Os profetas se baseiam na interpretação da natureza e suas observações, que são realizadas no decorrer do ano, são a base para as previsões do tempo (CAETANO; LUCIO; MENDES, 2015). Essas previsões constituem as

profecias que são resultados de uma leitura dos elementos da paisagem através dos sentidos do profeta, que tem como objetivo ajudar a população a enfrentar as dificuldades diante das secas, mediante suas experiências (SILVA, 2013).

Segundo Montenegro (2008), as profecias são compostas por três elementos principais: causa, objetivo e agente. Conforme aponta o autor, a causa das profecias está no medo que os agricultores têm da seca, já o objetivo é dar aos agricultores os prognósticos da previsão do tempo e o agente da profecia é o próprio profeta da chuva que tem a função de notificar a população sobre o que experiências estão mostrando sobre as condições do tempo para o futuro.

Conforme aponta Taddei (2006), durante um longo período da história das profecias de chuva no Nordeste, os prognósticos do tempo se deram de forma verbal dentre determinados limites geográficos. O mesmo afirma que isso se deu devido ao grande número de pessoas analfabetas e à variabilidade espacial das chuvas na região, fato que limitava espacialmente os prognósticos. Porém, atualmente, com o surgimento do rádio e sistemas de telecomunicações, os prognósticos de chuva passaram a ter um maior alcance fazendo do profeta da chuva uma pessoa com grande destaque na região Nordeste.

2.3 PAISAGEM E A PERCEPÇÃO DOS PROFETAS DA CHUVA NO NORDESTE BRASILEIRO

Na literatura pertinente sobre paisagem, cabe destacar o conceito de Santos (1997, p. 61), o qual aponta que a paisagem é “tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança [...]. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc.”. Segundo o autor, “a paisagem é o conjunto de forma que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza” (SANTOS, 2006, p. 103). Essas relações se dão entre a paisagem natural e ser humano.

Sobre essas relações, Sauer (1998) aponta que a paisagem é constituída de formas físicas e culturais. O autor propõe que a paisagem natural é constituída pelos elementos físicos que são importantes para o ser humano, já a paisagem cultural é constituída pelas formas de uso e da ação do ser humano na paisagem natural e pelos

fatos da cultura humana. Além disso, aponta também que os elementos que estão juntos na paisagem existem em inter-relações que formam uma realidade.

Essa inter-relação entre os elementos físicos da paisagem natural e os seres humanos, permitiram a estes atribuir uma simbologia às formas físicas da natureza. Nessa perspectiva, Cosgrove (1998, p. 98), afirma que “A paisagem, de fato, é uma ‘maneira de ver’, uma maneira de compor e harmonizar o mundo externo em uma ‘cena’, em unidade visual”. Nesse sentido, o autor enfoca que a paisagem cultural surge quando a humanidade atribui um significado simbólico aos elementos naturais que passam a ser denominados “produtos culturais”, porém os mesmos não perdem suas características naturais. Essa atribuição ocorre quando a humanidade percebe e interpreta o comportamento dos elementos da natureza.

Segundo apontam Silva, Andrade e Souza (2013, p. 93) “a paisagem não é estática, pois está em permanente mudança. [...] Sua apreensão se dá pela percepção, mas seu entendimento passa pela interpretação, tornando-se aguçada por meio da experiência acumulada”. As autoras, ao realizarem um estudo sobre as experiências de inverno no Seridó Potiguar, constataram que é na leitura dos elementos das paisagens do interior do Nordeste que os Profetas da Chuva percebem, através dos elementos da natureza, os indicadores de chuva e seca. Por meio da interpretação do comportamento desses elementos, que ocorre pela interação com o meio ambiente, os agricultores conseguem realizar prognósticos do tempo, ou seja, os mesmos atribuem um significado simbólico e cultural às manifestações dos elementos contidos na paisagem natural, fato que corrobora com os pressupostos de Cosgrove (1998).

Silva, Andrade e Souza (2013) inserem, em seus estudos, os próprios sertanejos como elemento da paisagem do interior do Nordeste em conformidade com Berque (1998). O autor afirma que a paisagem é “vista por um olhar, apreendida por uma consciência, valorizada por uma experiência, julgada (e eventualmente reproduzida) por uma estética e uma moral, gerada por uma política, entre outros” (BERQUE, 1998, p. 87). Logo, é na paisagem nordestina onde cada Profeta da Chuva se insere na paisagem e realiza as suas observações acerca do comportamento da natureza, o que permite ao mesmo tempo construir as suas experiências por meio de suas percepções.

A dimensão da paisagem é a dimensão da percepção, onde a apreensão é feita pelos sentidos do corpo, sendo que o aparelho cognitivo é crucial nesse

processo, tendo em vista que cada pessoa pode apresentar versões diferentes no mesmo fato (SANTOS, 1997). Nesse sentido, cada profeta da chuva irá apresentar diferentes experiências com a paisagem natural, haja vista que cada indivíduo possui uma forma de perceber e compreender os elementos presentes na mesma.

Para entender o termo experiência, convém utilizar a concepção de Tuan (1983, p. 9) na qual, “[...] abrange diferentes maneiras através das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade. Estas maneiras variam desde sentidos mais diretos e passivos, como o olfato, paladar e tato, até a percepção visual ativa e a maneira indireta de simbolização”. Logo, o ser humano utiliza os seus sentidos para apreender e interpretar o meio ambiente (TUAN, 1980). Assim, para o autor cada sentido desempenha um papel importante na percepção do mundo, mais precisamente da paisagem.

Ainda de acordo com Tuan (1980, p. 12) “um ser humano percebe o mundo simultaneamente através de todos os seus sentidos. Logo, a informação potencialmente disponível é imensa. No entanto, no dia a dia do homem, é utilizada somente uma pequena porção do seu poder inato para experienciar”. Assim, o autor aponta que o ser humano compartilha percepções do meio ambiente, ao qual está inserido, com os outros indivíduos que detêm os mesmos órgãos, porém alguns sentidos podem ser mais aguçados que os outros e isso dependendo de cada indivíduo e sua cultura. Afirma também que, dentre todos os sentidos, o ser humano depende mais da visão, haja vista que é por meio dela que ocorre a percepção e interpretação dos elementos da paisagem.

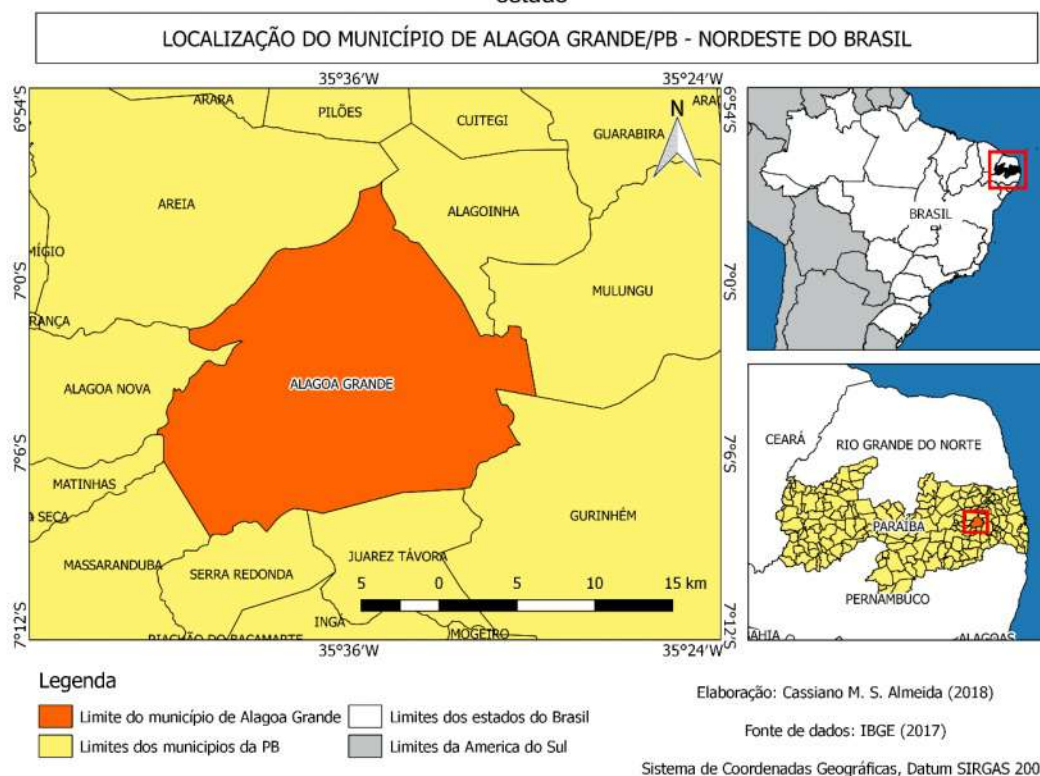
Conforme aponta Santos (2006, p. 103), “a paisagem é apenas uma pequena parte da configuração territorial ou configuração geográfica, exatamente a parte que pode ser apreendida com um olhar”. Nesse sentido, Silva, Andrade & Souza (2013) apontam que a paisagem natural do Nordeste do Brasil fornece elementos que, ao serem captados pela visão dos profetas da chuva, resultam nas experiências de inverno e seca seca, necessários para a organização das atividades agrícolas desenvolvidas pelos agricultores da região.

3 MATERIAIS E MÉTODOS

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

Alagoa Grande (Figura 1) é um município do estado da Paraíba que pertence à microrregião do Brejo Paraibano e mesorregião do Agreste Paraibano, IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2017). O município dista 85 km da capital João Pessoa/PB. O acesso é feito, a partir da capital, pelas rodovias BR 230/PB-079. Faz limites com os municípios de Areia e Alagoinha ao norte, ao sul com Serra Redonda e Juarez Távora, ao leste com Mulungu e Gurinhém, a oeste com Alagoa Nova, Matinhas e Massaranduba.

Figura 1 – Município de Alagoa Grande/PB, Nordeste do Brasil - Localização geográfica da área de estudo



Fonte: Elaborado pelo autor (2018), adaptado de IBGE (2017).

Segundo o IBGE (2010), o município possui uma população de 28,479 habitantes, desse total, 10.948 residem na zona rural e 17.531 residem na zona urbana. Possui uma densidade demográfica de 88,84 hab./km².

Atualmente a economia do município de Alagoa Grande é proveniente da agricultura baseada em cana-de açúcar (*Saccharum officinarum*), fava (*Phaseolus lunatus*), feijão (*Phaseolus vulgaris*), milho (*Zea mays*), mandioca (*Manihot esculenta*), batata doce (*Ipomoea batatas*), coco (*Cocos nucifera*), laranja (*Citrus sinensis*) e manga (*Mangifera indica*). Da pecuária através da criação de bovinos, caprinos, suínos e aves. A cidade apresenta um comércio diversificado onde observa-se a presença de supermercados, lojas de eletrodomésticos, material de construção, calçados, vestuário e produtos agrícolas, porém apresenta uma baixa presença de indústrias, além da forte dependência do município no setor de serviços (IBGE, 2010).

O clima é tropical quente e úmido, caracteristicamente muito quente, com estação chuvosa no inverno, e apresenta níveis pluviométricos em que a média anual fica em torno dos 950 mm (AESA, 2018). O período de chuvas inicia-se em março e se estende até meados de setembro, com a quadra chuvosa entre os meses de abril e julho, quando ocorrem as maiores precipitações, onde os acumulados pluviométricos variam de 129,6 a 133,8 mm (CPRM, 2005; AESA, 2018).

Quanto aos aspectos geológicos, o município de Alagoa Grande encontra-se inserido na unidade Superfícies Dissecadas Diversas, que ocorre em trechos próximos às chapadas do Piauí e Maranhão e em áreas de outros estados incluindo a Paraíba. O relevo é movimentado e apresenta cinco formações geológicas distintas de quatro eras diferentes onde verifica-se que, em sua maior parte, o município é composto pelo complexo São Caetano: gnaisse, metagrauvaca, metavulcânica félsica a intermediária, metavulcanoclástica do período Mesoproterozóico (CPRM, 2005).

Referente aos tipos de solos, estão distribuídos da seguinte forma: nos topos de relevos arredondados e vertentes íngremes ocorrem os solos do tipo Litólicos, rasos pedregosos e fertilidade natural média; nas baixas vertentes os solos são Bruno não Cálcicos, textura argilosa, e fertilidade natural alta e nos topos planos ocorrem os Latossolos, profundos, bem drenados, ácidos e de fertilidade natural baixa (CPRM, 2005).

Em relação à hidrologia, o município encontra-se inserido nos domínios da bacia hidrográfica do rio Mamanguape. Possui como seus principais tributários: os rios Mamanguape, Agreste, Zumbi e Gurinhenzinho, além dos riachos: Buraco, Carro, Riachão, Lagoa Nova e dos Tanques. Os principais cursos d'água no município têm regime de escoamento intermitente e o padrão de drenagem é o dendrítico (CPRM, 2005).

A vegetação do município de Alagoa Grande apresenta características de transição com predominância das espécies de floresta Caducifólia, Cerrado e Caatinga (CPRM, 2005). Atualmente essa vegetação encontra-se, em grande parte, degradada e descaracterizada, haja vista que desde o processo de povoamento do município, a mesma vem sendo devastada para dar lugar às plantações. Nos dias de hoje ainda se verifica a existência do desmatamento para dar lugar aos pastos para a criação de gado bovino, porém ainda existem lugares onde é possível observar a manutenção da vegetação nativa, tendo por exemplo o topo das serras e terrenos íngremes, áreas que são de difícil acesso para se desenvolver as atividades agropecuárias.

Em relação aos aspectos históricos, segundo o IBGE (2017), o município de Alagoa Grande originou-se nas terras conhecidas como “Sertão do Paó” onde habitavam os índios Cariris, encontrado na região no início do século XVIII. A entrada dos europeus no território através do litoral e do sertão por volta de 1620, com a instalação das primeiras casas e fazendas próximo à Lagoa do Paó, atualmente chamada de Lagoa Grande e que deu nome ao município.

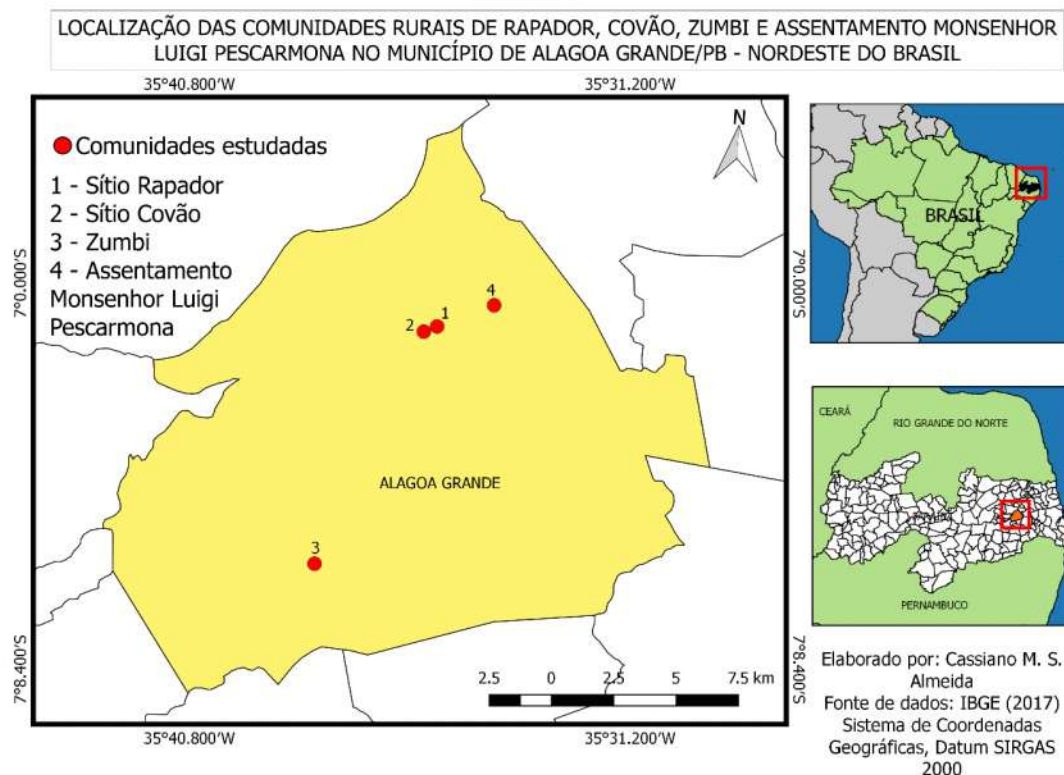
A consolidação do núcleo verificou-se entre 1719 e 1767, quando Domingos da Rocha, o alferes Isidoro Pereira Jardim, o padre Luís Quaresma Dourado, Martinho Gomes, Agostinho de Jesus e outros obtiveram concessões de terras onde desenvolveram a lavoura e a criação de gado. Os dois primeiros são considerados os fundadores do Município. O distrito surgiu em 1861” (IBGE, 2017).

Já em relação à formação administrativa, o distrito de Alagoa Grande foi criado pela lei provincial nº 38, de 01-10-1861, subordinado ao município de Areia. Em 21-10-1865 pela lei provincial nº 129, Alagoa Grande foi elevada à categoria de vila, sendo desmembrado de Areia. Foi elevada à categoria de cidade com a denominação de Alagoa Grande, pela lei estadual nº 286, de 27-03-1908 (IBGE, 2017).

3.2 COMUNIDADES ESTUDADAS

A presente pesquisa foi desenvolvida em 4 comunidades rurais: Sítio Rapador e Sítio Covão, Zumbi e Assentamento Monsenhor Luigi Pescarmona (Figura 2), ambas localizadas no município de Alagoa Grande/PB, Nordeste do Brasil.

Figura 2 – Localização geográfica das comunidades rurais estudadas, Alagoa Grande/PB – Nordeste do Brasil



Fonte: Elaborado pelo autor (2018), adaptado de IBGE (2017).

As comunidades foram caracterizadas conforme o Quadro 1, com informações acerca da localização, número de habitantes, equipamentos sociais e atividades econômicas desenvolvidas nas mesmas, além de outras fontes de renda da população.

Quadro 1 – Caracterização das comunidades estudadas

Comunidades	Características
Rapador	<p>Localização: Está localizada a 5,29 km da sede do município.</p> <p>Acesso à comunidade: é feito pela rodovia PB-075, e por estradas de barro que dão acesso ao sítio.</p> <p>Coordenadas geográficas: Latitude: 7° 00'57"S Longitude: 35° 35'23"W.</p> <p>Número de habitantes: 190 habitantes.</p> <p>Equipamentos sociais: A comunidade conta com uma escola, 2 casas de farinha, abastecimento de água por meio de 2 poços artesianos e assistente de saúde.</p>

Comunidades	características
Rapador	<p>Os agricultores estão organizados em uma associação denominada de Associação dos Trabalhadores Rurais de Rapador, com sede localizada na escola da comunidade, onde ocorrem reuniões, uma vez por mês, para discutirem questões pertinentes a organização da comunidade, atividades agrícolas e outras tomadas de decisões. Através da associação, os agricultores também têm acesso a linhas de créditos, tais como o Crediamigo, que lhes dão a oportunidade de melhorar a sua produção e comprar equipamentos para o desenvolvimento de suas atividades.</p> <p>Atividade econômica: Se baseia na agricultura familiar, onde são cultivados: milho (<i>Zea mays L.</i>), feijão (<i>Phaseolus vulgaris L.</i>), fava (<i>Phaseolus lunatus L.</i>), macaxeira (<i>Manihot esculenta</i>), inhame (<i>Dioscorea spp</i>), batata (<i>Ipomoea batatas L.</i>), além da pecuária, onde observa-se na criação de gado bovino, caprino e de aves.</p> <p>Os moradores da comunidade também contam com outras fontes de renda tais como: Bolsa Família e aposentadoria.</p>
Covão	<p>Localização: Está localizada a 4,50 km da sede do município.</p> <p>Acesso à comunidade: é feito pela rodovia PB-075 e por estrada de barro.</p> <p>Coordenadas geográficas: Latitude: 7° 01'02"S</p> <p>Longitude: 35° 35'47"W</p> <p>Número de habitantes: 10 habitantes.</p> <p>Equipamentos sociais: A comunidade é atendida pelos equipamentos sociais disponíveis no Sítio Rapador, comunidade vizinha, tais como escola, abastecimento de água e assistente de saúde.</p> <p>Atividade econômica: Se baseia na agricultura familiar, onde são cultivados milho (<i>Zea mays L.</i>), fava (<i>Phaseolus lunatus L.</i>), inhame (<i>Dioscorea spp</i>) e batata (<i>Ipomoea batatas L.</i>), além da pecuária com criação de gado bovino.</p>

Comunidades	Características
<p style="text-align: center;">Zumbi</p>	<p><u>Localização:</u> Está localizada a 7 km da sede do município.</p> <p><u>Acesso à comunidade:</u> é feito através da rodovia PB-079, e por uma rua pavimentada.</p> <p><u>Coordenadas geográficas:</u> Latitude: 7° 06'04"S Longitude: 35° 38'01"W</p> <p><u>Número de habitantes:</u> 3.000 habitantes.</p> <p><u>Equipamentos sociais:</u> A comunidade conta com 2 escolas, 1 posto de saúde onde a população realiza consultas médicas, 1 posto dos correios, 1 cemitério, 1 campo de futebol, 1 quadra poliesportiva, 1 igreja. O abastecimento de água é feito pela CAGEPA e carros pipa.</p> <p><u>Atividade econômica:</u> A renda dos agricultores da comunidade é proveniente de várias fontes, entre elas destacam-se principalmente a agropecuária, com a agricultura familiar na plantação de milho (<i>Zea mays L.</i>), fava e feijão (<i>Phaseolus vulgaris L.</i>); também da criação de suíno, bovino e galinhas. Além do Bolsa Família e de aposentadoria.</p>
<p style="text-align: center;">Assentamento Monsenhor Luigi Pescarmona</p>	<p><u>Localização:</u> Está localizada a 7,71 km da sede do município.</p> <p><u>Acesso à comunidade:</u> é feito pela rodovia PB-075 e pela estrada de barro.</p> <p><u>Coordenadas geográficas:</u> Latitude: 7° 00'27"S Longitude: 35° 34'09"W.</p> <p><u>Número de habitantes:</u> 124 habitantes.</p> <p><u>Equipamentos sociais:</u> A comunidade conta com uma escola, uma casa de farinha, uma capela; um campo de futebol; o abastecimento de água é feito através de 1 poço artesiano, além de cisternas e carros pipa.</p> <p><u>Atividade econômica:</u> Se baseia na agricultura familiar, com plantação de milho (<i>Zea mays L.</i>), feijão (<i>Phaseolus vulgaris L.</i>), fava (<i>Phaseolus lunatus L.</i>), inhame (<i>Dioscorea spp</i>); macaxeira (<i>Manihot esculenta</i>), além da criação de bovinos, caprinos e</p>

	aves. A renda também se baseia no Bolsa Família e aposentadoria.
--	--

Fonte: Elaborado pelo autor – Pesquisa de campo 2017/2018.

3.3 COLETA DE DADOS

A pesquisa teve início em outubro de 2017 com término em novembro de 2018, tendo como área de abrangência as comunidades de Rapador, Covão, Zumbi e Assentamento Monsenhor Luigi Pescarmona, localizadas no município de Alagoa Grande/PB. Onde realizou-se a aplicação de um formulário composto por entrevistas semiestruturadas, além de registros fotográficos e gravação de áudio de todos os informantes com base em Albuquerque *et al.*, (2010). Para cada informante entrevistado foi especificado o objetivo da pesquisa e aplicadas questões sobre o conhecimento, prática, importância e uso das experiências (SILVA, 2013).

As entrevistas foram aplicadas em três etapas: a primeira etapa compreendeu realização de entrevistas, entre os meses de outubro e dezembro de 2017, com os agricultores dos Sítios Rapador e Covão, onde foram visitadas 15 residências e aplicadas 23 entrevistas; a segunda etapa foi efetuada na comunidade de Zumbi, em abril de 2018, onde foram visitadas 7 residências e aplicadas 10 entrevistas; a terceira etapa, realizada no mês de setembro de 2018, foi feita no Assentamento Monsenhor Luigi Pescarmona, no qual foram visitadas 7 residências e aplicadas 7 entrevistas. No total, foram aplicados, nas comunidades, 40 formulários semiestruturados contendo 30 questões cada (Tabela 1).

Tabela 1 – Quantidade de formulários aplicados por comunidade

COMUNIDADES	Nº FORMULÁRIOS SEMIESTRUTURADOS APLICADOS
SÍTIO RAPADOR	20
SÍTIO COVÃO	3
ZUMBI	10
ASSENTAMENTO MONSENHOR LUIGI PESCARMONA	7
TOTAL	40

Fonte: Elaborado pelo autor – Pesquisa de campo 2017/2018.

Foram entrevistados os agricultores chefes de família, sendo 25 homens e 15 mulheres com idades entre 31 e 87 anos de idade. A identificação dos informantes

da pesquisa, os agricultores/Profetas da Chuva que mais se destacam na observação das experiências de inverno nas comunidades, ocorreu conforme a amostragem por cadeias de referências, ou seja, para o recrutamento dos sujeitos da pesquisa utilizou-se a técnica metodológica bola de neve (*SnowBall*), também denominada de *snowball sampling* (BIERNACKI; WALDORF, 1981).

A *snowball* ou “Bola de Neve” prevê que, a partir do contato inicial com a comunidade e identificação do primeiro informante local, o passo subsequente é solicitar a esse informante indicações de outros informantes que também possam contribuir com o desenvolvimento da coleta de dados da pesquisa, e assim sucessivamente até que todos sejam entrevistados (BAYLEY, 1994). Após a identificação e entrevista dos informantes, foi feita a coleta das coordenadas geográficas, com o uso de um aplicativo de GPS – *Global Positioning System*, das residências de cada informante.

3.4 ANÁLISE DOS DADOS

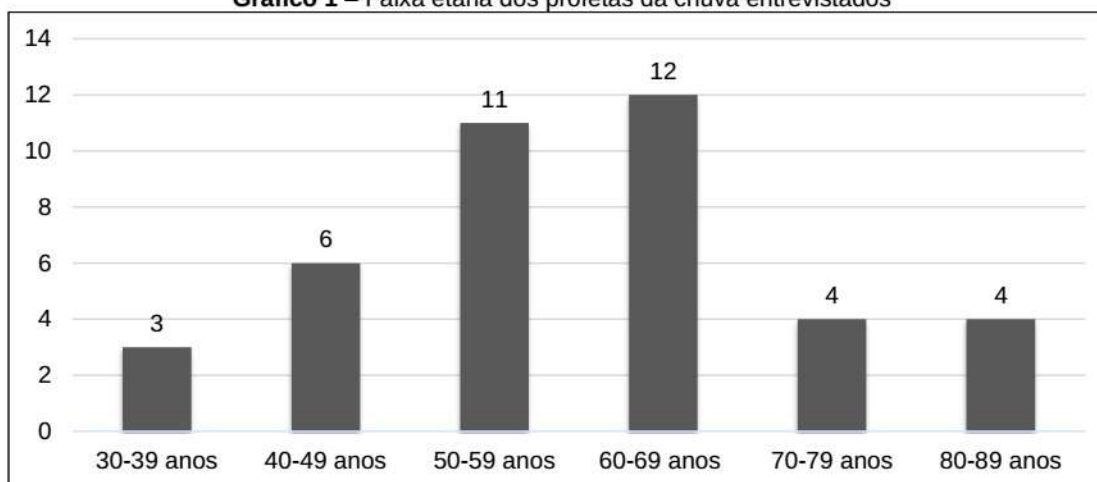
Após a realização das entrevistas semiestruturadas, iniciou-se o processo de tabulação dos dados coletados. A análise do conteúdo dos dados foi elaborada com base na técnica de categorização, de acordo Bardin (2013). As análises foram divididas em três etapas: Pré-análise, Exploração do material e Tratamento dos resultados. A Pré-análise é constituída pela escolha e organização do material a ser analisado, é a fase onde se tem o primeiro contato com os dados coletados. A Exploração do material, consiste na análise dos dados a partir de determinadas categorias relacionadas ao objetivo principal da pesquisa. O Tratamento dos resultados é a última etapa da análise de conteúdo, tendo esta fase momento de diálogo entre os dados coletados na análise e o corpus teórico, ou seja, é o momento da análise crítica/reflexiva (BARDIN, 2013).

As categorias de análise que serão utilizadas neste trabalho foram adaptadas do estudo de Silva (2013), constituídas dos seguintes elementos: flora, fauna, elementos atmosféricos, dias santos, datas específicas, astros e fontes de água.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A nossa pesquisa demonstrou que os entrevistados provem da zona rural do município de Alagoa Grande/PB, Nordeste do Brasil, mais precisamente das comunidades de Rapador, Covão, Zumbi e Assentamento Monssenhor Luigi Pescarmona. O foco do nosso trabalho foram os agricultores, caracterizados como profetas da chuva, que desenvolvem as suas atividades em campo, em sua maioria cultivam diversas espécies com base na agricultura de subsistência ou familiar e criam bovinos, aves, caprinos, suínos e etc. Constatou-se na pesquisa que os grupos de entrevistados que se encontram entre as faixas etárias de 50-59 anos de idade (27%), de 60-69 anos (30%), de 70-79 anos (10%) e de 80-89 anos de idade (10%), possuem um número maior de experiências de inverno e seca, adquiridas ao longo de suas vidas. Assim, no Gráfico 1 temos a distribuição da faixa etária entre os entrevistados.

Gráfico 1 – Faixa etária dos profetas da chuva entrevistados



Fonte: Elaborado pelo autor – Pesquisa de campo 2017/2018.

A idade dos entrevistados revela que quanto maior a faixa etária, estes detêm maiores conhecimentos adquiridos através dos sinais da natureza que corroboram com suas previsões, fato este que contribuiu para um acúmulo de saberes etnoclimatológicos, que são repassados de geração a geração. Nesse sentido, Taddei (2006) afirma que a população mais velha é um seguimento preferencial para elaboração e comunicação de previsões do tempo, pois possuem a experiência acumulada, obtida através da observação da natureza, que por sua vez se constitui

em um elemento fundamental para a legitimação destes conhecimentos tradicionais, que são repassados para as gerações, ensinados aos mais jovens.

Dos 40 entrevistados, foram indicadas 15 mulheres (37,5%) e 25 homens (62,5%), como conhecedores das experiências de inverno e seca que na região são denominados de Profetas da Chuva. Percebe-se, que os homens são maioria no que se refere a esse conhecimento. Segundo aponta Montenegro (2008), os homens são mais predispostos ao trabalho na agricultura e acumular experiências. Uma justificativa para tal é a atividade desempenhada por cada gênero: o homem se encarrega em trabalhar para sustentar a família e a mulher se preocupa com os afazeres domésticos e com a roça, porém essa condição não impede as mulheres de adquirirem experiências e se tornarem profetisas da chuva (SILVA, 2013).

4.1 ELEMENTOS DA NATUREZA QUE NORTEIAM OS PROFETAS DA CHUVA DE ALAGOA GRANDE/PB

Os profetas da chuva das comunidades rurais de Alagoa Grande/PB apresentam um grande conhecimento do comportamento de elementos da natureza e sobre as experiências de inverno e seca utilizadas para prever o tempo. Nesse sentido, Bruno e Martins (2008) afirmam que experiências é o termo pelo qual os profetas da chuva se referem aos saberes obtidos através da observação, na natureza, de signos de um tempo vindouro. Esses saberes são a base para as profecias de inverno ou de seca.

Assim, a partir da técnica de categorização de Bardin (2013) e dos estudos de Silva (2013), organizamos as experiências, apontadas pelos profetas da chuva, em seis categorias gerais, levando em consideração a sua natureza: flora, fauna, elementos atmosféricos, datas específicas, dias santos e astros. Dentre as categorias, encontramos elementos específicos, que ao terem seus comportamentos observados e interpretados pelos profetas fornecem sinais indicativos sobre as condições do tempo atmosférico para o futuro.

Verificou-se durante as entrevistas que os profetas da chuva usam termos próprios da região para se referirem aos indicativos do tempo, tais como: “inverno bom” (quando ocorre chuvas abundantes no período da quadra chuvosa do município de Alagoa Grande/PB, que de acordo com AESA (2018), situa-se entre os meses de abril e julho, e que favorece o plantio e o desenvolvimento das lavouras, pasto para o

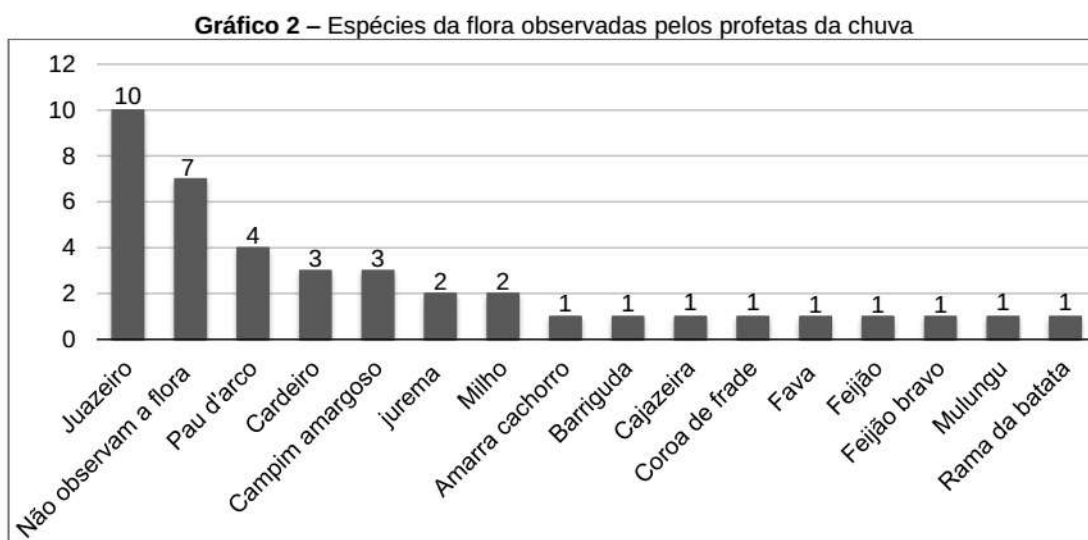
gado e acúmulo de água nos mananciais), “inverno ruim” (quando, durante o período da quadra chuvosa, há pouca ocorrência de precipitações pluviométricas), “inverno próximo” (refere-se aos sinais que indicam proximidade do período mais chuvoso, quando ocorrem chuvas com maior frequência e intensidade).

Outros termos também utilizados pelos profetas da chuva são: “inverno fraco” (quando, durante o período da quadra chuvosa, há ocorrência de períodos de estio, o que prejudica o desenvolvimento das atividades agrícolas), “chuvas próximas” (se referem aos sinais que indicam que está muito próximo de chover, podendo ser uma questão de horas ou de poucos dias), seca (se referem ao período em que há pouca, ou nenhuma ocorrência de chuvas), “seca prolongada” (quando o período de estio se prolonga).

A seguir, temos a apresentação das categorias, dos elementos e seus respectivos sinais indicativos obtidos durante a pesquisa.

4.1.1 Elementos da categoria flora

Na categoria flora foram citadas 15 espécies vegetais (Gráfico 2), nas quais os profetas da chuva se baseiam para realização das profecias de inverno ou seca.



Fonte: Elaborado pelo autor – Pesquisa de campo 2017/2018.

Dentre as espécies da flora apontadas como bioindicadoras de inverno e seca, temos as seguintes experiências citadas pelos profetas da chuva:

- Juazeiro (*Ziziphus joazeiro*), corroborado por 10 (25%) dos entrevistados. De acordo com os profetas, esse elemento possui dois indicativos: observa-se a frutificação, o juá (fruto) só cai no solo quando está chovendo, isso é um indicativo de inverno bom (que na quadra chuvosa, haverá ocorrência de chuvas mais frequentes); quando se observa que está carregado com poucas flores ou quando está carregado com poucos frutos, é sinal de inverno ruim;
- Pau d'arco (*Tabebuia serratifolia*), elemento apresentado por 4 (10%) dos entrevistados, quando começa a florir e cair as folhas, no final do mês de dezembro, é um sinal indicativo de inverno próximo;
- Cardeiro/Mandacaru (*Cereus jamacaru*), afirmado por 3 (7,5%) dos entrevistados, quando começa a florir com as primeiras chuvas que ocorrem entre os meses de janeiro e março, é sinal de que o inverno está próximo (que está se aproximando o período em que ocorrem chuvas mais frequentes, que favorecem o desenvolvimento das atividades agrícolas);
- Capim amargoso (*Digitaria insularis*), citado por 3 (7,5%) dos profetas, quando essa espécie começa a escumar no período do verão (na seca), tem-se pela experiência que é um sinal indicativo de inverno bom;
- Jurema (*Mimosa tenuiflora*), afirmado por 2 (5%) dos profetas entrevistados, também possui dois indicativos: quando começa a florir, é um sinal de inverno bom; quando as sementes começam a cair, é sinal de seca;
- Milho (*Zea mays*), apontado por 2 (5%) dos entrevistados, observa-se o tempo do plantio que, após a sua plantação até o mês de maio, na experiência mostra garantia de uma boa colheita, constituindo-se em um indicativo de inverno bom;
- Amarra cachorro (*Jacquemontia tamnifolia*), elemento da flora mencionado por 1 (2,5%) dos entrevistados. De acordo com as experiências, quando começa a florir, em grande quantidade, é um sinal indicativo de seca;
- Barriguda (*Ceiba glaziovii*), apresentado por 1 (2,5%) dos profetas da chuva entrevistados, quando essa espécie começa a florir e trazer um grande carregamento de flores, é um sinal indicativo de que o inverno está próximo;
- Cajazeira (*Spondia mombin*), apontado por 1 (2,5%) dos entrevistados. De acordo com as experiências, essa espécie da flora apresenta dois indicativos: sinal de inverno bom, quando se verifica que a floração ocorre por igual em todas as galhadas; e sinal de seca, quando a floração ocorre de forma desigual, falhada;

- Coroa de frade (*Melocactus zehntneri*), referido por 1 (2,5%) dos entrevistados, quando ocorre as primeiras chuvas e sai as flores minúsculas na base da coroa, os profetas têm a experiência de que é um sinal indicativo de inverno próximo;
- Fava (*Phaseolus lunatus*), elemento declarado por 1 (2,5%) dos profetas, de acordo com as experiências, observa-se o período do plantio e após o dia 19 de março, dia de São José se cair chuva a safra está garantida, sendo um indicativo de inverno bom;
- Feijão (*Phaseolus vulgaris*), citado por 1 (2,5%) dos profetas entrevistados, observa-se o período do plantio, que ocorre normalmente no mês de abril, plantando nesse mês (início da quadra chuvosa de Alagoa Grande/PB) é sinal de boa safra, este mês definirá uma boa produção, assim, esse elemento é um indicativo de inverno bom (período que ocorrem chuvas que beneficiam o desenvolvimento da lavoura);
- Feijão bravo (*Capparis hastata*), mencionado por 1 (2,5%) dos entrevistados. Os profetas observam a frutificação dessa espécie, quando carrega (põe frutos) em todos os seus ramos, é um sinal indicativo de inverno próximo;
- Mulungu (*Erythrina mulungu*), citado por 1 (2,5%) dos entrevistados, quando começa a floração em grande quantidade, é uma indicação de que o inverno está próximo;
- Rama da batata doce (*Ipomoea batatas*), apontada por 1 (2,5%) dos entrevistados, nesse elemento observa-se o período mais chuvoso para o plantio, a partir de março até maio que é bom para plantar a rama da batata, se constitui em um indicativo de inverno bom.

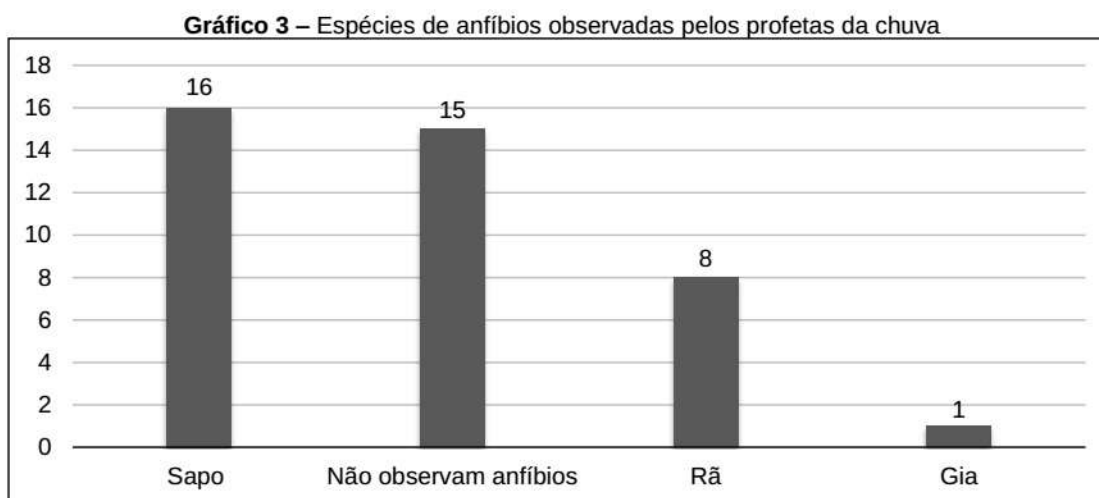
Verifica-se que os profetas da chuva de Alagoa Grande/PB, Nordeste do Brasil, possuem um considerável conhecimento em relação a observação de elementos da flora, em que são detectadas características tais como: a floração e frutificação para a realização de suas profecias de inverno e seca. Percebe-se, que observar a flora é considerado um bom método para prever o tempo. Resultados também foram encontrados por Araújo *et al* (2013), que realizaram um estudo com o objetivo de fazer um levantamento etnobotânico no Agreste Paraibano, mais precisamente no município de Fagundes/PB, para verificar o uso da Etnoclimatologia popular através da observação dos sinais mostrados por espécies vegetais, tidas como plantas que prenunciam chuvas. Na ocasião, as autoras identificaram várias

espécies bioindicadoras de chuvas nas quais os agricultores da região também observam as características da floração e frutificação, o que está sendo confirmado na nossa pesquisa.

4.1.2 Elementos da categoria fauna

Na categoria fauna identificou-se um grande número de espécies de animais que servem como base para as experiências dos profetas da chuva, assim, todos os elementos citados foram organizados em subcategorias que levam em consideração as suas classes, entre as quais temos: Anfíbios, Anelídeos, Aracnídeos, Aves, Insetos, Mamíferos, Moluscos e Répteis. Tal resultado também foi registrado nos estudos de Silva (2013), que verificou um grande número de elementos específicos da fauna observados pelos profetas da chuva no Seridó Potiguar.

Na subcategoria anfíbios, foram citados pelos profetas da chuva as seguintes espécies bioindicativas (Gráfico 3):



Fonte: Elaborado pelo autor – Pesquisa de campo 2017/2018.

Entre os elementos da subcategoria Anfíbios, os profetas da chuva observam padrões de comportamento tais como: a ocorrência de emissão de sons e local onde vocalizam. Assim temos as seguintes experiências afirmadas:

- Sapo (*Bufos spp*), foi apontado por 16 (40%) dos entrevistados. De acordo com as experiências dos profetas da chuva, quando começam a cantar é sinal de que nas próximas horas, ou até dias haverá ocorrência de chuva.

- Rã (*Rana pipiens*), espécie afirmada por 8 (20%) dos entrevistados, quando começa a cantar (emitir som), tem-se pela experiência dos profetas que em até três dias chove, constituindo-se em um elemento indicativo de chuva próxima.
- A Gia (*Leptodactylus labyrinthicus*), que foi citada por 1 (2,5%) dos profetas entrevistados, quando começam a cantar (emitir som) nos mananciais de água é sinal de que vai chover.

Observou-se que, para os profetas da chuva entrevistados nas comunidades rurais de Alagoa Grande/PB, os anfíbios são bons bioindicadores de ocorrência de chuvas, principalmente o sapo (*Bufo spp*). Outras pesquisas também verificaram a observação do comportamento de anfíbios como prenúncio de chuva, a exemplo dos trabalhos de Bruno e Martins (2008) e Silva (2013), nos quais verificaram que os entrevistados se baseiam nos comportamentos de anfíbios para prever o tempo, resultado corroborado com a nossa pesquisa.

Na subcategoria anelídeos, foi citada pelos profetas da chuva apenas uma espécie da fauna, na qual temos a seguinte experiência: Minhoca (*Pheretima hawayana*), observada por 2 (5%) dos entrevistados, quando começa a andar sobre o solo é sinal de chuva para os próximos dias.

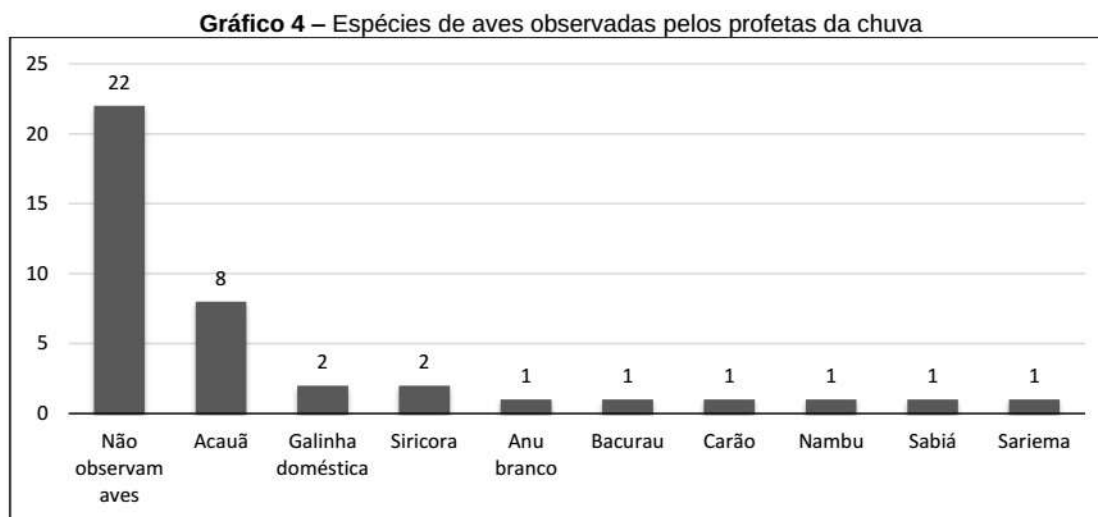
Na subcategoria aracnídeos, foram citadas duas espécies, as quais, os profetas da chuva se baseiam na observação do comportamento noturno e características da coloração. Assim foram verificadas as seguintes espécies e respectivas experiências e sinais indicativos:

- Caranguejeira (*Lasiadora sp*), apresentada por 1 (2,5%) dos profetas entrevistados, quando começam a se agitar e andar no chão e nas paredes das casas durante a noite é sinal de chuva para as próximas horas ou próximos dias.
- Embuá (*Lulus sabulosus cylindroiulus*), citado por 1 (2,5%) dos entrevistados, de acordo com a visão dos profetas da chuva, essa espécie possui dois indicativos, que varia de acordo com a sua coloração: o embuá preto quando começa a andar sobre o solo é sinal de chuva para os próximos dias; quando se observa que o embuá vermelho começa a andar sobre a terra é sinal indicativo de seca.

A observação do comportamento de espécies da classe dos aracnídeos como base para as experiências de chuva e seca foram, igualmente, registradas no trabalho de Nogueira e Lopes (2015), ao realizarem um estudo sobre prenúncio de chuvas por animais na visão de moradores da zona rural do município de Cuité/PB, no qual também observaram a utilização da aranha caranguejeira (*Lasiadora sp*) como

bioindicadoras de chuva, onde um dos entrevistados, durante a pesquisa, relatou que elas saem à noite porque a terra fica quente quando tá perto de chover.

Na subcategoria Aves, foram citadas as seguintes espécies, observadas pelos profetas, como bioindicadoras do tempo (Gráfico 4):



Fonte: Elaborado pelo autor – Pesquisa de campo 2017/2018.

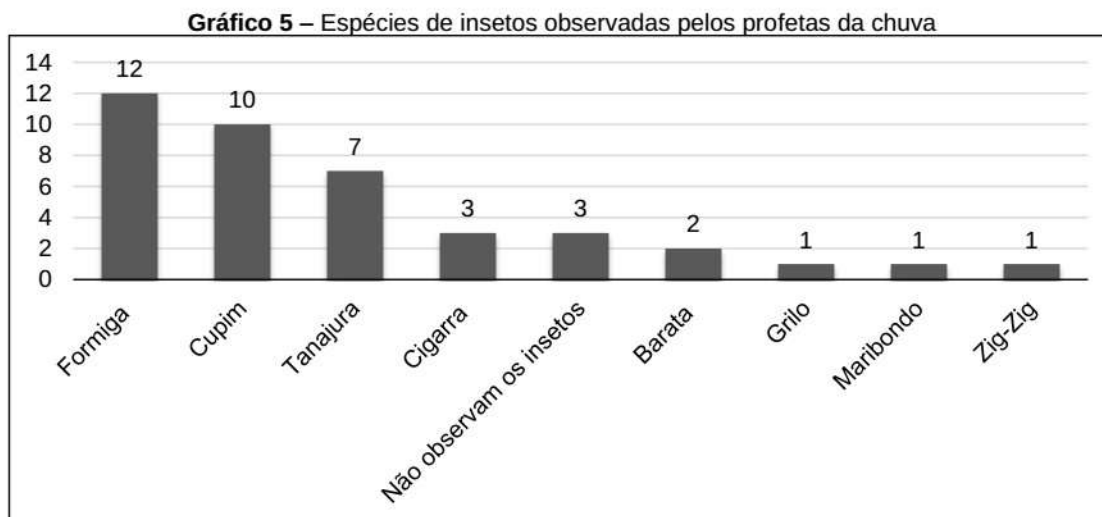
Nos elementos da subcategoria Aves, os profetas da chuva entrevistados costumam observar a frequência com que ocorre a vocalização em determinadas localidades, esses comportamentos são a base para a realização das profecias.

- Acauã (*Herpetotheres cachinnans*), espécie citada por 8 (20%) dos profetas entrevistados, possui dois indicativos: quando está cantando nos terrenos altos ou em cima de uma árvore com muitas folhas verdes é sinal de bom inverno (que o período chuvoso vai favorecer o desenvolvimento das lavouras); quando está cantando nas várzeas ou em cima de árvores secas, é um indicativo de seca;
- Galinha doméstica (*Gallus gallus domesticus*), apontada por 2 (5%) dos entrevistados, quando se deita no chão e abre as asas durante os dias abafados, tem-se pela experiência dos profetas da chuva que esse tipo de comportamento é sinal de chuva para as próximas horas;
- Siricora/saracura (*Aramides saracura*), apontada por 2 (5%) dos entrevistados, quando começa a cantar é sinal de que nos próximos dias haverá ocorrências de chuva.

- Anu branco (*Guira guira*), afirmado por 1 (2,5%) dos entrevistados, quando começa a voar com maior frequência em uma determinada área é sinal de chuva para as próximas horas e para os próximos dias.
- Bacurau (*Nyctidromus albicollis*), ave bioindicadora apontada por 1 (2,5%) dos entrevistados – quando começa a cantar é um sinal indicativo de seca.
- Carão (*Aramus guarauna*), mencionado por 1 (2,5%) dos profetas entrevistados, de acordo com as experiências, quando essa ave começa a cantar, nos próximos 2 ou 3 dias chove, portanto, esse é um elemento indicativo de chuva próxima.
- Nambu (*Crypturellus parvirostris*), espécie bioindicadora citada por 1 (2,5%) dos profetas entrevistados, quando essa ave começa a cantar é sinal de chuva para os próximos dias.
- Sabiá (*Turdus*), citado por 1 (2,5%) dos entrevistados, na visão dos profetas da chuva, quando começa a vocalizar, no início do período de chuvas, é sinal de que o inverno vai ser bom.
- Sariema/Seriema (*Cariama cristata*), corroborado por 1 (2,5%) dos profetas entrevistados, quando começa a cantar é sinal de chuva para os próximos dias.

A subcategoria Aves foi a que teve mais elementos específicos, da categoria geral Fauna, apontados pelos profetas da chuva de Alagoa Grande/PB, sendo 9 espécies no total. De acordo com Araújo, Lucena e Mourão (2005), uma justificativa para os agricultores observarem as aves é o fato de que elas são boas bioindicadoras de chuva. Os autores supracitados realizaram um estudo sobre o prenúncio de chuvas pelas aves na percepção de comunidades rurais no município de Soledade/PB, e verificaram que alguns comportamentos das aves, tais como a vocalização e reprodução, forma de se construir os ninhos, fornecem, de fato, informações sobre indicação de chuva. Observaram também que os habitantes possuem um considerável conhecimento acerca do modo de se comportamento das aves. Os autores mencionados acima, conceituam esse saber específico de etnoornitológico, saberes populares sobre a observação do modo de se comportar das aves, que são transmitidos de geração para geração e socialmente entre as pessoas, sendo esse conhecimento contínuo na região. Assim, a nossa pesquisa corrobora com os resultados dos autores citados, pois verificou-se que, de fato, as aves oferecem bioindicações de chuva.

Na subcategoria insetos, foram citadas as seguintes espécies bioindicadoras verificadas nas experiências dos profetas entrevistados e que servem como base para a realização de suas profecias de chuva ou seca (Gráfico 5):



Fonte: Elaborado pelo autor – Pesquisa de campo 2017/2018.

Entre as espécies de insetos citadas pelos profetas da chuva, observa-se alguns padrões de comportamentos peculiares que indicam chuvas e seca. Logo verificou-se as seguintes experiências:

- Formiga (*Atta ssp*), afirmada por 12 (30%) dos entrevistados, também apresenta três sinais indicativos: quando estão com asas é sinal de inverno bom; quando as formigas pretas começam a levar os filhotes para as áreas mais altas e começam a andar formando fileiras carregando folhas é sinal de que haverá chuva nos próximos dias; quando há muitas formigas vermelhas agitadas, trabalhando e andando formando fileiras é sinal indicativo de seca;
- Cupim (*Cryptotermes spp*), apontado por 10 (25%) dos entrevistados, apresenta três sinais indicativos: quando ocorre as primeiras chuvas no mês de janeiro e os cupins começam a voar é sinal de um bom inverno; quando se observa que os cupins dentro da toca estão com asas é sinal de que o inverno está próximo; quando se observa que os cupins que estão dentro da toca não possuem asas é um sinal de seca prolongada;
- A Tanajura (*Atta sexdens*), citada por 7 (17,5%) dos entrevistados, apresenta dois sinais indicativos: quando se observa que, logo após as primeiras chuvas, sai mais tanajuras pretas e muitas fêmeas é sinal de bom inverno (que vai ocorrer chuvas

- mais frequentes, o que beneficia as lavouras); quando sai mais tanajuras vermelhas e muitos machos é sinal de que os dias vindouros serão secos;
- Cigarra (*Cicadoidea/Tibicen linnei*), apontada por 3 (7,5%) dos entrevistados, possui dois indicativos: quando a cigarra começa a cantar nas matas, entre os meses de dezembro e março, durante a noite é sinal indicativo de inverno próximo; quando a cigarra da seca começa a cantar, entre os meses de junho e julho, é sinal de que o período do inverno está terminando;
 - Barata doméstica (*Periplaneta americana*), espécie citada por 2 (5%) dos entrevistados, segundo os profetas da chuva, quando começam a ficar agitadas e a voar dentro de casa, é um sinal indicativo de chuva próxima;
 - Grilo (*Acheta domesticus*), corroborado por 1 (2,5%) dos profetas entrevistados, quando canta (emite som) com maior frequência e mais altos durante a noite é sinal de chuva para as próximas horas;
 - O Maribondo (*Euscorpius flaviaudus*), citado por 1 (2,5%) dos entrevistados, conforme as experiências dos profetas, essa espécie possui dois indicativos: quando se observa que a caixa de maribondo está sem mel é sinal de um inverno bom; quando a caixa está com muito mel é sinal de um inverno ruim;
 - Zig-zig (*Sympetrum sp.*), esta espécie foi confirmada por 1 (2,5%) dos entrevistados, quando os zig-zigs começam a voar baixo, próximo ao solo, é sinal de chuva para as próximas horas.

Entre os profetas que afirmaram observar os insetos, no total foram citadas 8 espécies, as quais servem de bioindicadores de chuva ou seca. Para Pellegrino *et al.* (2013), os insetos apresentam modificações no comportamento sexual conforme ocorrência de mudanças na pressão atmosférica, assim as espécies são capazes de prever chuvas fortes, comportamento que consiste numa forma de prevenção contra ferimentos e mortes em condições de tempo severo. Logo, verificou-se com a nossa pesquisa que os profetas entrevistados analisam padrões de comportamento tais como: a época do ano, o período do dia e forma de como se ocorre a emissão de sons, reprodução e o trabalho dos insetos, onde a observação desses hábitos são a base para os prognósticos climáticos.

Na subcategoria mamíferos foram apontados os bovinos, citado por 3 (7,5%) dos entrevistados, de acordo com as experiências dos profetas da chuva. Quando o rebanho de bovinos começa a urrar no pasto é um sinal indicativo de ocorrência de

chuvas para as próximas horas, ou para os próximos dias. Além dos bovinos, também foram apontados os equinos, que foram citados por 1 (2,5%) dos entrevistados, quando começam a ficar agitados e a correrem em dias quentes, é um sinal indicativo de chuva para as próximas horas e também para os próximos dias.

A observação do comportamento dos mamíferos, enquanto bioindicadores de chuva e seca, também foi verificada por Silva (2013) na região do Seridó Potiguar, onde os profetas entrevistados se baseiam na forma de como o gado bovino olha para o pasto e cheira a terra, para preverem o tempo. Também na mesma região, a pesquisa de Silva, Andrade e Rozendo (2014) detectou a observação do aumento da sudorese do cavalo enquanto prenúncio de chuva.

Na subcategoria Moluscos, foi apontada pelos entrevistados apenas uma espécie, pela qual temos a respectiva experiência: Aruá (*Pomacea canaliculata*), citada por 1 (2,5%) dos entrevistados. Os profetas observam o local onde ocorre a desova do aruá nas barreiras do rio, este serve como indicativo em que o nível da água poderá chegar durante o período de chuva, se a desova ocorrer no local alto é sinal de que o inverno vai ser bom, se o aruá desovar em local baixo, é sinal de inverno fraco.

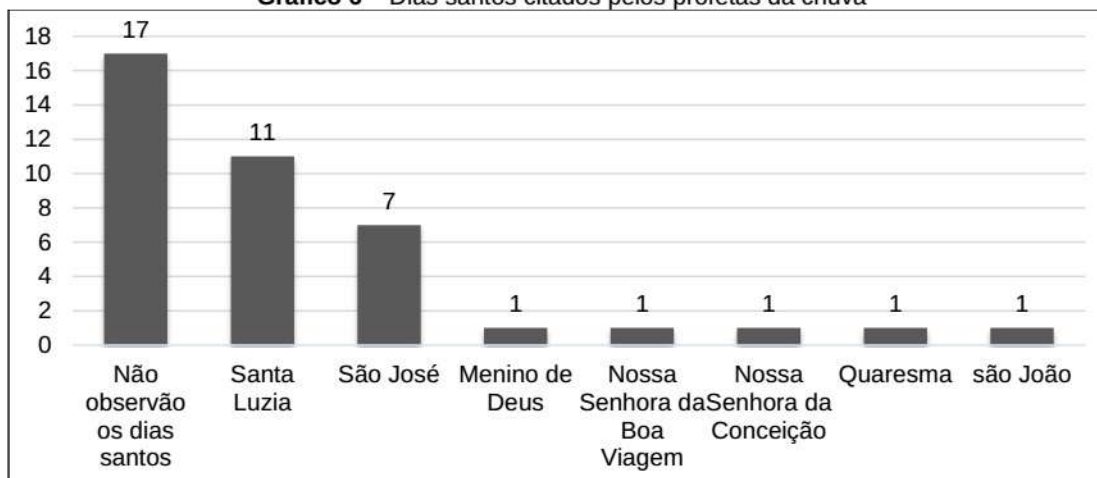
Na subcategoria Répteis, também foi apontada, pelos profetas da chuva, apenas uma espécie: Calango verde (*Ameiva ameiva*), citado por 1 (2,5%) dos entrevistados, quando começam a andar e se espojar na terra sob a luz sol, tem-se pelas experiências que ele está adivinhando chuva para os próximos dias.

Espécies de répteis, como bioindicadoras de chuva, foram igualmente descobertas na pesquisa de Santos *et al.* (2017), ao realizarem um estudo sobre os profetas da chuva e mudanças climáticas nas comunidades de Filgueiras, Jaguaré e Olho D' água, no município de Cacimba de Dento/PB, detectaram que os entrevistados se baseiam no comportamento da lagartixa (*Hemidactylus mabouia*) para preverem o tempo. Resultado que também foi confirmado através de nossa pesquisa realizada no município de Alagoa Grande/PB.

4.1.3 Elementos da categoria dias santos

Na categoria Dias santos foram apontados os seguintes santos (Gráfico 6), os quais são verificados nas experiências dos profetas da chuva para definirem as suas previsões do tempo.

Gráfico 6 – Dias santos citados pelos profetas da chuva



Fonte: Elaborado pelo autor – Pesquisa de campo 2017/2018.

Entre os profetas da chuva que afirmaram se basear nos dias santos para realização de profecias de chuva e seca, temos a seguir a descrição das experiências e seus respectivos indicativos:

- Santa Luzia (dia 13 de dezembro), corroborado por 11 (27,5%) dos entrevistados. Em relação a esse dia santo, foram relatados pelos profetas da chuva, três experiências: na primeira: observa-se se há preparação de chuva nesse dia, se chover o inverno do próximo ano vai ser bom; Na segunda: conta-se os meses a partir do dia 13 de dezembro, cada dia corresponde a um mês do ano vindouro, os dias em que ocorrer chuva significa os meses de inverno do próximo ano; Referindo-se a terceira, temos a experiência realizada com as pedras de sal, na qual, no dia 13 de dezembro coloca-se em uma tábua 12 pedrinhas de sal, cada uma corresponde a um mês do próximo ano, as pedras que derreterem significa que o mês correspondente será de chuva e as que ficarem secas será sem chuva;
- São José (dia 19 de março), elemento apontado por 7 (17,5%) dos entrevistados que afirmaram que se chover de véspera para o dia santo é sinal de inverno bom pois é nesse dia que o agricultor realiza o plantio para colher no período de São João, sendo uma das principais experiências dos profetas da chuva;
- Menino de Deus (dia 25 de dezembro), citado por 1 (2,5%) dos profetas entrevistados, nesse dia observam se há preparação de chuva, e se chover nesse dia, o inverno do ano vindouro vai ser bom. Verificou-se também outra experiência com relação a esse dia santo, na qual conta-se os dias a partir do dia 25 de dezembro, cada dia corresponde a um mês do próximo ano, o dia em que chover

significa que o mês correspondente será chuvoso, assim esse elemento é um indicativo de inverno bom;

- Nossa Senhora da Boa Viagem (dia 2 de fevereiro), afirmada por 1 (2,5%) dos entrevistados, apresenta dois indicativos: Se a coroa da santa pender para um lado, durante a procissão, é sinal de inverno bom, já quando se observa que a coroa da santa não pendeu é sinal de que o inverno vai ser ruim;
- Nossa Senhora da Conceição (dia 8 de dezembro), apontado por 1 (2,5%) dos entrevistados, se houver ocorrência de chuva nesse dia, significa que o inverno do próximo ano será bom;
- Quaresma (período de 40 dias que antecede a Páscoa), citada por 1 (2,5%) dos entrevistados. De acordo com as experiências dos profetas da chuva, se chover durante esse período, significa que o inverno vai ser bom;
- São João (dia 24 de junho), afirmado por 1 (2,5%) dos profetas da chuva, de acordo com as experiências, apresentaram dois indicativos: Quando se coloca uma garrafa com água enterrada em baixo da fogueira e se observar que a quantidade de água não diminuiu, é sinal de inverno bom, já quando se verifica que houve diminuição da quantidade de água, é sinal de inverno ruim.

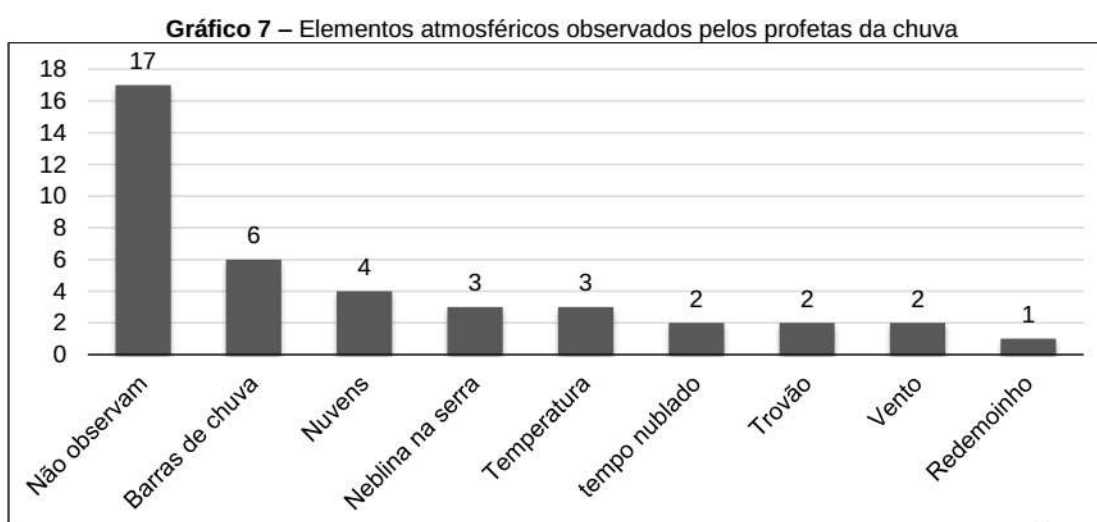
O fato de os elementos dos Dias Santos serem observados está relacionado com a religiosidade, que se faz presente na vida dos profetas da chuva no município de Alagoa Grande/PB, onde 90% dos entrevistados afirmam ser católicos e 10% apontam ser evangélicos. Corroborando com esse caso, Galeno (1998) ressaltou os dias santos como indicadores de chuvas quando as pessoas “intercedem junto ao onipotente, no sentido de que este revogue a sentença terrível que será a deflagração da seca e permanecem nesta expectativa, sem querer admitir o que seria seu desastre terrível, até a segunda semana de março (dia 19) data aniversário de São José, quando surge afinal: inverno tardio ou seca em definitivo!”. Assim, a fé nos santos é fundamental para os profetas da chuva.

A nossa pesquisa confirmou essa devoção aos santos, principalmente a Santa Luzia, a qual os profetas da chuva aguardam o seu dia de comemoração (13 de dezembro) para iniciarem as experiências. A manifestação da fé também ocorre através de novenas, realizadas nas comunidades durante o período que antecede o Natal (dia 25 de dezembro) e queimas de fogos em festejos aos santos: no dia de São José (dia 19 de março), em agradecimento aos bons sinais de inverno, e no São João

(dia 24 de junho), quando os agricultores festejam a boa safra obtida no período de chuva.

4.1.4 Categoria elementos atmosféricos

A dinâmica atmosférica também é objeto de observação dos agricultores (profetas da chuva) do município de Alagoa Grande/PB, Nordeste do Brasil. Na categoria geral dos elementos atmosféricos, os profetas da chuva se baseiam nos elementos expostos no Gráfico 7.



Fonte: Elaborado pelo autor – Pesquisa de campo 2017/2018.

Entre os elementos atmosféricos apontados pelos profetas da chuva, tem-se as seguintes experiências:

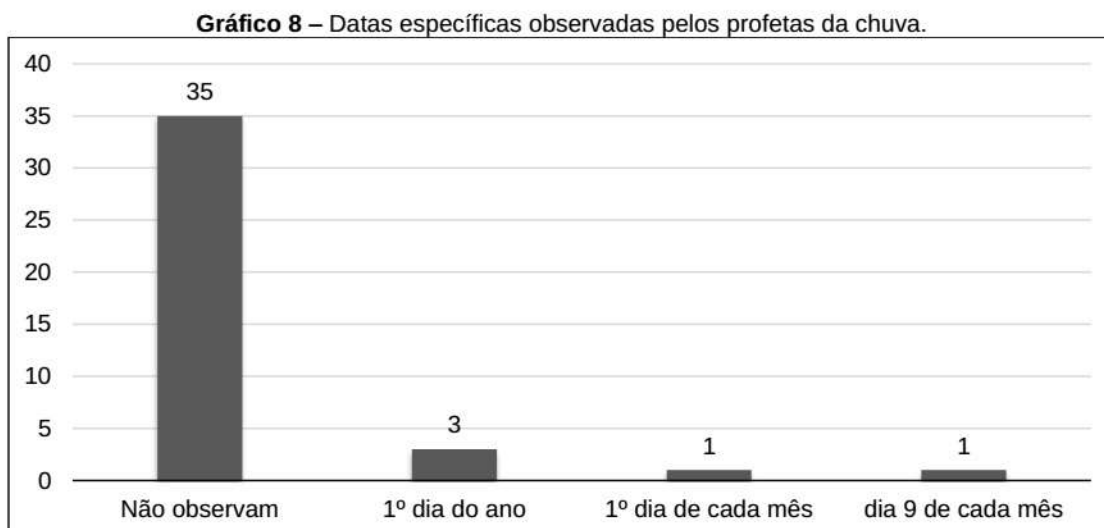
- Barras de chuva (*nuvens cumulonimbus*), elemento afirmado por 6 (15%) dos entrevistados, foram registradas duas formas de se observar esse elemento: na primeira, observa-se a presença de barras de chuva no horizonte, se houver, é um sinal indicativo de chuva nas próximas horas. Já em relação à segunda, se no primeiro dia do ano se houver a formação de barras de chuva bem fechadas é sinal de que o ano vai ser bom de inverno;
- Nuvens, citado por 4 (10%) dos profetas entrevistados. Em relação a esse elemento atmosférico, observa-se os tipos de nuvens, quando há muitas nuvens carregadas e azuladas no céu é sinal de inverno para as próximas horas;

- Neblina nas serras, mencionado por 3 (7,5%) dos entrevistados, quando os topos das serras ficam encobertos pela neblina após a ocorrência de chuvas, tem-se pelas experiências dos profetas da chuva que o inverno vai ser bom;
- Temperatura, citado por 3 (7,5%) dos entrevistados, esse elemento apresenta dois indicativos: sensação de calor e tempo abafado é um sinal chuva nas próximas horas; quando o período do inverno está terminando, observa-se que o tempo vai ficando quente, dessa forma, se tem pela experiência que o período da seca está começando;
- Tempo nublado, corroborado por 2 (5%) dos entrevistados. Os profetas chuva observam a preparação do tempo para chover, quando o céu está encoberto com muitas nuvens carregadas é sinal indicativo de chuva nas próximas horas;
- Trovão, elemento mencionado por 2 (5%) dos entrevistados – os profetas da chuva observam a direção da ocorrência de trovões, quando troveja para nascente é sinal de inverno bom;
- Vento, afirmado por 2 (5%) dos entrevistados, de acordo com as experiências dos profetas, apresenta dois indicativos: observa-se que, antes da ocorrência de chuvas, o vento costuma a ficar parado, não venta, esse é um sinal indicativo de que o inverno está próximo; quando há ocorrência de ventos frios no final da tarde é sinal de chuva para as próximas horas;
- Redemoinhos, apontado por 1 (2,5%) dos entrevistados, de acordo com os profetas, quando há intensificação de ocorrências de redemoinhos de fraca intensidade e próximos ao solo é sinal indicativo da proximidade do inverno;

Os elementos atmosféricos são importantes fontes indicadoras de chuva ou seca para os agricultores do município de Alagoa Grande/PB, que os observam e extraem informações de um tempo vindouro. Percebeu-se que os profetas da chuva entrevistados conseguem obter previsões de forma quase imediata ao analisar o comportamento desses elementos. Outros estudos também detectaram a observação de fenômenos atmosféricos em experiências de chuva ou seca, entre os quais cabe destacar a pesquisa de Fuentes, Bastos e Santos (2015), na qual realizaram um estudo sobre o conhecimento climático popular na região semiárida do estado da Bahia, onde verificaram que os entrevistados utilizam a observação da direção do vento, nuvens, elevação de temperatura, entre outros, para realização das profecias, resultado que está sendo confirmado com o nosso estudo.

4.1.5 Elementos da categoria datas específicas

Na categoria das datas específicas, os profetas da chuva de Alagoa Grande/PB citaram os seguintes dias (Gráfico 8):



Fonte: Elaborado pelo autor – Pesquisa de campo 2017/2018.

Dentre as datas específicas, temos as seguintes experiências:

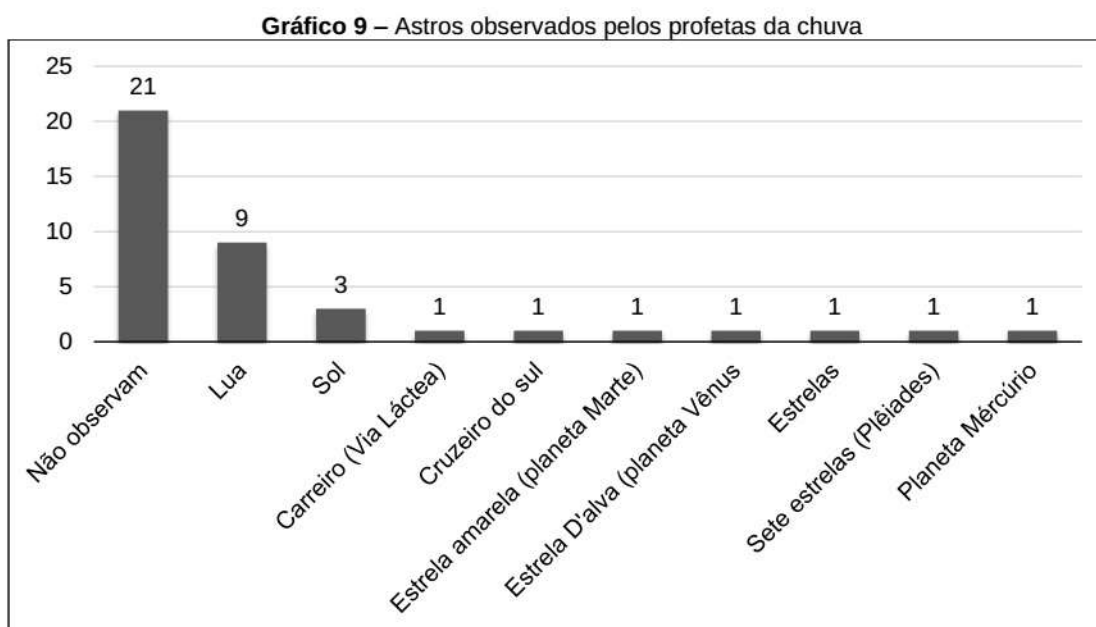
- 1º dia do ano/1º dia de janeiro, apontado por 3 (7,5%) dos entrevistados – os profetas da chuva observam no horizonte se há formação nuvens de chuva para esse dia, se chover nessa data, tem-se pela experiência que é um prenúncio de inverno bom para o ano.
- 1º dia do mês, citado por 1 (2,5%) dos entrevistados. Os profetas da chuva observam se há ocorrência de chuvas no primeiro dia dos meses de abril, maio, junho e julho (quadra chuvosa de Alagoa Grande/PB), caso ocorra precipitações nesse dia, significa que o mês correspondente terá bons acumulados de chuva;
- Dia 9, afirmado por 1 (2,5%) dos entrevistados, verifica-se a ocorrência de chuvas no dia 9 de cada mês que está inserido no período da quadra chuvosa, caso ocorra chuva nessa data específica, é sinal de que o mês correspondente vai ser bom de inverno;

Para muitos agricultores, a verificação do comportamento do tempo em alguns dias específicos é fundamental para prever se determinado mês ou ano será favorável para desenvolvimento da agricultura. A observação de datas específicas também foi constatada em outras pesquisas, a exemplo de Gonçalves e Bertino (2018), que

realizaram um estudo sobre sinais da natureza e as profecias e previsões meteorológicas na microrregião do Sertão do Pajeú, em Pernambuco, onde verificaram que os profetas daquela região também se baseiam nas observações de ocorrências de chuvas em datas específicas no decorrer do ano, obtendo a previsão de inverno bom ao observarem que, no primeiro dia de janeiro, o sol nasce encoberto por nuvens cúmulos nimbos.

4.1.6 Elementos da categoria astros

Na categoria Astros foram apontados os seguintes elementos indicadores observados pelos profetas (Gráfico 9):



Fonte: Elaborado pelo autor – Pesquisa de campo 2017/2018.

Nos elementos dos astros, os profetas da chuva observam alguns padrões de comportamento tais como: o deslocamento dos corpos celestes e a intensidade do brilho. Assim, identificou-se as seguintes experiências:

- Lua, apontada por 9 (22,5%) dos entrevistados, também apresenta dois indicativos: observa-se as fases da lua, quando a lua está nas fases de nova, crescente e cheia, tem-se pela experiência que durante essas fases costuma-se a ocorrer chuvas, observa-se também a presença da bolandeira (círculo que se forma em volta da lua), se ela estiver com a coloração azulada é sinal de chuva; se a lua estiver com

a bolandeira na coloração amarelada, tem-se pela experiência que é sinal de seca prolongada;

- Sol, afirmado por 3 (7,5%) dos entrevistados, de acordo com as experiências, esse elemento apresenta quatro indicativos: observa-se a posição de seu nascente, conforme vai aproximando o período de inverno o sol viaja para o norte; quando muda para o sul, é um sinal indicativo de seca; quando se põe azul é sinal de chuva para o próximo dia; quando se põe vermelho no outro dia não chove.
- Carreiro (Via Láctea), apontado por 1 (2,5%) dos profetas entrevistados, quando se olha para o céu durante a noite e o carreiro está com muitas estrelas visivelmente brilhantes é sinal de bom inverno;
- Cruzeiro do sul, citado por 1 (2,5%) dos entrevistados, os profetas observam o deslocamento dessa constelação durante o ano e, conforme as experiências, quando o cruzeiro muda de posição e se desloca mais para o norte é sinal de inverno próximo;
- Estrela amarela (planeta Marte), apresentada por 1 (2,5%) dos entrevistados, apresenta dois indicativos: observa-se o horário que ele nasce e a localização dele no céu, no período do inverno (quadra chuva de Alagoa Grande, entre os meses de abril e julho) verifica-se que ele nasce no horizonte mais tarde por volta das 20:00 horas, assim esse elemento se constitui em um indicativo de inverno próximo; quando ele começa a sair mais cedo no horizonte, é sinal indicativo de que o período de seca está começando;
- Estrela D'alva (planeta Vênus), afirmada por 1 (2,5%) dos entrevistados, possui dois indicativos: os profetas da chuva observam a sua localização no céu quando esse planeta se muda para o sul é sinal de inverno; quando se verifica, no céu noturno, que esse planeta viaja para o norte é sinal de que o período da seca está começando;
- Estrelas, mencionada por 1 (2,5%) dos entrevistados, observa-se o brilho das estrelas, quando elas estão brilhantes é sinal de chuva;
- Sete estrelas (Plêiades), citado por 1 (2,5%) dos profetas entrevistados, observa-se o seu brilho, se ao amanhecer ainda estiver brilhando no céu, é sinal de bom inverno;

- Planeta Mercúrio, atestado por 1 (2,5%) dos entrevistados, observa-se a movimentação desse astro no céu e o seu brilho, nos anos em que ele está com o brilho mais intenso tem-se pela experiência que o inverno vai ser ruim;

A observação dos astros como forma de prever chuvas ou secas também foi registrada por Folhes e Donald (2007), que realizaram uma pesquisa sobre previsões tradicionais de tempo e clima em seis municípios de diferentes regiões climáticas do estado do Ceará. Os autores constataram que os entrevistados se baseiam na observação do período em que ocorre o nascimento da estrela D'alva (planeta Vênus) como forma de prenúncio de estação chuvosa, resultado corroborado com a nossa pesquisa.

4.2 EXPERIÊNCIAS DOS PROFETAS DA CHUVA DE ALAGOA GRANDE/PB

Constatou-se com a pesquisa que grande parte dos profetas entrevistados costumam a realizar suas profecias se baseando na observação de vários elementos encontrados em muitas categorias, enquanto outros se baseiam apenas em alguns ou somente um. Cada profeta tem o seu modo particular de observar os elementos da natureza. Assim, Silva (2013) ao realizar um estudo sobre experiências de inverno no Seridó Potiguar, também observou que os profetas naquela região observam mais de um elemento, nesse sentido a autora afirma que os profetas podem observar o mesmo tipo de elemento, porém podem apresentar algumas particularidades no sinal observado e na indicação da previsão.

Os profetas entrevistados afirmam que aprenderam a observar as experiências de inverno e realizar as profecias de chuva e seca ainda na infância ou no início da adolescência, através de seus pais, parentes próximos e outros agricultores com quem convivem durante o dia-a-dia nas atividades do campo, outros também apontam que aprenderam através de suas próprias observações acerca do funcionamento da natureza. Nesse contexto, Pennesi e Souza (2012) ao realizarem um estudo sobre o Encontro dos Profetas da Chuva no município de Quixadá, Ceará, observaram que as narrativas sobre a natureza andam juntas com as histórias de vida dos profetas da chuva. As autoras apontam que os conhecimentos adquiridos na infância ganham novas formas quando os profetas ficam adultos, pois cada um desenvolve as suas próprias experiências. Assim, a seguir temos as experiências de inverno e seca de cada profeta entrevistado.

4.2.1 Experiências do Profeta da Chuva Elídio Laurentino

Segundo o profeta da chuva Elídio Laurentino da Silva, 66 anos de idade, residente na comunidade de Rapador, as experiências de inverno passaram a fazer parte da sua vida desde novo, quando iniciou os seus trabalhos na agricultura. O mesmo relatou durante a entrevista que aprendeu a observar as experiências de inverno com os seus pais e avós:

Com meus pais, com meus avós, fui aprendendo com o tempo né? e hoje tem como esclarecer pra você. É porque minha trajetória foi mais no campo, foi mais na agricultura aí é lógico que me carecia muito o inverno né? porque tirei a minha trajetória de mais novo na agricultura, no campo, aí é lógico que necessitava muito do inverno (Profeta da Chuva, Elídio Laurentino da Silva, 66 anos de idade).

O profeta Elídio Laurentino possui um considerável conhecimento de elementos da natureza que servem de base para a realização das suas profecias de chuva, que ocorrem durante o mês de março. Os elementos observados pelo mesmo estão distribuídos nas categorias: flora, fauna, astros e elementos atmosféricos (Quadro 2).

Quadro 2 – Experiências do profeta da chuva Elídio Laurentino

Elementos da Flora	
<ul style="list-style-type: none"> - Capim (<i>Digitaria insularis</i>): “o capim amargoso escuma no pé, no tronco”; - Jurema (<i>Mimosa tenuiflora</i>): “jurema preta quando fulora pode esperar inverno”; - Amarra cachorro (<i>Jacquemontia tamnifolia</i>): “quando o amarra [planta] cachorro tá folhando é certeza que a seca vai pegar”. 	
Elementos da Fauna	
Anfíbios	<ul style="list-style-type: none"> - Sapo (<i>Bufos spp</i>): “o cururu também quando vai chover ele canta, com certeza é inverno”; - Rã (<i>Rana pipiens</i>): “a rã é com certeza que ela já tá raspando [emitindo som] é preparando a cuia dela pra receber chuva”.
Aves	<ul style="list-style-type: none"> - Acauã (<i>Herpetotheres cachinnans</i>): “a acauã se tiver cantando numa árvore enfolhada, acauã cantando na serra é chuva na terra, acauã cantando na baixa é sol que racha”; - Galinha doméstica (<i>Gallus gallus domesticus</i>): “a galinha se cocora no meio do sol no meio do terreiro e fica de asa aberta pra cima”; - Siricora (<i>Aramides saracura</i>): “depois que a siricóia canta, no mais tardar três dias chove”.

Insetos	<ul style="list-style-type: none"> - <u>Barata (<i>Periplaneta americana</i>)</u>: “a barata voa de uma parede pra outra”; - <u>Formiga (<i>Atta ssp</i>)</u>: “tem a experiência da formiga, que ela carrega os filhote da varge pro alto que é com certeza que vai descer enchente por ali. As formigas empestam as paredes, sai subindo de parede acima”; - <u>Zig-zig (<i>Sympetrum sp.</i>)</u>: “o zig zig ele voando baixinho é com certeza que tá adivinhando que vai chover”.
Elementos da Fauna	
Mamíferos	<ul style="list-style-type: none"> - <u>Boi (<i>Bos taurus</i>)</u>: “o boi tourino urra, isso também é experiência, a gente pode divulgar que é que vai chover”.
Astros	
<ul style="list-style-type: none"> - <u>Cruzeiro do Sul</u>: “os astros também, quando o cruzeiro tá pra qui [para o norte], a butija tá cheia [fartura], é sinal que é muito inverno”; - <u>Lua</u>: “tem chovido mais na lua nova né, na época de inverno vem mais chuva na lua nova”. 	
Elementos atmosféricos	
<ul style="list-style-type: none"> - <u>Temperatura</u>: “outra coisa também que dá, a gente sente aquele calor esbafurido evaporando tudo”; - <u>Redemoinhos</u>: “dá redimunhosin mansin baixin [é sinal de inverno próximo]”. 	

4.2.2 Experiências da Profetisa da Chuva Maria das Graças (Dona Lia)

A profetisa da chuva Maria das Graças Vitorino Alves, de 67 anos de idade, que mora na comunidade de Rapador, relata que sempre morou no campo e gostou de trabalhar na agricultura e que desde os nove anos de idade já colocava roçado, afirma que aprendeu a observar as experiências de inverno com os seus pais e com as pessoas mais velhas:

Eu aprendi com os meus pais né, com os mais velhos que eles sempre diziam que pelo natal, no primeiro dia do ano novo aí tinha as experiências, se chovesse aí dizia: - o inverno esse ano vai pegar cedo. Aí quando passava o dia 2, dia 3, dia 4, – aí vai demorar, vai pegar lá pro mês de fevereiro, março [...]. Eu sempre gostei de trabalhar. Quando eu vejo chover, que molha o chão minha vontade é correr pra plantar, desde pequenininha, quando eu tinha nove anos trabalhava no roçadinho perto de casa e eu já tinha o meu separado. Toda semana quando mãe ia pra rua, eu ia lá catava os quiabos e amarrava os moin e dizia assim: -ó esse aqui é pra essa semana eu comprar uma calcinha, comprava sandalha. A gente mesmo trabalhava e lucrava pra comprar as coisa da gente A gente não é pra ter direito das coisas de Deus, mas o homem é teimoso né, aí diz assim: -chuveu, vou plantar, mas Deus não mandou ninguém plantar naquele tempo que não é o período de plantar e, às vezes, a gente perde né, é um jogo negócio de experiência. Deus é quem domina (Profetisa da Chuva, Maria das Graças Vitorino Alves, de 67 anos de idade).

A Sr^a Maria das Graças realiza suas profecias entre os meses de dezembro e janeiro. Costuma se basear em dois elementos das categorias: astros e datas específicas (Quadro 3) para a realização de suas experiências de inverno e assim saber se o período de chuvas vai ser favorável ou não ao desenvolvimento de suas lavouras.

Quadro 3 – Experiências da profetisa da chuva Maria das Graças (Dona Lia)

Astros	
	- Sol : “Quando escurece azul pra cima no outro dia chove, quando anoitece o vermelhão pra cima no outro dia faz sol”.
Datas Específica	
	- 1º dia do ano : “primeiro de ano novo, aí chove, aí é lógico que a gente tem por experiência que o inverno chega mais cedo.

4.2.3 Experiências do Profeta da Chuva Pedro Lopes (Pedro Amaro)

O agricultor Pedro Lopes da Silva (Pedro Amaro), 78 anos de idade, residente na comunidade de Covão, caracterizado como profeta da chuva, sempre morou na roça, afirma que aprendeu a observar os elementos da natureza com o seu pai e que passou a se interessar por esses conhecimentos tradicionais quando começou a trabalhar na agricultura. Suas experiências de inverno estão baseadas na observação dos elementos da fauna e dos dias santos (Quadro 4). A realização de suas profecias ocorre entre os meses de dezembro e janeiro.

Quadro 4 – Experiências do profeta da chuva Pedro Lopes (Pedro Amaro)

Elementos da Fauna	
Anfíbios	- Cutubia/sapo (<i>Bufo spp</i>) : “também, o cururu que chama cutubia, quando ele tá tururururu [emitindo som] é adivinhando cheia”.
Aves	- Acauã (<i>Herpetotheres cachinnans</i>) : “o povo diz que é agora, é não. Quando aquela danada canta é pra chover. Quando ele tá na serra cantando”; - Siricora (<i>Aramides saracura</i>) : “quando canta é sinal de chuva”.
Insetos	- Cupim (<i>Cryptotermes spp</i>) : “mês de janeiro, eu andava pelos matos aí ele [pai] mandava eu abrir os cupim e quando ele estava chei de asa, o inverno tava próximo. Vazio só com bicho novo tão cedo não chove”; - Formigas (<i>Atta spp</i>) : “Essa formiga correção, quando ela começa a andar, se agitar-se, tá adivinhando chuva também”.
Dias Santos	
	- Santa Luzia : “começava Santa Luzia e tinha o dia de abril, maio, São João, Santana, agosto, aí quando a gente chegava dia: - o ano vai ser bom de inverno”.

4.2.4 Experiências do Profeta da Chuva Antônio Raimundo

O profeta da chuva Antônio Raimundo da Silva, 66 anos de idade, morador da comunidade de Rapador, sempre morou na zona rural, relata que adquiriu os conhecimentos tradicionais das experiências de inverno através de suas próprias observações das mudanças do tempo e por meio de pessoas mais velhas, com as quais sempre conversava:

Eu aprendi com o tempo, quando o tempo tá pra chover. O tempo muda né. Com as conversas dos outros mais velhos que falavam pelo tempo também. Meu interesse é pegar o inverno pra plantar a lavoura né, desde pequeno (Profeta da Chuva, Antônio Raimundo da Silva, 66 anos de idade).

O Srº Antônio Raimundo costuma realizar as suas profecias de chuva ou de seca durante o mês de janeiro. Observa os elementos da flora, fauna, astros e dias santos para a realização de suas experiências de inverno (Quadro 5).

Quadro 5 – Experiências do profeta da chuva Antônio Raimundo

Elementos da Flora	
- Juá (<i>Ziziphus joazeiro</i>): “o juá florando é pra cair na lama né”.	
Elementos da Fauna	
Anfíbios	- Rã (<i>Rana pipiens</i>): “quando a rã rapa (emite som) nas telhas no outro dia amanhece chovendo”.
Aves	- Acauã (<i>Herpetotheres cachinnans</i>): “acauã quando canta é pra chover quando canta na mata e quando canta no baixo é pra fazer sol”.
Insetos	- Cupim (<i>Cryptotermes spp</i>): “o cupim avoa quando tá pra chover”.
Astros	
- Lua: “pela lua nova chove, na lua cheia também dá uma chuvada boa também”.	
Dias Santos	
- Santa Luzia: “quando é pra chover, o cara faz a experiência. Um mês da seco e o outro dá chovendo. No dia 13 de dezembro eu faço a experiência, boto uma carreirinha de sal, cada mês é uma coisinha daquela aí se aquele mês amanhecer molhado vai chover, se aquele amanhecer seco é o mês seco. Olhe, se janeiro chover, tá molhado, fevereiro se não chover tá seco, março num chover é seco, abril chover é chuvoso, maio se chover molha também, São João se chover molha, Santana aí pronto”.	

4.2.5 Experiências da Profetisa da Chuva Maria Raimunda

A profetisa da chuva Maria Raimunda da Silva, 67 anos de idade, residente da comunidade de Rapador, sempre morou no campo, relata que começou a observar

os elementos da natureza e verificar as experiências de inverno a partir dos 16 anos de idade quando começou o seu trabalho na agricultura:

Com meus avós, com meus pais que eles começavam logo cedo no trabalho que é pra janeiro em vante o roçado já tá feito. Com 16 anos em diante que eu peguei trabalhar muito em roçado aí a gente fazia experiência pelo inverno (Profetisa da Chuva Maria Raimunda da Silva, 67 anos de idade).

A Sr^a Maria Raimunda possui um vasto conhecimento acerca das experiências de inverno. Costuma a realizar suas profecias entre os meses de janeiro e março pois, conforme afirma, “janeiro a gente faz o roçado e em fevereiro, março a gente já começa a esperar pra fazer a planta”. Observa o comportamento de elementos presentes nas categorias: flora, fauna, dias santos, astros, elementos atmosféricos e datas específicas (Quadro 6).

Quadro 6 – Experiências da profetisa da chuva Maria Raimunda

Elementos da Flora	
- Juá (<i>Ziziphus joazeiro</i>): “o juá florando no mês de novembro, quando é de janeiro em vante cai na chuva, quando chove ele cai maduro”.	
Elementos da Fauna	
Anfíbios	- Rã (<i>Rana pipiens</i>): “as rãs também ficam rapando [emitindo som] é adivinhando chuva”; - Sapo (<i>Bufo spp</i>): “os sapos cantando é adivinhando chuva, os sapo canta também nas baixas”;
Aves	- Galinha doméstica (<i>Gallus gallus domesticus</i>): “as galinhas ficam deitada no sol levando o maior sol quente que ela fica deitada na areia aí também é adivinhando chuva”.
Insetos	- Barata (<i>Periplaneta americana</i>): “quando tá pra chover respeita os insetos, as baratas voa, fica voando quando tem nas casas”; - Cupim (<i>Cryptotermes spp</i>): “no começo de janeiro aparece cupim de asa [sinal de inverno bom]”; - Maribondo (<i>Euscorpius flaviaudus</i>): “tira a caixa de maribondo em dezembro tiver com mel o ano não é bom pra inverno, se não tiver com mel chove cedo”;
Dias Santos	
- São José (19 de março): “São José é uma boa experiência por que o povo planta pra comer o milho verde no São João”; - Santa Luzia (13 de dezembro): “a gente bota umas pedras de sal numa tábua aí que a tábua amanhecer, as pedras de sal molhando a tábua aí é inverno cedo”	
Dias Santos	
- Dia de Nossa Senhora da Conceição (8 de dezembro): “se chover também é uma experiência boa pro outro ano”; - São João (24 de junho): “na fogueira bota uma garrafa d’água no chão, faz um buraquinho e planta a garrafa, se aquela garrafa secar até pelo meio o inverno é	

fraco e se não secar nada pode cuidar, pode trabalhar na terra seca, que o inverno vai ser bom”.
Astros
- Sol : “o sol muito quente também é sinal também”.
Elementos Atmosféricos
- Barra de chuva : “quando é pra chover o céu fica bem barrado, aquelas barrinhas azulzinha é sinal de chuva”.
Datas Específicas
- Experiência do dia 9 : “se chover no dia 9 de março, fevereiro, é bom inverno”.
- Experiência do 1º dia do mês : “se chover no primeiro do mês, o resto do mês não chove bem, agora quando chove do dia 2 em diante aí o inverno é bom”.

4.2.6 Experiências do Profeta da Chuva Severino Lourenço (Biu Lourenço)

O profeta da chuva Severino Lourenço da Silva (Biu Lourenço), morador da comunidade de Rapador, tem 69 anos de idade, afirma que sempre foi criado na agricultura e aprendeu a observar os elementos da natureza e a fazer as experiências de inverno com os seus pais, que possuíam um apurado conhecimento acerca do tempo:

Com meus pais que eram mais experientes, agricultor vei, já amanhecia o dia olhando pro tempo, pro céu pra ver se vai chover aí criado na agricultura. Por que eu sou sempre agricultor, sou filho de agricultor aí tem que continuar na experiência mesmo que nem eles, continuar, aí sempre eu planto e não pode se desligar das experiências não (Profeta da Chuva Severino Lourenço da Silva (Biu Lourenço), 69 anos de idade).

O Srº Severino Lourenço costuma observar as experiências entre os meses de março e maio pois segundo o profeta “até maio o agricultor já começa saber que o inverno vem”. A base para a verificação das suas experiências são os elementos das categorias fauna e atmosféricos (Quadro 7).

Quadro 7 – Experiências do profeta da chuva Severino Lourenço (Biu Lourenço)

Elementos da Fauna	
Anfíbios	- Gia (<i>Leptodactylus labyrinthicus</i>) : “as gias canta dentro das grotas aquele canto meio forte aí já sabe que o inverno tá chegando”; - Sapo (<i>Bufos spp</i>) : “os sapos começam a cantar”.
Insetos	- Tanajura (<i>Atta sexdens</i>) : “quando sai mais macho é mais sol, quando sai mais feme aí vem chuva. É melhor experiência que a gente tem”.
Elementos Atmosféricos	
	- Trovão : “o inverno é bom começa a dar uns trovãozin”; - Tempo nublado : “dia amanhece bem nublado aí já fica mais animado”;

4.2.7 Experiências do Profeta da Chuva João José (João Lourenço)

O profeta da chuva João José da Silva (João Lourenço), 87 anos de idade, começou a observar o comportamento dos elementos da natureza e realizar profecias de chuva ou seca desde a sua infância quando começou a trabalhar na agricultura. Relata que adquiriu esses conhecimentos tradicionais por meio dos seus pais que sempre trabalharam na roça. Para o agricultor, as experiências de inverno deixam ele mais animado para realizar os seus trabalhos no campo “por que quando amanhece o dia a gente observa a experiência e já fica contente”.

O Srº João Lourenço costuma verificar as experiências nos meses de fevereiro, março e abril. Os elementos observados pelo profeta fazem parte das categorias: dias santos e atmosféricos (Quadro 8).

Quadro 8 – Experiências do profeta da chuva João José (João Lourenço)

Dias Santos	
- Dia de São José (19 de março): “quando bate uma chuvinha aí diz que a experiência é boa. Hoje vai chover o inverno vai ser bom”.	
Elementos atmosféricos	
- Barra de chuva: “a barra de ano, a barra bonita o ano vai ser bom de inverno”.	

4.2.8 Experiências do Profeta da Chuva Cícero Antero (Seu Antero)

O profeta da chuva Cícero Antero dos Santos (Seu Antero), residente da comunidade de Covão, 76 anos de idade, aprendeu a observar as experiências de inverno com a própria natureza, analisando o comportamento dos elementos, e através do trabalho no campo, onde o mesmo afirma: “A gente aprendia trabalhando e sempre via as rãzinha quando cantava aí quando de fé chegava a chuva”.

O Srº Cícero observa as experiências no mês de março, quando costuma a fazer o plantio do seu roçado e os elementos da natureza observados por ele fazem parte da categoria fauna (Quadro 9).

Quadro 9 – Experiências do profeta da chuva Cícero Antero (Seu Antero)

Elementos da Fauna	
Anfíbios	- Rã (<i>Rana pipiens</i>): “quando as rãzinhas começava a cantar fica chamando chuva”;
Elementos da Fauna	
Insetos	- Cupim (<i>Cryptotermes spp</i>): “quando a gente trabalhava e via os cupins voando aí dizia: -vai chover”;

	- Formigas (<i>Solenopsis spp</i>): “quando as formigas fedorentas pega a caminhar aí a gente podia esperar que vinha chuva”.
--	--

4.2.9 Experiências da Profetisa da Chuva Jandira Laurentino

A profetisa da chuva Jandira Laurentino da Silva, 60 anos de idade, residente da comunidade de Rapador, aprendeu a observar os elementos da natureza com os seus pais, que já possuíam esse conhecimento, e afirma que passou a se interessar pelas experiências de inverno desde a infância quando começou a trabalhar na agricultura:

Eu aprendi já com meus pais, desde pequena que meu pai é agricultor aí escutava ele falando dessas coisas aí eu fiquei naquilo, me criei nesse pensamento que ele tinha. Me interessou muito por que eu, desde criancinha que eu trabalhava na agricultura aí eu junto com meus pais também aí eu comecei lembrando do que ele me falava e até hoje tenho essa experiência de inverno, por causa de meu pai que trabalhou muito na agricultura. Antigamente as experiência eram melhor, só que agora sempre tá falhando, que apresenta uma coisa que o inverno vai ser bom já, e o inverno é fraco. Um ano tendo inverno, tem fartura, tem água pra gente beber, tem pasto pro gado, tem toda vantagem pro agricultor. Um ano de seca é muito ruim por que nem tem pasto pros gado, nem tem água pra gente beber né aí é ruim pra nós e pros animais (Profetisa da Chuva, Jandira Laurentino da Silva, 60 anos de idade).

A profetisa Jandira Laurentino observa as experiências entre os meses de janeiro e maio, e os elementos observados pela mesma fazem parte das categorias: fauna, flora, atmosféricos e astros (Quadro 10). Através da observação desses comportamentos, ela organiza o seu trabalho na agricultura.

Quadro 10 – Experiências da profetisa da chuva Jandira Laurentino

Elementos da Flora	
- Juá (<i>Ziziphus joazeiro</i>): “quando o juá tá maduro só cai na lama aí o inverno continua”.	
Elementos da Fauna	
Anfíbios	- Rã (<i>Rana pipiens</i>): “quando as rãzinha tão cantando é sinal de inverno”.
Elementos Atmosféricos	
- Neblina na serra: “quando as neves tá nas serras, diz também que é muito bom de inverno o ano”.	
Astros	
- Lua: “quando a lua é nova que tem a força da lua todo mundo tem a experiência que vai chover bem na força da lua nova, lua cheia, lua crescente”.	

4.2.10 Experiências do Profeta da Chuva José Laurentino

O profeta da chuva José Laurentino da Silva (Zé Furão), 42 anos de idade, mora na comunidade de Rapador, na qual sempre viveu e trabalhou, relata que aprendeu os conhecimentos das experiências de inverno através dos pais e avós e que passou a se interessar pela observação do comportamento dos elementos da natureza por volta dos 10, 12 anos de idade quando começou a trabalhar na agricultura realizar as profecias:

Eu aprendi essas experiências através dos povo mais velho. Pelos avós, pelos pais da gente. Nós traz essas experiências com a gente por que a gente aprendemos através dos mais velhos. Quando comecei a trabalhar na agricultura, desde pequeno que comecei a botar roçado com 10, 12 anos eu já botava um roçadinho, então quando o inverno chegava achava bom pra gente plantar uma lavourinha, pra gente comer um feijão verde, um milho verde, é tudo isso aí que anima a gente que somos agricultor (Profeta da Chuva, José Laurentino da Silva, 42 anos de idade).

O Srº José Laurentino costuma observar as experiências de inverno no mês de dezembro, tendo como base a observação do comportamento dos elementos da fauna, dias santos e atmosféricos como prenúncios de chuva ou seca (Quadro 11).

Quadro 11 – Experiências do profeta da chuva José Laurentino

Elementos da Fauna	
Anfíbios	- Rã (<i>Rana pipiens</i>): “a rã canta na telha é certeza, depois de três dia que a rã canta, ou dois dias, o inverno chega”; - Sapo (<i>Bufos spp</i>): “quando tá cantando é adivinhando chuva”.
Elementos da Fauna	
Aves	- Acauã (<i>Herpetotheres cachinnans</i>): “a acauã canta nas varge [sinal de inverno bom]”.
Dias Santos	
- Santa Luzia (dia 13 de dezembro): “até o mês de festa tem como a gente ver qual é o mês que vai chover mais. Depois de Santa Luzia até cada dia que for chovendo, se chover no dia de Santa Luzia, chove em janeiro, e aí então cada dia que for passando depois de Santa Luzia, chove janeiro, fevereiro, março, o dia que chover vai cair no mês que vai chover”.	
Elementos Atmosféricos	
- Temperatura: “quando tá muito quente, fazendo muito calor abafado”.	

4.2.11 Experiências do Profeta da Chuva Cristiano Laurentino

O profeta da chuva Cristiano Laurentino da Silva, 31 anos de idade, o mais jovem entre os entrevistados, residente na comunidade de Rapador, aprendeu a

observar os sinais das experiências de inverno com as pessoas mais velhas. Relata que desde pequeno, quando começou a trabalhar na agricultura, vem observando o comportamento da natureza para saber se vai ser um ano bom de inverno. Para o profeta, esse conhecimento é importante para quem trabalha na agricultura pois, conforme afirma o mesmo, “a gente somos agricultor né? O agricultor tem que saber”.

Cristiano Laurentino inicia as observações das experiências de inverno entre os meses de janeiro e fevereiro, período em que inicia a preparação do roçado, e continua a observar até o mês de junho, para garantir o desenvolvimento de sua lavoura. Os elementos que norteiam os realização de suas profecias de chuva ou seca fazem parte das categorias: Flora e Fauna (Quadro12).

Quadro 12 – Experiências do profeta da chuva Cristiano Laurentino

Elementos da Flora	
- Pau d’arco (<i>Tabebuia serratifolia</i>): “O Pau daico quando fica florido é inverno”	
Elementos da Fauna	
Aves	- Acauã (<i>Herpetotheres cachinnans</i>): “Quando a acauã canta em cima de uma árvore verde é sinal de chuva, quando canta lá nas varge do rio, é sinal de sol”.
Insetos	- Tanajura: “quando cai tanajura que seja preta ou vermelha. Se for preta é chuva, se for vermelha é sol”.

4.2.12 Experiências do Profeta da Chuva Gilvan Laurentino

O profeta da chuva Gilvan Laurentino da Silva, 61 anos de idade, mora na comunidade de Rapador, afirma que aprendeu a observar os elementos da natureza com os seus pais e avós, pessoas que já possuíam um antigo conhecimento adquirido em relação a realização das profecias de chuva e seca. Conforme o relato, as observações das experiências de inverno são decisivas para a o seu trabalho no campo, pois conforme aponta o profeta “Quando começa chover a gente vai começar antes, começar a brocar mato, quando começa o inverno a gente começa a ajeitar o roçado pra plantar”.

O Srº Gilvan Laurentino observa os elementos da natureza entre os meses de março e abril, quando também começa a preparar o roçado para o plantio e se norteia através de indicadores das categorias dos elementos atmosféricos e dos dias santos para realizar as suas profecias (Quadro 13).

Quadro 13 – Experiências do profeta da chuva Gilvan Laurentino

Elementos Atmosféricos	
- Barra de chuva: “barra fechada, amanhecer chovendo”.	
Dias Santos	
- Santa Luzia (dia 13 de dezembro): “se chover o inverno é bom”;	
- São José (dia 19 de março): “[consagrado ao santo se] planta o milho pra comer no São João”.	

4.2.13 Experiências da Profetisa da Chuva Severina Atanásio

A profetisa da chuva Severina Atanásio dos Santos, 61 anos de idade, moradora da comunidade de Rapador, aprendeu com os mais velhos a prática de observação dos elementos da natureza e realização das profecias de chuva e seca. Afirma que passou a se interessar pelas experiências de inverno desde a adolescência:

Com os mais velhos, que sempre tem essas ideias de calcular essas coisas. Então, através desses povo que fala, aí a gente vai seguindo observando eles. Desde que me entendi, fiquei mais adulta aí a gente que mora na agricultura tem o desejo, a vontade, de plantar e colher. Desde o tempo da adolescência que a gente vai pegando o gesto dos pais, dos avós e no tempo do plantio é só essas coisas. a gente pensa numa coisa, mas Deus é outra. Tem ano que chove mais, a gente fica logo naquela expectativa que vai chover logo e tem ano que a safra dá mais lucro e já tem outro que o inverno é mais suave (Profetisa da Chuva, Severina Atanásio dos Santos, 61 anos de idade).

A Sr^a Severina Atanásio se baseia nos elementos da flora, fauna, atmosféricos e astros para realizar as profecias de chuva (Quadro 14), e costuma fazer as observações entre os meses de janeiro e fevereiro, esperando pela chuva para iniciar o plantio de sua lavoura.

Quadro 14 – Experiências da profetisa da chuva Severina Atanásio

Elementos da Flora	
- Pau d’arco (<i>Tabebuia serratifolia</i>): “o pau d’arco quando fulora no período do verão”.	
Elementos da Fauna	
Insetos	- Formigas (<i>Atta ssp</i>): “formigas pretas aparecem, formiga preta quando tão caminhando é chuva, quando é vermelha é sol. Quando você vê muita formiga guerriando vermelha, já sabe que vem sol pra torrar”; - Tanajura (<i>Atta sexdens</i>): “quando cai é três dias de chuva ou faz sol”.
Elementos Atmosféricos	
- Nuvens: “quando as nuvens estão carregadas [é sinal de chuva]”.	
Astros	
- Lua: “[quando na] lua nova sempre aparece a chuva”.	

4.2.14 Experiências do Profeta da Chuva Edivaldo Moreira

O profeta da chuva Edivaldo Moreira dos Santos, 55 anos de idade, mora na comunidade de Rapador, relata que aprendeu a observar os elementos da natureza e realizar as profecias de chuva e seca desde novo, quando iniciou o seu trabalho na agricultura, e obteve esse conhecimento tradicional através das pessoas da própria comunidade onde reside. Costuma observar as a experiências de inverno logo cedo entre os meses de dezembro e janeiro, tendo como base os elementos das categorias: fauna e dias santos (Quadro 15).

Quadro 15 – Experiências do profeta da chuva Edivaldo Moreira

Elementos da Fauna	
Anfíbios	- Rã (<i>Rana pipiens</i>): “se a rã cantar é sinal de chuva”; - Sapo (<i>Bufos spp</i>): “quando tá cantando é adivinhando chuva”.
Dias Santos	
- Santa Luzia (dia 13 de dezembro): “cada dia depois de Santa Luzia é [representa] o mês”;	
- São José (dia 19 de março): “se plantar o milho do dia, no São João está maduro”.	

4.2.15 Experiências da Profetisa da Chuva Helena da Costa

A profetisa da chuva Helena da Costa Atanásio, 84 anos de idade, também residente da comunidade de Rapador, adquiriu o conhecimento das observações dos elementos da natureza com o seu pai que trabalha na agricultura. Afirma que passou a se interessar em realizar as profecias de chuva ou seca desde os 15 anos de idade, quando começou a trabalhar no campo:

Com meu pai que trabalhava aí quando via aqueles animais, aqueles bichos, ele dizia: -vai chover por que apareceu caranguejeira. E quando chove primeira chuva de janeiro, quando sai tanajura, ele dizia: -já tá perto do inverno chegar. Por que eu boto um roçadinho e fico prestando atenção e quando chove aí eu planto. Com 15 anos eu já roçava mato, já botava roçado. A gente aqui na terra não sabe de nada, mas sai aquela experiência que a gente fica ativo e com poucos dias chove. Até no mesmo dia chove (Profetisa da Chuva, Helena da Costa Atanásio, 84 anos de idade).

Dona Helena da Costa observa exclusivamente elementos da fauna (Quadro 16) para realizar as suas profecias e assim saber se o período de chuva vai ser favorável ao desenvolvimento da sua lavoura. O mês preferido pela profetisa para realizar as observações é janeiro pois, segundo aponta a mesma, “embora que ele

não chova no começo, mas no final chega chuva, é muito difícil no mês de janeiro não chover, se não chover diretamente, mas em qualquer parte do mundo chove”.

Quadro 16 – Experiências da profetisa da chuva Helena da Costa

Elementos da Fauna	
Aracnídeos	- <u>Caranguejeira (<i>Lasiadora sp</i>)</u> : “sai, quando tá perto de chover, começa andar adivinhando chuva. Quando aparece caranguejeira de noite, no outro dia cai uma chuvinha”.
Insetos	- <u>Cupim (<i>Cryptotermes spp</i>)</u> : “o cupim anda embutido na terra, quando tá na experiência de chover, ele sai da terra e anda, faz aquela carreirinha”; - <u>Tanajura (<i>Atta sexdens</i>)</u> : “quando é pra chover, a tanajura sai, na primeira chuvada de janeiro”.

4.2.16 Experiências da Profetisa da Chuva Edileuza Laurentino

A profetisa Edileuza Laurentino da Silva, 43 anos de idade, sempre residiu na comunidade de Rapador, aprendeu a observar as experiências de inverno através de seus pais e avós, passou a ter interesse em realizar as profecias de chuva e seca a partir dos 15 anos de idade, quando iniciou o seu trabalho na agricultura, conforme afirma: “Com meus pais que veve trabalhando na agricultura, com meus avós. Desde 15 anos que trabalho no roçado, que meu pai mandava chegar terra no feijão”.

A Sr^a Edileuza Laurentino se norteia pelos elementos das categorias Flora e Fauna (Quadro 17) para saber a hora certa de iniciar o seu trabalho na roça. Realiza suas observações entre os meses de janeiro e maio, tempo em que ocorre a fase do preparo e plantio de sua lavoura.

Quadro 17 – Experiências da profetisa da chuva Edileuza Laurentino

Elementos da Flora	
- <u>Juá (<i>Ziziphus joazeiro</i>)</u> : “ele cai quando tá chovendo na lama”.	
Elementos da Fauna	
Anfíbios	- <u>Rã (<i>Rana pipiens</i>)</u> : “quando a rã tá cantando é sinal de chuva”; - <u>Sapo (<i>Bufo spp</i>)</u> : “sapo cantando dentro das cacimbas é sinal que o inverno tá perto de começar, a chuva vem logo”.
Elementos da Fauna	
Aves	- <u>Acauã (<i>Herpetotheres cachinnans</i>)</u> : “cantando no auto é experiencia de chuva também”.
Insetos	- <u>Formiga (<i>Atta spp</i>)</u> : “formigas pretas andando pelos terreiros é sinal que vai chover, começar o inverno, aí já fica animada pra preparar o roçado pra plantar”.

4.2.17 Experiências do Profeta da Chuva José Jarides

O profeta da chuva José Jarides Matias de Almeida, 56 anos de idade, residente da comunidade Rapador, começou a observar os elementos da natureza com o seu avô e seu tio que trabalhavam na agricultura. Afirma que passou a se interessar em realizar as experiências de inverno ainda com 12 anos de idade, quando começou o seu trabalho como agricultor:

Com meu avô, que era um agricultor, um homem chamado seu Antônio Lira que era daqui da região de Rapador e ele era um agricultor e sempre falava, meu avô e meu tio Bejamim, era dois home do campo e eles foram dizendo e eu fui aprendendo. Por que a gente vai crescendo e vai aprendendo a trabalhar, cultivar na terra e interessa muito pra gente, que a gente vai pelo tempo, pelo conhecimento da mudança do tempo, observar os animais, a mudança da lua, o vento, pra onde o vento tá soprando, vai mudando e a gente vai percebendo que vai chegando o inverno. A partir de 12 anos, que um dia nós tava no roçado mais meu pai aí eu vi umas nuve se aproximando assim aí eu digo papai vai chover, aquela nuve tá do jeito daquele dia que o senhor disse que quando as nuvens fica daquele jeito chove, as nuve começou a engrossar aí lá vem as nuve crescendo e foi engrossando e quando foi à tarde foi chuva que encheu tudo, essas vage encheu tudo d'água aí começou o inverno começou a partir desse dia (Profeta da Chuva, José Jarides Matias de Almeida, 56 anos de idade).

O profeta José Jarides inicia as observações e realização das profecias em janeiro pois, conforme o mesmo, “a partir de janeiro em diante é inverno, se não chegar inverno é por que o inverno é fraco”. Possui como norteadores de suas experiências de inverno os elementos das categorias: flora, fauna e atmosféricos (Quadro 18).

Quadro 18 – Experiências do profeta da chuva José Jarides

Elementos da Flora	
- Capim (<i>Digitaria insularis</i>): “quando o capim começa a escumar pode esperar que vai cair inverno na certa, capim quando tá escumando no final do verão”.	
Elementos da Fauna	
Anfíbios	- Sapo (<i>Bufos spp</i>): “o sapo vive no alto, seis meses de verão, quando vai pegar o inverno ele sai pra varge e começa a cantar, é sinal de inverno, pode esperar que no correr de 15 a 20 dias começa os invernos”.
Insetos	- Cupim (<i>Cryptotermes spp</i>): “ele começa a voar, começa a caminhar armando as toca deles”; - Formiga (<i>Atta spp</i>): “quando elas sai andando fazendo aquele caminho, entrando tudo pra dentro de casa pra se proteger quando chega a chuva”.

Répteis	- Calango verde (<i>Ameiva ameiva</i>): “ele fica andando pela terra e fica deitado, se espojando no sol, esperando o sol chegar aí é sinal que vai chover”.
Elementos Atmosféricos	
- Nuvens: “as nuvens começa a mudar, a engrossar, e o inverno tá se aproximando”;	
- Vento: “quando vai pegar o inverno o tempo começa a mudar, para de ventar, fica um tempo parado”.	

4.2.18 Experiências da Profetisa da Chuva Cícera Faustino

A profetisa da chuva Cícera Faustino dos Santos, 82 anos de idade, mora no sítio Rapador, afirma que sempre morou na zona rural. Aprendeu os conhecimentos tradicionais das experiências de inverno com seus pais que lhe transmitiram os saberes importantes para a realização das suas atividades agrícolas. Relata que passou a se interessar em observar os elementos da natureza e realizar a profecias de chuva e seca a partir dos 12 anos de idade:

Eu aprendi com meus pais, quando ia chover dizia assim: pi pai ali tá chei de formiga, aí ele dizia: -minha filha ali é sinal de chuva, aí eu dizia é sinal de chuva por que? aí e por que tem formiga hoje e quando for amanhã amanhece chovendo. eu comecei logo cedo no tempo dos meu pais, que eu aprendi com meu pais, com doze anos... com doze anos assim aí eu já observava essas coisas que ele dizia e eu observava né? Ainda hoje eu sei. Eu me interessei por que eu fui ficando já de... a idade já foi ficando assim de... comecei com doze anos, de doze, eu fiquei com quinze, de dezesseis observando, observando ainda hoje, já tô com oitenta e dois ainda sei. quando eu morava em lá em Covão, eu já gostava de quando eu achava um cupim, eu quebrava ele todin, quebrava ele com a pedra aí eu dizia o cupim tá mago, num tem cupim ainda não, e quando ele tava chei de cupim, aqueles cupim gordo pra vuar, que dava uma chuva hoje e já ficava preto de cupim aí eu dizia pronto (Profetisa da Chuva, Cícera Faustino dos Santos, 82 anos de idade).

A Sr^a Cícera Faustino observa as experiências de inverno entre os meses de janeiro e junho, período em qual, segundo aponta a profetisa “aí é o tempo que vai chovendo e vai chovendo aí que quando chove janeiro, fevereiro, março, abril e São João aí de São João em vante aí já chove poquinho”. O motivo que a leva continuar a observar as experiências por vários meses se deve a grande preocupação que possui em relação a possíveis percas nos seus cultivos.

A profetisa Cícera Faustino costuma a se basear nos elementos da categoria fauna (Quadro 19) para realizar suas profecias de chuva ou seca para definir o período correto para desenvolver as suas atividades no campo.

Quadro 19 – Experiências da profetisa da chuva Cícera Faustino

Elementos da Fauna	
Insetos	<p>- Cupim (<i>Cryptotermes spp</i>): “Quando o inverno vai ser bom aí o cupim ele fica... aí ele cria as asinha pra vuar enquanto ele tá mago ele num voa não, ele só voa quando ele tá gordo, tá chei de asa”;</p> <p>- Formiga (<i>Solenopsis spp</i>): “Tem dia que tá chei de formiga, aqueles caminho de formiga de bosta aí é sinal da chuva. Tem outra também, a outra se chama correção, uma formiguinha que elas faz aquela caminhada de formiga aí diz assim: - parece que hoje vai chover”.</p>

4.2.19 Experiências do Profeta da Chuva Paulo Da Silva

O profeta da chuva Paulo da Silva Trajano, 35 anos de idade, sempre morou na comunidade de Rapador, passou a se interessar pelas experiências de inverno ainda com 12 anos de idade quando começou a trabalhar na agricultura. Afirma que aprendeu a observar os elementos da natureza e realizar as profecias de seca ou chuva com as pessoas mais velhas:

Assim com os mais velho né? Os mais velhos diz e a gente é novo acompanha, os mais véi é quem fala que a experiência é isso aí a gente... vem os mais novo vai acompanhando né? E assim vai. Rapaz, acompanho por que é bom pra tudo né? Pra gente que trabalha, que bota um roçado, uma coisa e outra, é bom pra gente. Desde de que eu comecei a trabalhar que comecei de doze anos pra cá que comecei a trabalhar no alugado que eu acompanhei com isso aí (Profeta da Chuva, Paulo da Silva Trajano, 35 anos de idade).

O profeta Paulo da Silva inicia as experiências de inverno a partir do mês de dezembro. Costuma se basear na observação dos elementos da flora, fauna e atmosféricos (Quadro 20) para fazer as suas profecias de chuva ou seca com o objetivo de se guiar quanto ao período do plantio e das demais atividades agrícolas.

Quadro 20 – Experiências do profeta da chuva Paulo da Silva

Elementos da Flora	
- Capim (<i>Cryptotermes spp</i>): “Tem o capim assim, comparação, o capim tá chei de espuma é tempo de inverno, e o tempo bom de inverno, quando o capim tá chei de espuma”.	
Elementos da Fauna	
Anfíbios	- Sapo (<i>Bufos spp</i>): “Quando o sapo de cheia tá cantando no riacho aí o caba sabe que o inverno é bom”.
Elementos da Fauna	
Insetos	- Cupim (<i>Cryptotermes spp</i>): “Quando tem muito cupim de asa, quando dá a primeira chuvada e ele sai, começa a cair muito aí pronto o inverno é bom”.

Elementos Atmosféricos	
	- Temperatura: “E a seca o caba sabe né, quando tá o temporal assim [tempo quente, seco, abafado], o caba sabe que a seca é braba né”.

4.2.20 Experiências do Profeta da Chuva João Santos

O profeta da chuva João Santos da Silva, 40 anos de idade, residente da comunidade de Covão, iniciou as observações dos elementos da natureza a partir dos 10 anos de idade, quando passou a se interessar em realizar profecias de chuva e seca antes de preparar o seu trabalho no campo. Relata que obteve o conhecimento tradicional das experiências de inverno através de seu pai que trabalha na agricultura e que, também, já havia aprendido com o pai dele. Verifica-se então que esse é um saber que já vem sendo transmitido de geração para geração.

O profeta João Santos costuma observar o comportamento dos elementos da fauna (Quadro 21) que os norteia na realização das profecias. Segundo o mesmo, as observações das experiências de inverno ocorrem a partir do mês de dezembro.

Quadro 21 – Experiências do profeta da chuva João Santos

Elementos da Fauna	
Insetos	- Formiga (<i>Atta ssp</i>): “Quando as formigas tão trabalhando muito guardando comida é sinal que tá próximo a chover”; - Cupim (<i>Cryptotermes spp</i>): “Quando os cupim tão com muita asa é sinal que tá perto de chover também”.

4.2.21 Experiências da Profeta da Chuva Edivaldo Macena

O profeta da chuva Edivaldo Macena do Nascimento, 46 anos de idade, mora na comunidade de Rapador, afirma que aprendeu a observar as experiências com os mais velhos e que, com o passar do tempo, foi aprimorando esse conhecimento. Relata que começou a realizar as profecias desde jovem e que no decorrer dos anos vem notando mudanças no tempo:

Com os mais velhos, com o pessoal, fala, o caba já vai aprimorando. Faz uns vinte anos atrás que comecei, o pessoal falava e eu só observando aí fui conhecendo né? É mais pelas mudança no tempo que a gente, antigamente a gente via os tempos era mais diferente, hoje tá mais, antigamente pra chuva era mais evoluído (Profeta da Chuva, Edivaldo Macena do Nascimento, 46 anos de idade).

O Srº Edivaldo Macena começa a observar as experiências de inverno a partir do mês de janeiro, quando começa a esperar pela chuva para iniciar o seu trabalho no roçado. Os elementos da natureza que o norteia são das categorias: fauna e astros (Quadro 22).

Quadro 22 – Experiências do profeta da chuva Edivaldo Macena

Elementos da Fauna	
Anfíbios	- Sapo (<i>Bufos spp</i>): “O sapo fica cantando assim nos riacho aí, quando é na seca o caba num vê né, no inverno, vai chover”.
Elementos da Fauna	
Aves	- Anu branco (<i>Guira guira</i>): “Os passarim fica...quando ele tá coisando... tem uns passarim que, aqueles anum branco quando vai começar o inverno eles começa circulando”.
Astros	
- Sol: “Rapaz, a mudança né? Quando o tempo tá mei mudado a gente... o sol também interfere na coisa, quando ele sai pra ali assim aí que é inverno, quando tá mais no verão ele já muda de posição”.	

4.2.22 Experiências da Profetisa da Chuva Iraci do Nascimento

A profetisa da chuva Iraci do Nascimento Ribeiro, 52 anos de idade, residente da comunidade de Rapador, nasceu e se criou no sítio, afirma que obteve o conhecimento das experiências de inverno ainda pequena através dos familiares mais velhos:

Com os mais velhos, com minha vó, com a minha sogra, com a minha mãe que sempre falava essas coisas. Desde pequena por que quando... nascida e criada no sítio, a maior felicidade era quando tava chovendo que tinha que plantar que sabia que ia ser bom de inverno né? Tempo de lucro, de lucrar as coisa, sei lá acho que com uns dezoito anos, é maior felicidade quando tava chovendo no tempo do inverno... acho que a maior riqueza pra quem trabalha na terra aí até os 17 anos eu morei no sítio né? Então tinha essas, num sei se é lenda, se é verdade, a gente observava, olhava: -olha como tá bonito pra chover, -olha aquela barra lá em baixo. Pra preparar o solo pra plantio, ajeitar os roçado, tudo isso é experiência, na primeira chuvada já vai plantar (Profetisa da Chuva, Iraci do Nascimento Ribeiro, 52 anos de idade).

A profetiza Iraci do Nascimento observa as experiências de inverno entre os meses de abril e junho quando, segundo afirma a mesma: “abril, maio, junho, geralmente é o inverno, porém hoje em dia qualquer hora é hora de chuva, mas os mês que mais se observa, assim se esperava mesmo, é esses mês”. Possui como

base para as suas profecias os elementos das categorias: fauna, astros e atmosféricos (Quadro 23).

Quadro 23 – Experiências da profetisa da chuva Iraci dos Nascimento

Elementos da Fauna	
Anfíbios	- Sapo (<i>Bufos spp</i>): “Se o sapo ficar quetinho é por que vai chover e se tiver cantando é de sol. Mas nem sempre é verdade né? Nem sempre é verdade”.
Insetos	- Cigarra (<i>Cicadoidea/Tibicen linnei</i>): “As vez até o outro bichim que canta de noite, que diz assim ó: vai chover o bicho da cantando, a cigarra é chuva”; - Grilo (<i>Acheta domesticus</i>): “As vezes tem o grilo cantando também que disse que é sinal de chuva, tem determinado grilo que é sinal de chuva”.
Astros	
	- Lua: “Como dizia os mais antigos né? Olha pro céu e se a lua tiver com a bulandeira... com a bulandeira amarelada é sinal de sol e se tiver assim mei azul é sinal de chuva”.
Elementos Atmosféricos	
	- Nuvens: “As nuvens bem carregadas, azuladas meia cinza. A gente adiquiriu isso o quê? Com os mais velhos, hoje em dia acho que os pessoal nem olha mais essas coisas”; - Vento: “Esse ventin é sinal de chuva, aí esse ventin de fim de tarde geladinho e as vezes realmente chove”.

4.2.23 Experiências do Profeta da Chuva João Ribeiro

O profeta da chuva João Ribeiro de Melo, 58 anos de idade, mora na comunidade de Rapador, começou a realizar profecias de chuva e seca desde pequeno, quando começou a trabalhar na agricultura e os prognósticos sobre o clima passaram a ser importantes para as suas atividades. Afirma que aprendeu a observar os elementos da natureza através da sua mãe:

Esses conhecimentos eu aprendi a maioria com a minha mãe e com o passar do tempo, eu já tô com 54 anos, já tô... aprendi muitas coisa, eu vou prestando atenção. Desde pequeno, quando eu trabalhava na roça, então a gente depende do inverno pra tudo, o inverno... a chuva é a vida do nordestino né? Aí tá ligado mês de janeiro a junho é tempo das chuvas aí tem o sol de janeiro e fevereiro que sempre é brabo (Profeta da Chuva, João Ribeiro de Melo, 58 anos de idade).

O profeta João Ribeiro inicia suas observações entre os meses de janeiro e julho, tendo como base o comportamento dos elementos da flora, fauna, atmosféricos e dos astros para realização de suas profecias (Quadro 24).

Quadro 24 – Experiências do profeta da chuva João Ribeiro

Elementos da Flora	
<p>- Milho (<i>Zea mays</i>): “por exemplo o milho, o milho que madurece na chuva ele tá todo verde, com a palha verde e o caroço dentro quase seco. O milho ó, o milho parece que tá seco, com a palha seca mas dentro o caroço ainda tá mole”.</p>	
Elementos da Fauna	
Anfíbios	<p>- Sapo (<i>Bufos spp</i>): “Canta muito o sapo. Tem um detalhe que o... no dia que começa a cantar quando vai começa a chover eles começa a cantar entendeu? E quando é no período de chuva eles tem a mania de no dia que vai chover eles parar noite de cantar, aí minha mãe fala assim ó, que minha mãe é mais velha do que eu né? Quando os sapo tão bem animado de noite no outro dia é de sol, várias vez já percebi isso aqui já, esse ano mesmo foi um por que fiquei prestando atenção aí fala: - amanhã vai ser de sou- mas por que mãe? Por que os sapo tão cantando muito e realmente. Aí no outo dia é estiado, agora tem um período que eles canta de dia e de noite com chuva e com sol mesmo chovendo a noite e o dia ele canta direta. Aí no período da chuva quando já está chovendo, já tá no período de inverno, muitas das vezes, quando ele canta a noite, todo mundo cantando, no outro dia faz sol, é estiado”.</p>
Aves	<p>- Acauã (<i>Herpetotheres cachinnans</i>): “A acauã também, semana passada tava aqui em cima e eu pensava que a acauã fosse um pássarinho pequenininho, é um bicho grande cara, é maior do que um gavião, um pássaro bonito, semana passado elas estavam aí em cima braba aí fui vê o que era aí fui subindo na mata lá em cima olhei, um bicho bunito cara, grandão, num período cantava mais, só que só aquetaram e o sol tá firme. Aliás dizem que quando ela canta no inverno, vai ter três dias de sol quando ela canta dentro da chuva, quando ela canta no tempo de sol é três dias de chuva mas num é bem assim não, geralmente quando ela canta de quando tá chovendo faz uns dia de sol a natureza sempre acerta.</p> <p>- Bacurau (<i>Nyctidromus albicollis</i>): “Agora outro bicho que canta também é o bacurau, sol certinho cara, o bacurau num abre o bico no tempo da chuva mas no tempo do sol ele tá sempre assim: amanhã eu vou (cantando) e vai mesmo com um sol quente danado quando canta”.</p>
Insetos	<p>- Cigarra (<i>Cicadoidea/Tibicen linnei</i>): “Cigarra de seca, o ano passado ela num cantou e nem esse ano, ela dói nos ouvidos, são várias cigarras no mesmo tempo cantando, já tem dois anos que num vi ela mais cantar, quando elas começa a... tem a cigarra boi que chama sol né?”</p>
Elementos Atmosféricos	
<p>- Neblina na serra: “Agora tem uma outra coisa aqui também, que quando tá chovendo aqui, quando o inverno pega, uma coisa que eu acho... quando neva aqui em cima, quando a mata aqui em cima tá toda nevada e manhã cedo assim é inverno pegado, aquele nevoeiro fechado aqui no alto aqui”;</p> <p>- Tempo nublado: “Quando começa a chover, começa a preparar né, começa a preparar o tempo, o tempo muda, as vez fica o mês inteiro nublado, fechado o tempo aí depois vai chover e não chove aí dá aqueles serenim e começa aos poucos, e aqui tem uma... prestei atenção a uma coisa, o inverno termina aqui como começa: com preparação. Você vê tem quase dois mês que o tempo tá sempre nublado como</p>	

quando começa o inverno, parece que vai chover e num vai e num chove num dá nem sereninho por que teve um... o ano passado mesmo entedeu? No ano trasado começou preparou o mês inteiro e num chuvia, ficava tudo nublado, tudo azul, tudo fechado aí num chuvia ficava estiado”.

Astros

- **Estrela amarela e estrela d'alva (planetas Marte e Vênus):** “Agora eu tenho percebido, uns dias desses pra cá essas duas estrelas aqui, uma que nasce aqui, um planeta que nasce aqui em baixo, no tempo do inverno nasce... tá lá em baixo assim por volta de oito horas da noite ainda num percebo daqui ó, sete horas não vejo aquela estrela grande ali, tem a estrela D'alva que vem de cá, aquela bem... aquela lâmpada bem clarinha igual essa lâmpada florescente, e essa daqui é amarela igual a lâmpada do poste. Agora você pode olhar logo mais quando der seis horas tá aqui tá no meio do céu, já tá aqui em cima, daqui eu num vejo mais ela no verão agora essa de baixo aqui a grandona ela é diferente das outras é tanto ela como a D'alva, ela parece muito com a estrela D'alva. Cara eu num sei o sinal que ela tem que ela dá, só sei que no período do inverno ela sai tarde lá de baixo, agora cedinho ela já tá em cima no céu é verão, Então o período de sol seca é agora, ela sai pode ver que daqui a pouco quando der seis horas ela já tá no meio do céu já, virando já pra cá e a D'alva ela vai se afastando, as duas trabalha junto entedeu? Eu tô falando assim, que eu percebi que no inverno ela sobe tarde bem mais tarde a amarelinha, essa daqui (D'alva) vem vindo pra cá, agora nesse período dá... vou até olhar mais direitinho, nesse período de seca agora eu tô vendo ela vindo cedo e, num dá pra ver ela agora não, de seis horas já aqui na meio quando ela chegaria lá pras dez horas, já tá aqui o meio, e a outra vai, em vez de vim, vai se afastando um pouco. São o fenômenos que a gente tamos prestando atenção”.

4.2.24 Experiências do Profeta da Chuva Raimundo Pofírio

O profeta da chuva Raimundo Pofírio de Melo, 35 anos de idade, mora na comunidade de Zumbi, aprendeu a prática de observação dos elementos da natureza e de realização das profecias de chuva e seca por meio das pessoas mais velhas que possuem um maior conhecimento. Afirma que passou a se interessar pelas experiências de inverno desde pequeno:

Pelos pessoal mais velhos. Esse pessoal de idade tem mais experiência que a gente. A gente tão novo pra vista deles né? aí esses pessoal mais velho tem mais experiência do que a gente, por que trabalha na agricultura. A gente também trabalha na agricultura mas não tem experiência como esses pessoal mais velho. Desde pequeno. Quando a gente era pequeno sempre meu pai, minha mãe, eles sempre diziam né? quando tá se aproximando o tempo pra chover aí a gente pequenininho escutava eles dizem: -ei hoje vai cair água. - esse ano o inverno vai ser bom. Aí a gente bota aquilo na mente (Profeta da Chuva, Raimundo Pofírio de Melo, 35 anos de idade).

O profeta Raimundo Pofírio observa as experiências de inverno a partir do mês de fevereiro quando, conforme aponta o mesmo, “vai mudando o tempo e o

peçoal vai tudo cuidando nos seus roçado, brocando o mato, e cada um vai trabalhando no seu roçado, vai ajeitando pra quando bater o inverno mesmo aí vai e planta”. Assim os sinais das experiências são fatores importantes nas tomadas de decisões referentes ao trabalho no campo. Os elementos que o norteia na realização das profecias estão distribuídos nas categorias fauna e atmosféricos, descritos logo abaixo (Quadro 25).

Quadro 25 – Experiências do profeta da chuva Raimundo Pofírio

Elementos da Fauna	
Mamíferos	- Boi (<i>Bos taurus</i>): “ele dá sinal de inverno bom, ele corre dentro do cercado, levanta o rabo e sai na carreira e começa a urrar”.
Elementos Atmosféricos	
- Nuvens: “as nuvens vai se aproximando e ela vai se enchendo d’água ficando azul aí pronto, vai cair água. A gente tem experiência pelas nuvens”.	

4.2.25 Experiências do Profeta da Chuva José Lourenço (Seu Dedinha)

O profeta da chuva José Lourenço de Macedo Filho (Seu Dedinha), 51 anos de idade, residente da comunidade de Zumbi, Alagoa Grande, aprendeu a observar as experiências de inverno com os seu pais e avós, afirma que passou a se interessar em observar os elementos da natureza e realizar as profecias de chuva e seca, tendo em vista a grande importância que o inverno tem na sua vida como agricultor:

Essas experiências já vêm dos pais da gente, dos avós que sempre tinha essas experiências aí foi passando pra gente que somos filhos e hoje a gente vai passando pros filhos e assim e aí por diante continua. Passei a me interessar por que o inverno traz muita coisa pra gente, traz a fartura, traz muita coisa pra gente e os animais, nem só o sol cria, nem só a chuva cria, tem que ser os dois, então o que a gente mais interessa é que a gente gosta de lutar pela vida, é você botar um roçadinho e na época ter um feijão verde pra comer, ter um milho verde né? e ter aquela fartura por que sempre quando a gente não tem, que vai comprar, não tem aquela fartura e o inverno traz coisa pra gente, pra melhorar a situação. Sempre essas experiências vem não é da gente, essas experiências já vem dos avós da gente, desses pessoal mais velho, mais experiente, por que hoje em dia é contado o que sabe fazer por que esse pessoal novo hoje em dia não tem mais experiência dos mais velhos mais como eu já fui aprendido do meu pai e dos meus avós tudinho, inclusive essas experiências que eu tô dizendo aqui é quase melhor do que a dos meteorologistas que passando por que eles sabem do ar -ó vai chover em tal canto, mas é geral, chove no Pernambuco e não chove aqui em Alagoa Grande né? só que é aquele negócio, mas essa experiência que Deus deixou pra gente olhar no tempo, vê as experiências e dá certinho num erra não (Profeta da Chuva, José Lourenço de Macedo Filho (Seu Dedinha), 51 anos de idade).

José Lourenço (Seu Dedinha) costuma observar as experiências de inverno no final de novembro para o início do mês de dezembro, conforme afirma, “A gente já começa a experiência quando vai se aproximando de novembro pra dezembro é que a gente já vai vendo as experiências, quando chega em dezembro assim, que tem aquelas chuvadas boa”. Suas observações ocorrem até o mês de janeiro, norteando-se através dos elementos das categorias: flora, fauna, atmosféricos e astros, para realização das suas profecias (Quadro 26).

Quadro 26 – Experiências do profeta da chuva José Lourenço (Seu Dedinha)

Elementos da Flora	
<p>- Mulungu (<i>Erythrina mulungu</i>): “o mulungu quando ele flora o inverno pega mais cedo, a gente pega do florado do mulungu até a chegada do inverno, ele conta assim é 6 meses de experiência de inverno pegar em janeiro, como nesse ano mesmo, quando o mulungu florou esse ano a gente já analisamos, a gente disse: ó pronto o inverno esse ano é cedo, o inverno de janeiro”;</p>	
Elementos da Flora	
<p>- Cardeiro/mandacaru (<i>Cereus jamacaru</i>): “o cardeiro quando flora é uma experiência boa”;</p> <p>- Pau d’arco (<i>Tabebuia serratifolia</i>): “quando ele flora a gente sabe que o inverno é cedo, chega em janeiro o inverno”;</p> <p>- Juá (<i>Ziziphus joazeiro</i>): “o juá, outra experiência boa, o juá sempre cai na lama, o ano passado, o juá nesse tempo num tava nem caindo ainda e esse ano já tá caindo. Aí essas experiências dos mais velhos que a gente tem, o juá quando madurece é pra cair na lama. Esse ano a gente sabia que o inverno era pesado pelas experiências”;</p> <p>- Fava Fava (<i>Phaseolus lunatus L.</i>): “a farva se a gente não pegar a chuvada de março a farva já é mais fraca, não dá que preste, plantar farva em abril, plantar farva em maio é perdido”;</p> <p>- Rama da batata (<i>Ipomoea batatas L.</i>): “a rama da batata a gente só planta em maio que é o tempo dela”;</p> <p>- Feijão (<i>Phaseolus vulgaris</i>): “o feijão mulatin, o tempo dele tá sendo agora (abril) de plantar, já o macassa não dá mais, não é mais tempo dele”;</p> <p>- Milho (<i>Zea mays</i>): “pode plantar até em maio que dá”;</p> <p>- Cajá (<i>Spondia mombin L.</i>): “tem uma experiência muito boa também que é a do cajá, o cajá quando ele pega a florar mais cedo, nós tem experiência que o inverno chega cedo, quando ele flora meio falhado as vez, não é completo, bota uma safra e não bota outra aí é ano desmantelado”.</p>	
Elementos da Fauna	
Aracnídeos	<p>- Embuá (<i>Lulus sabulosus cylindroiulus</i>): “quando ele é vermelho que a gente vê ele na rodagem fazendo aquelas trilhas andando na rodagem a experiência é de sol, quando nós vê o preto andando aí é a chuva”;</p>
Insetos	<p>- Formiga (<i>Atta ssp</i>): “quando você vê a formiga trabalhando muito a experiência do inverno é boa. Ela tá se prevenindo que quando for no inverno chove muito ela não tem tempo de sair pra fazer as</p>

	<p>produção dela então ela tá se preparando, preparou-se quando bate os invernos pesado ela tá sossegada, tá prevenida”.</p> <p>- Tanajura (<i>Atta sexdens</i>): “quando dá as primeiras chuvadas que elas sai, no ano que sai muito macho e pouca feme o inverno é escasso, quando sai muita feme e pouco macho, o inverno é bom”;</p>
Elementos Atmosféricos	
	<p>- Barra de chuva: “a barra de janeiro o pessoal vai logo olhar a barra como é que tá, esse ano quando a gente vimos a barra aí dissemos: -esse ano é bom. Pela barra.</p>
Astros	
	<p>- Planeta Mercúrio: “tem um planeta que tem ano que ele domina, ele chama mercúrio, esse planeta o pessoal das antigas falam que ele matou o pai de sede, ele mata e cura, não é que ele seja seco mas ele judeia de sol, mas quando pensa que não, vem uma chuvada aí se chama um ano escasso, que ele não é seco mas também não é ano de muito inverno”.</p>

4.2.26 Experiências da Profetisa da Chuva Maria Pereira

A profetisa da chuva Maria Pereira da Silva Enrique, 59 anos de idade, reside na comunidade de Zumbi, começou a observar os elementos da natureza e realizar as experiências de inverno desde pequena quando deu início ao seu trabalho na agricultura, conforme afirma, “desde pequena com mãe quando a gente trabalhava. Tinha bem doze anos de idade quando a gente começou a trabalhar”.

A Sr^a Maria Pereira observa as experiências de inverno no mês de janeiro quando, segundo o seu relato, “de janeiro em diante quando começa a trovejar aí eu digo: ó o inverno já tá começando já”. Para realizar as suas profecias de chuva ou seca, a mesma se norteia pelo comportamento dos elementos das categorias: flora, fauna, dias santos e atmosféricos (Quadro 27).

Quadro 27 – Experiências da profetisa da chuva Maria Pereira

Elementos da Flora	
	<p>- Coroa de frade (<i>Melocactus zehntneri</i>): “quando dá a primeira chuvada sai a corozinha aí o povo diz que o inverno tá perto de pegar”;</p> <p>- Pau d’arco (<i>Tabebuia serratifolia</i>): “flora quando o inverno tá perto de pegar”;</p> <p>- Barriguda ou paineira (<i>Ceiba glaziovii</i>): “quando flora o inverno tá perto de chegar”;</p> <p>- Cardeiro/mandacaru (<i>Cereus jamacaru</i>): “quando flora [cedo também [é sinal de bom inverno]”;</p> <p>- Juá (<i>Ziziphus joazeiro</i>): “quando flora, carrega e quando tá no tempo do inverno pegar, quando ele amadurece é só pra cair na lama é difícil ele cair no seco. Esse ano carregou”;</p>
Elementos da Fauna	
Anfíbios	<p>- Sapo (<i>Bufo spp</i>): “sapo cantando é sinal de chuva”.</p>

Aves	- <u>Sabiá (<i>Turdus</i>)</u> : “quando tá cantando o inverno tá pegado”.
Dias Santos	
- <u>Procissão de Nossa Senhora da Boa Viagem e de Nossa Senhora da Luz (dia 2 de fevereiro)</u> : “se a coroa da santa pender o inverno é bom, e se não pender é ruim”.	
Elementos Atmosféricos	
- <u>Trovão</u> : “quando o trovão é pra baixo [o inverno] é melhor do que [quando troveja] pra cima”.	

4.2.27 Experiências do Profeta da Chuva Sebastião Raimundo

O profeta da chuva Sebastião Raimundo, 58 anos de idade, passou a se interessar em realizar profecias de chuva se seca quando começou a trabalhar na agricultura nos arredores da comunidade de Zumbi, afirma que começou a observar os elementos da natureza e adquirir as experiências de inverno através das pessoas mais velhas, que já possuíam esse conhecimento tradicional, conforme aponta: “com os pessoal antigo que tinha essas experiências. Por que eu sou agricultor aí pelo regimento dos mais velhos eu venho sempre reparando”.

O profeta Sebastião Raimundo observa unicamente o comportamento dos elementos dos dias santos (Quadro 28) para nortear a realização de suas profecias que ocorrem entre os meses de dezembro a março, período em que o agricultor já tem uma base se o período de chuva vai ser favorável ou não ao desenvolvimento das atividades agrícolas.

Quadro 28 – Experiências do profeta da chuva Sebastião Raimundo

Dia Santos
- <u>Santa Luzia (dia 13 de dezembro)</u> : “depois do dia dela [dia da santa] vai pintando sinal de inverno bom aí a pessoa já fica na expectativa”.

4.2.28 Experiências do Profeta da Chuva Severino Lourenço Cristovão

Severino Lourenço Cristovão, 59 anos de idade, morador da comunidade de Zumbi, sempre trabalhou na agricultura, assim a observação e interpretação do comportamento dos elementos da natureza para realizar profecias de chuva ou seca se tornou fator decisivo para suas atividades agrícolas. Afirma que aprendeu a observar as experiências de inverno com os seus parentes:

Através do meu pai, das pessoas mais velhas. Com meu sogro também, ele tinha muita experiência sobre isso, ele tinha aquele negócio de botar o sistema do sal [experiência de Santa Luzia] numa vasilha. Sempre me interessei a ter essas experiências, sempre que o cara que trabalha na agricultura, o cara tá sempre tem, se prepara, bota o roçado, chega dezembro começa a roçar os matos e tal aí você fica sempre esperando né? aí quando vem e começa a chover logo em janeiro, dá aquelas chuvadas boa pesada, mas agora num dá, mas quando eu era moleque, quando dá as chuvadas de janeiro aí saía aqueles cupins aí o pessoal já dizia que o inverno vai pegar, aí fica melhor do cara fazer a plantação. Pelas experiências do cupim de asa, começa a chover, mas as vezes o inverno tá pegado mas você não pode dizer que ele vai ser bom por que as vezes chove um mês, dois meses aí para, por que já teve período que o cara tá com o plantio de milho todo em ordem e o mês de maio passar todinho sem chover aí fica complicado. Aí começa a chover de novo aí o caba já perde o milho, o milho quando ele tá no sistema do pendão, quando ele tá que solta aquela espiguiinha ali ele tá dependendo de chuva aí as vezes passa o mês todinho sem chover aí arreja todinho, aí é um inverno meio atrapalhado (Profeta da Chuva, Severino Lourenço Cristovão, 59 anos de idade).

O profeta Severino Lourenço se baseia na observação do comportamento dos elementos da flora e da fauna (Quadro 29). Costuma a realizar as suas profecias de inverno e seca entre os meses de janeiro e fevereiro, quando já começa a ter uma base de como será o período de chuva.

Quadro 29 – Experiências do profeta da chuva Severino Lourenço Cristovão

Elementos da Flora	
<p>- Juá: “o juá quando ele flora aí quando eles faz aquelas bolinhas pequenininhas já verde aí quando tá maduro só cai na lama, é difícil ele não cair na lama”;</p> <p>- Jurema (<i>Mimosa tenuiflora</i>), Unha de gato (<i>Uncaria tomentosa</i>): “aquela juremas/unha de gato, ela flora, quando ela flora mais pra frente um pouquinho o inverno vai apartar por que aquelas sementes dela, ela só cai aquela semente no verão, já cai no final do inverno. Quando ela pega a florar aí eu digo que o inverno tá perto de acabar. A semente não cai no inverno só cai no verão.</p>	
Elementos da Fauna	
Insetos	<p>- Cupim (<i>Cryptotermes spp</i>): “quando começa a chover no começo do ano que voa aquele cupim de asa aí o caba tem uma ideia de que mais ou menos o inverno já tá pegado”;</p> <p>- Tanajura (<i>Atta sexdens</i>): “quando começa a sair, quando ela sai logo assim que dá as chuvadas quando ela sai sempre é bom também”.</p>

4.2.29 Experiências da Profetisa da Chuva Maria José de Sousa

A profetisa da chuva Maria José de Sousa, 60 anos de idade, também reside na comunidade de Zumbi, aprendeu os conhecimentos das práticas de observação dos elementos da natureza e realização das profecias de chuva e seca com o seu pai e seus avós. Declara que passou a se interessar pelas experiências de inverno

quando começou a trabalhar na agricultura, conforme afirma: “Com meu pai, com meus avós. Quando eu comecei a trabalhar no roçado, comecei a trabalhar no roçado logo cedo, trabalhava com meus pais no Agreste aí eu sempre ouvia ele falando isso aí também”.

A profetisa Maria José começa a observar as experiências de inverno no mês de fevereiro e os elementos da natureza pelos quais a mesma se baseia fazem parte das categorias: fauna e dias santos, descritos a seguir (Quadro 30).

Quadro 30 – Experiências da profetisa da chuva Maria José de Sousa

Elementos da Fauna	
- Cigarra (<i>Cicadoidea/Tibicen linnei</i>): “quando o inverno tá perto de pegar, a cigarra do inverno quando ela canta pela primeira vez no final de dezembro aí é por que o inverno tá próximo de pegar. No inverno é a cigarra do inverno que canta, de 5:30 ela chegam no pé de caju que tem aí e quando tá pegando o verão aí vem a outra que é a do verão aí é muito engraçada a cantiga dela”.	
Dias Santos	
- Quaresma: “se a quaresma for boa, se chover na quaresma, o inverno vai ser bom também”.	

4.2.30 Experiências da Profetisa da Chuva Josefa Xavier

Josefa Xavier Cruz, 75 anos de idade, residente da comunidade de Zumbi, aprendeu a observar os elementos da natureza e realizar as profecias de chuva através de seus pais, afirma que passou a se interessar pelas experiências de inverno na sua adolescência quando começou a trabalhar na agricultura, conforme seu relato: “Com minha mãe meu pai que me ensinavam. Eu comecei a trabalhar com 14 anos”.

A profetisa da chuva Josefa Xavier costuma observar o comportamento dos elementos das categorias: fauna e dias santos (Quadro 31), as observações ocorrem entre os meses de janeiro e março, período em que os agricultores já começam a prepara os roçados e esperam pela chuva para realizar o plantio. Assim as os elementos observados pela profetisa servem como base para a realização das suas profecias de chuva ou seca.

Quadro 31 – Experiências da profetisa da chuva Josefa Xavier

Elementos da Fauna	
Anfíbios	- Sapo (<i>Bufos spp</i>): “quando ao sapo canta quando é pra chover, ele canta três dias é chuva na terra”.
Aves	- Lambú (<i>Crypturellus parvirostris</i>): “lambú [pé roxo] cantando é sinal de chuva”.

Insetos	- Tanajura (<i>Atta sexdens</i>): “cai, com dois dias cai de novo”.
Dias Santos	
- Santa Luzia (dia 13 de dezembro): “na experiência de Santa Luzia as pedras de sal, botava sete pedras de sal aí quando era aquele dia de Santa Luzia dizia obra milagre e a gente ia na experiência da pedra de sal”;	
- São José (dia 19 de março): “quem plantasse, comia em São João”.	

4.2.31 Experiências do Profeta da Chuva Antônio Gomes

O profeta da chuva Antônio Gomes de Lima, 82 anos de idade, morador da comunidade de Zumbi, aprendeu a observar as experiências de inverno com o seu pai e com o seu avô que possuíam muitos conhecimentos tradicionais acerca dessa prática de analisar a paisagem natural do município de Alagoa Grande para obter prognósticos do tempo. Passou a se interessar pela observação dos elementos da natureza e realizar profecias de chuva, assim que começou a trabalhar na agricultura, segundo afirma: “desde idade de quinze anos mais ou menos, fui criado em agricultura, meu pai era agricultor e a gente, ele ensinou pra gente a agricultura também”.

O profeta Antônio Gomes observa as experiências de inverno entre os meses de janeiro e maio, esperando o período mais chuvoso. Conforme aponta o mesmo: “[o inverno é] muito bom por que tudo dá com abundância, tem muita água, muito pasto, tem muito feijão, tem de tudo”. Tem como norteadores para a realização de suas profecias de inverno e seca os elementos que estão distribuídos nas categorias: flora, dias santos e datas específicas, os quais tem as experiências observadas descritas no Quadro 32.

Quadro 32 – Experiências do profeta da chuva Antônio Gomes

Elementos da Flora	
- Juá (<i>Ziziphus joazeiro</i>): “só cai na chuva”;	
- Cardeiro (mandacaru) – <i>Cereus Jamacaru</i>: “no dia que você passar por um cardeiro e que vê ele florando com aqueles botão pra abrir, a flor já abrindo, você pode plantar até no seco que chove, a flôr do cardeiro não cai sem chuva”.	
Dias Santos	
- Santa Luzia (13 de dezembro): “amanheceu o dia a gente olha assim: se tá nevoado [o inverno do ano vindouro vai ser bom], se tá limpo [o ano vai ser seco]”;	
- São José (19 de março): “é o seguinte quando chove no dia de São José, dia de véspera pro dia, a gente sabe que vai continuar o inverno bom”.	
Datas Específicas	
- 1º dia do ano: “a barra de ano no dia primeiro de janeiro [se barra for fechada o inverno vai ser bom]”.	

4.2.32 Experiências do Profeta da Chuva Antônio Domingos

O profeta da chuva Antônio Domingos, 45 anos de idade, mora na comunidade de Zumbi, adquiriu o conhecimento das experiências de inverno por meio dos mais velhos. Passou a se interessar pelas práticas de observação dos elementos da natureza e realizar as profecias desde novo, quando começou a plantar roçado.

O Srº Antônio Domingos começa a observar as experiências entre os meses de maio e julho, tendo como base exclusivamente um elemento da categoria astros (Quadro 33) como norteador da realização de suas profecias de chuva ou seca.

Quadro 33 – Experiências do profeta da chuva Antônio Domingos

Astros
- Lua: a chuva vem mais na lua nova, quando a lua tá com uma bulandeira [na coloração azul é bom] de chuva, [bulandeira alaranjada ou avermelhada] a gente vê que o inverno é fraco, não é bom.

4.2.33 Experiências da Profetisa da Chuva Maria Francisca

A profetisa da chuva Maria Francisca Domingues, 62 anos de idade, residente na comunidade de Zumbi, começou a trabalhar logo cedo na agricultura quando também passou a observar a natureza e realizar profecias de chuva. Conforme o seu relato, aprendeu a observar as experiências de inverno com os seus pais:

A gente faz pela natureza de Deus por que a gente vê os mais velhos dizendo aí a gente vai encaixar aquilo na cabeça da gente que a gente é agricultor, meu pai era, minha mãe era aí eles tudo tem aquela experiência. Logo cedo que a gente trabalhava na agricultura aí a gente trabalhava, nós via os mais velhos dizendo. A pessoa que é agricultor e trabalha assim pede a Deus que chova pra criar pra o povo trabalhar. Quando chega o mês de janeiro, nós já tá esperando inverno, quando dá a primeira chuvada a pessoa que é trabalhador bota inchada nas costas e vai aplantar, as vezes a gente aplanta, quem aplanta cedo come cedo e quem planta tarde só vai colher tarde (Profetisa da Chuva, Maria Francisca Domingues, 62 anos de idade).

A Srª Maria Francisca observa as experiências de inverno entre os meses de novembro e dezembro, período no qual já começa a esperar pela chuva pois “a pessoa que é agricultor e trabalha assim pede a Deus que chova pra criar pra o povo trabalhar”. A profetisa se baseia nos elementos das categorias: flora, fauna, dias santos, atmosféricos e astros, nos quais a profetisa afirmou que observa os seguintes comportamentos para prever chuvas (Quadro 34).

Quadro 34: Experiências da profetisa da chuva Maria Francisca

Elementos da Flora	
<ul style="list-style-type: none"> - Feijão brabo (<i>Capparis hastata L.</i>): “o feijão brabo carrega bem é tudo preparação de Jesus” [bom de inverno]; - Juá (<i>Ziziphus joazeiro</i>): “juá cai na chuva [inverno garantido]”. 	
Elementos da Fauna	
Mamíferos	- Cavalo (<i>Equus caballus</i>), boi (<i>Bos taurus</i>): “os cavalos, os boi sai tudo correndo pinotando [sinal de inverno]”.
Dias Santos	
- São José (dia 19 de março): “bota três pedrinhas de sal [na cumieira da casa] aí que a aquela pedrinha de sal tiver molhada a experiência é boa”.	
Elementos Atmosféricos	
- Barra de chuva: “as barras quando vem de chuva”.	
Astros	
- Sete estrela (constelação de Plêiades): “quando amanhece bem carregado aí diz: o sete estrela tá bem carregado e o ar é bom”.	

4.2.34 Experiências do Profeta da Chuva Severino dos Ramos

Severino dos Ramos Mariano dos Santos, 52 anos de idade, residente no Assentamento Mossenhora Luigi Pescarmona, começou a trabalhar na agricultura ainda na infância, afirma que aprendeu a observar os elementos da natureza e realizar profecias de chuva e seca com o seu pai e amigos mais velhos:

Aprendi as experiência com os mais véi, com os pessoal mais véi, e com meu pai, os amigo véi do meu pai que trabalhava na agricultura, sempre passava pra gente também essas informação e eu fui trabalhando também fui aprendendo né? Desne de oito anos pra cá que comecei já né? Vê os mais véi falando isso aí, aí eu ia encaixando já na minha mente, e eu via mesmo quando eles dizia: - rapaz hoje tá bunito pra chover que o carão tá cantando (Profeta da Chuva, Severino dos Ramos Mariano dos Santos, 52 anos de idade).

O Srº Severino dos Ramos observa os elementos da natureza entre os meses de março e junho. Os resultados das observações permitem ao profeta da chuva saber o período correto para o plantio no campo, conforme aponta o mesmo, “se nós num plantar fava em março, num dá fava boa, aí vem março, abril, maio e São João, esses quatro mês de chuva até o período da gente plantar até São João, Santana já num planta mais”. Os elementos norteadores de suas experiências e profecias, observados pelo mesmo, fazem parte das categorias: fauna, atmosféricos e astros, os tiveram suas características observadas descritas logo abaixo (Quadro 35).

Quadro 35 – Experiências do profeta da chuva Severino dos Ramos

Elementos da Fauna	
Anelídeos	- <u>Minhoca (<i>Pheretima hawayana</i>)</u> : “A minhoca quando tá andando em cima da terra, o mais tarda é três dias pra chover no período de chuva”.
Aves	- <u>Carão ou tetel (<i>Aramus guarauna</i>)</u> : “o carão quando canta nas vage, oxe também é o mais tardar é dois, três dias pra chuva chegar”;
Elementos da Fauna	
Aves	- <u>Sariema (<i>Cariama cristata</i>)</u> : “Aqueles passarim quando tá cantando também é a sariema, quando ela canta com poucos dias chove”.
Insetos	- <u>Formiga (<i>Atta ssp</i>)</u> : “Eu observo formiga quando tá correndo no caminho quando elas tão bem forte carregando as fiação, com poucos dias chove”.
Elementos Atmosféricos	
- <u>Neblina nas Serras</u> : “as serras quando começa a cachimbar [quando os topos da serra estão encobertos pela neblina] em cima nas serras é outro sinal de chuva bom também quando a serra tá... essas serras quando ela tá cachimbando de fora a fora, quando tá bem nevoado né? Aquelas neve em cima das serras é chuva”.	
Astros	
- <u>Lua</u> : “A lua quando vem assim aprumadinha assim ela sempre chove, quando ela prum lado assim chove mais é mais pouco, agora quando ela vem aprumadinha assim no período de chuva pode esperar que o mês é bom de chuva”.	

4.2.35 Experiências da Profetisa da Chuva Maria Joana

A profetisa da chuva Maria Joana Francisca, 75 anos de idade, mora no Assentamento Mossenhor Luigi Pescarmona, aprendeu desde a infância os conhecimentos tradicionais e as práticas de observação dos elementos da natureza para a realização das profecias de inverno e seca através da sua mãe, conforme afirma:

Com a minha mãe, de primeiro o povo botava uma pedrinha de sal numa tábua e contava os mês, se aquela pedrinha tivesse molhada, amanhecesse molhada naquele mês aí ele sabia que era bom de inverno, era assim que eu ouvia a minha mãe dizer. Quando eu tava maiorzinha assim de dez anos que eu ouvi a minha mãe falar. Já passei muitos anos de bom inverno, naquela época chovia muito, nos anos 60 por aí assim. O pecador num ia acertar tudo da natureza, mas antigamente os mais velhos tinha uma maior experiência com a natureza, agora hoje em dia que num tem. Essa experiência assim de dos anos, dos mês dos anos que a pessoa olhava tinha fé e dizia ó fulano o inverno vai pegar tal mês na experiência foi bom, o dia foi nublado, chuveu, hoje em dia num... a pessoa tinha mais fé. O inverno pegava mais cedo e agora começa mais tarde e termina mais cedo, de primeiro tinha experiência de aplantar o milho assim no dia de São José que era pra comer pelo São João, todo mundo ia prantar no dia de São José que era pra no São João ter milho maduro e hoje em dia num existe mais (Profetisa da Chuva, Maria Joana Francisca, 75 anos de idade).

A Sr^a Maria Joana costuma observar as experiências entre os meses de dezembro e janeiro, uma vez que, de acordo com o seu relato, “como eu tô dizendo, dezembro, janeiro, assim o primeiro mês do ano que o povo se levantava pra olhar a primeira barra do ano, era assim que fosse boa, o ano era bom de inverno”. Nesse sentido, as observações das experiências nessa época dão uma prévia de como será o período chuvoso e se será favorável, ou não, ao desenvolvimento das atividades na agricultura. Para os seus prognósticos, ela verifica os elementos das categorias: dias santos e datas específicas (Quadro 36).

Quadro 36 – Experiências da profetisa da chuva Maria Joana

Dias Santos	
- Santa Luzia (dia 13 de dezembro): “Bom quando era no meu tempo, assim tem a experiência de Santa Luzia. Assim Santa Luzia é no dia 13 de dezembro né? Aí pronto o povo fazia experiência botava de janeiro, fevereiro até o dia de ano de manhã, se naqueles dias chove janeiro, fevereiro, março abril naquele dia chovesse aí é experiência que o inverno ia pegar naquele mês”.	
Datas Específicas	
- 1º dia do ano: “No primeiro dia do ano aí se levantava pra olhar a primeira barra do dia que vinha nascendo, se era boa, se vinha com nuve fechada aí sabia que o ano era bom de inverno”.	

4.2.36 Experiências do Profeta da Chuva Francisco Evangelista

O profeta da chuva Francisco Evangelista de Sousa, 60 anos de idade, residente no Assentamento Mossenhora Luigi Pescarmona, afirma que aprendeu a observar os elementos da natureza com as pessoas mais velhas, que possuem muitas experiências de chuvas e secas. Passou a se interessar pela realização das profecias aos 18 anos de idade quando começou a trabalhar no campo. Costuma a observar os elementos da fauna (Quadro 37) durante o mês de dezembro.

Quadro 37 – Experiências do profeta da chuva Francisco Evangelista

Elementos da Fauna	
Anelídeos	- Minhoca (<i>Pheretima hawayana</i>): “A minhoca andando em cima da terra seca, tudin é sinal de inverno”.
Aves	- Acauã (<i>Herpetotheres cachinnans</i>): “A acauã cantando no pau verde é [bom sinal de] inverno, no pau seco é sol”.
Insetos	- Formiga (<i>Atta ssp</i>): “A formiga caminhando é sinal de inverno”.
Moluscos	- Aruá (<i>Pomacea canaliculata</i>): “O aruá, a ova do aruá, que ele põe em cima d’água aí o povo diz que a água tem que lavar ela” [demonstra que o ano terá um bom inverno].

4.2.37 Experiências do Profeta da Chuva João Batista

João Batista Mariano dos Santos, 46 anos de idade, residente do Assentamento Mossenhor Luigi Pescarmona, começou a realizar profecias de chuva e seca desde o início da sua adolescência, logo quando começou a trabalhar. Afirma que aprendeu sobre as experiências com o seu pai:

Eu aprendi com meu pai, por que ele sempre ele orientava a gente quando a gente começamos a trabalhar com ele foi com doze anos de idade aí foi aonde a gente começamos a aprender né? As experiência e esses negócio. Com dezoito anos, de dezenove, já comecei já a pegar logo uma pista. [A experiência] que mais acerta é essas chuvada que vem aí do mês de janeiro que sempre ela vem mas a vez num vem mais forte que nem vinha. Pra observa a experiência só basta quando chegar naquela época mesmo que vai cair água vê que vai chover aí você conhece logo pela obra da natureza mesmo, começa a mostrar e aí nós já sabe que vai vim a chuva, aí canta aqueles sapo, que aquilo ali já e uma coisa, já é uma experiência, esses bicho andando nas terra, formiga mudando (Profeta da Chuva, João Batista Mariano dos Santos, 46 anos de idade).

O profeta João Batista começa a observar as os elementos da natureza em janeiro, já que para o mesmo, é “por aí assim, aí a gente já começa já a preparação, quando as coisa começa a mudar a gente já sabe que Deus querer pode vim inverno”. Os elementos da natureza, pelo qual se baseia na realização das profecias, fazem parte das categorias: fauna e atmosféricos (Quadro 38).

Quadro 38 – Experiências do profeta da chuva João Batista

Elementos da Fauna	
Anfíbios	- Sapo (<i>Bufo spp</i>): “Os sapos cantando, quando eles começa cantar aí o caba já sabe que com certeza vai... pode vim água”
Insetos	- Formiga (<i>Atta spp</i>): “É formiga também andando, essas isca que tem dentro da terra, andando na terra seca também é um mistério muito bom também que pode chover”.
Elementos Atmosféricos	
- Barra de chuva: “A gente vê essas barra quando tá muito bonito aqui pra chover, com certeza vem chuva, mas só que já que a era mudou muito”.	

4.2.38 Experiências da Profetisa da Chuva Josefa Claudino

A profetisa da chuva Josefa Claudino dos Santos, 67 anos de idade, também residente do Assentamento Mossenhor Luigi Pescarmona, afirma que aprendeu a observar o comportamento dos elementos da natureza, presentes na paisagem, aos

40 anos de idade, através de pessoas mais velhas e sua mãe que trabalhava na agricultura e lhe passou o conhecimento das experiências. Conforme foi desenvolvendo as suas atividades no campo, foi acumulando mais conhecimentos acerca do funcionamento dos elementos da natureza. Assim, ela costuma se basear no comportamento dos bioindicadores das categorias fauna e dos indicadores dos astros para realizar as profecias (Quadro 39).

Quadro 39 – Experiências da profetisa da chuva Josefa Claudino

Elementos da Fauna	
Anfíbios	- Sapo (<i>Bufos spp</i>): “É os sapin quando fica chamando chuva[emitindo som nos mananciais], quando chega o inverno assim sabe? E outra coisa que eu digo que a seca pegou no mês de Santana e nós num vê água, nós num tem inverno”.
Astros	
- Carreiro: “Quando as estrela tá... tem muita estrela num canto só, que é preparação de chuva mas agora ninguém tá vendo. Assim quando tem o carreiro tá cheio, o carrego em cima assim no céu, quando o carreiro tá chei vem chuva mas agora ninguém num viu mais, o carreiro é muita estrela assim em volta assim chei, mas agora num vê mais, eu chego aqui”.	

4.2.39 Experiências da Profetisa da Chuva Maria José Claudino

A agricultora Maria José Claudino da Silva, 51 anos de idade, moradora do Assentamento Mossenhora Luigi Pescarmona, caracterizada como profetisa da chuva, aprendeu a observar as experiências de inverno com os seus pais e avós, pessoas que sempre estiveram presentes na sua vida e lhe repassaram os conhecimentos tradicionais, fundamentais para as atividades agrícolas. Dona Maria José costuma a realizar suas profecias de chuva, ou de seca, entre os meses de dezembro e abril, através da observação dos indicadores das categorias: dias santos e astros (Quadro 40).

Quadro 40 – Experiências da profetisa da chuva Maria José Claudino

Dias Santos
Santa Luzia (13 de dezembro): “A de Santa Luzia né? o povo diz que começa, num sei se é no dia dela, aí povo bota janeiro, fevereiro, o mês que pintar é bom”.
Menino de Deus (25 de dezembro): “A gente observa o menino de Deus, ela [a experiência] começa dia de festa 25 de dezembro, janeiro, fevereiro, março, abril, maio, São João, Santana é chuva. A experiência é assim se pintar ficar bunito pra chover aí é bom o inverno, janeiro se pintar é bom, fevereiro... a gente tem a experiência assim aí vai e chove, aí quando for o tempo do inverno o ano for pra chover, chove”.

Astros
<ul style="list-style-type: none"> - Estrelas: “As vez as estrelinha tão cum umas restinha branquinha aí eu conheço que ela vai chover, tá carregadinha d’água”; - Lua: “Quando é nova, que a gente vê ela pendido, se ela tiver pendido outro mês chove”.

4.2.40 Experiências Do Profeta Da Chuva Petrônio Paiva

O profeta da chuva Petrônio da Silva Paiva, 45 anos de idade, morador do Assentamento Mossenhor Luigi Pescarmona, iniciou o seu trabalho no campo ainda na infância, conforme afirma o mesmo, “na agricultura desde de sete anos de idade que comecei a trabalhar no mei do mundo”. Aprendeu os conhecimentos tradicionais de observar os elementos da natureza e a realizar profecias de chuva com as pessoas mais velhas e experientes.

O Srº Petrônio Paiva começa a observar as experiências em janeiro, pois segundo o profeta, “de janeiro, é as primeira experiência, o caba começa logo, planta logo feijão, é o que dá logo”. Assim, as experiências são importantes para o agricultor entrevistado, tendo em vista que, por meio delas, ele começa a organiza o seu trabalho no campo. Costuma se nortear pelos elementos da fauna e dos astros (Quadro 41) para realizar as suas profecias.

Quadro 41 – Experiências do profeta da chuva Petrônio Paiva

Elementos da Flora
<ul style="list-style-type: none"> - Juá (<i>Ziziphus joazeiro</i>): “O juá ele fica... logo fica verde né? aí fica maduro e vai esperando o inverno enquanto num chove ele num cai, quando começa chover ele começa cair, cai aqui que Vige Maria chega tenho nojo”.
Astros
<ul style="list-style-type: none"> - Lua: “A lua é quando tá o carreiro bem bunito, o cara vê o carreiro ao redor dela bem chei d’água é inverno”.

4.3 IMPORTÂNCIA DAS EXPERIÊNCIAS DE INVERNO PARA OS PROFETAS DA CHUVA DE ALAGOA GRANDE/PB

Dos 40 entrevistados, 37 (92%) afirmaram que as experiências de inverno são importantes para as suas práticas agrícolas, no preparo da terra para o plantio e para a criação de animais. De acordo com Nasuti *et al* (2013), que realizaram um estudo sobre o conhecimento tradicional e previsões meteorológicas dos agricultores familiares do Semiárido Potiguar, as atividades no campo e a agropecuária são as

fontes de subsistências dessas populações, assim as comunidades rurais se mostram extremamente sensíveis às variações climáticas, portanto, os prognósticos obtidos por meio das experiências são fatores determinantes na vida do agricultor, condição essa que também foi verificada na realidade dos profetas da chuva em Alagoa Grande/PB, por meio da nossa pesquisa.

Verificou-se que 32 (80%) dos profetas da chuva entrevistados usam as previsões de inverno e seca obtidos, com a observação dos elementos da natureza, para organizar o seu trabalho no campo. De acordo com os mesmos, as experiências de inverno dão mais ânimo para preparar a terra para o plantio, um exemplo é o caso do profeta José Lourenço que afirma ficar animado ao observa-las:

É importante por que o seguinte, a gente já fica observando o tempo e já vai se preparando pra trabalhar mais animado por que aí você vai trabalhar sabendo que o inverno vai ser bom, quando a gente faz as experiências que não bate com as experiências que a gente tá fazendo, que a gente não tá vendo no tempo aí a gente já vai ficando desanimado, mas Deus é que comanda a gente né? e a gente fica sempre olhando o movimento do tempo. Quando as experiência bate com as da gente, quando a gente vê que tá dando certo, aí já trabalha animado, já sabendo que vai ter uma boa safra, um bom lucro. Uso, por que tem aqueles tempos certos, as experiências da plantação da farva é de março, a experiência da rama da batata é em maio, o feijão de arranca mês de maio é o mês de plantar, essas são as experiência que a gente usa. Sabe que vai trabalhar animado e se preocupa para trabalhar contente sabendo que vai trabalhar e vai tirar o lucro (Profeta da Chuva, José Lourenço de Macedo Filho, 51 anos de idade).

Constatou-se que há uma grande preocupação dos entrevistados em relação ao lucro da plantação. Nesse sentido, as experiências desempenham uma importante função na vida dos agricultores que é preveni-los contra possíveis prejuízos em um cenário de seca. Verificamos esse fato através do relato da Sr^a Severina Atanásio:

Se você não tem uma base se vai chover aí como é que você vai se preparar pra fazer plantio. Então claro que a gente pensa e se dedica esperando pelo inverno pra fazer o plantio, tem que se organizar. Por que quem vive mesmo da agricultura, ele se preocupa que vem a chuva por que se você não colocar roçado e não fizer o plantio, vai ficar perdido. Quem é agricultor a vontade é quando chover plantar. Quando não chove só vem dismantelo, por que é necessidade, fome e a pessoa que vive da agricultura quer fazer o plantio, é plantar. De inverno pra agricultura significa muita coisa, é fartura, é barriga cheia, é dinheiro. Tudo que você plantar, ou muito ou pouco, você vai progredir. [Ano seco] significa desorganização, fome. Tudo que não presta acontece por que se é seco, se você é da agricultura então você vai ficar lá em baixo. As coisas vai ser mais cara, vai ser menas coisa pra comer (Profetisa da Chuva, Severina Atanásio dos Santos, 61 anos de idade).

Percebe-se assim, que a urgência em realizar profecias de chuva está ligado ao forte desejo de que o ano seja bom de inverno (período em que ocorre chuvas com maior frequência e intensidade, que favorece o desenvolvimento das atividades agrícolas, e acúmulo de água nos mananciais). Questionados sobre o motivo que os leva a se preocupar pelo inverno, 92,5% dos profetas relatam que esse é fator principal que permite o desenvolvimento do seu trabalho e o sustento da família, conforme o relato do profeta José Jarides:

*Por que o interesse dele pra todo agricultor, quando chega o inverno a alegria dele é botar o roçado dele, agricultor que é agricultor, botar o roçado e plantar, mesmo que num dê muito, mas o cara tem aquela alegria de plantar pelo menos pra ele pra família dele. Um ano seco é uma tristeza, é um sofrimento, tudo fica caro, num significa muita coisa, só significa como se o camarada num tenha mais vida, pros animais num tem o capim pra dar pros animal, num tem nada, tudo acabado. O ano de inverno é muita coisa pra mim e pra todo mundo, pro mundo inteiro, pra região inteira é uma alegria, é vida, é água, é saúde é tudo pra gente e pros pros animais **(Profeta da Chuva, José Jarides Matias de Almeida, 56 anos)**.*

A profetisa da chuva Cícera Faustino também afirma que o agricultor se preocupa com o inverno por causa da pressa em que ele possui em plantar, e a chuva é a garantia de trabalho, conforme o seu relato:

*É por que ele se vexa logo pra plantar, ele quer logo plantar, quando chove, ele fica logo vexado pra plantar, aí quando num tem, as vez os vizin dá um pouquin, um dá um pouquin de feijão, um pouquin de milho e eles vão plantar aí eles fica preocupado se num chover, por que se num chover aquilo ali num nasce né? Quando o ano é bom de inverno, é bom por que a pessoa pranta logo né? Pranta logo e tem serviço pra trabaiá né? Pro povo trabaiá pra ganhar um dinheirinho e pranta logo, pranta o milho, pranta o feijão e diz assim: meu Deus eu vou prantar que logo cedo, se Deus quiser, eu tenho uma coisinha verde pra comer aí a pessoa fica logo observando ali a seca né, se vai pegar o inverno ou se vai continuar no que tava **(Profetisa da Chuva, Cícera Faustino dos Santos, 82 anos de idade)**.*

Observou-se que alguns dos profetas entrevistados afirmaram que a observação das experiências de inverno são práticas necessárias que todo agricultor deve dominar para poder organizar as suas atividades agrícolas, conforme a afirmação do profeta da chuva Antônio Gomes de Lima, 82 anos de idade, “a gente sem ter uma experiência não pode ser um agricultor, como é que você vai ser uma agricultor sem saber de experiência nenhuma e não sabe plantar”. O profeta Severino dos Ramos Mariano dos Santos, 52 anos de idade, também corrobora, afirmando “a

gente que é agricultor se num tiver... se agente num ter uma base das chuva pra gente plantar no período certo, o caba tá perdido, tem que plantar no período certo”.

Ao observarem as experiências, os profetas da chuva também esperam por um período propício em que as temperaturas fiquem mais amenas para iniciarem suas atividades no campo, pois no período do verão faz muito calor e solo ainda está seco. Nesse sentido, o profeta da chuva João Santos da Silva, 40 anos de idade, começa a observar os sinais indicativos da natureza na espera pela época em que a terra esfria, conforme o seu relato, “é, por que a terra vai insfriar mais e vamos prantar”. O profeta Antônio Raimundo da Silva, 66 anos de idade, também observa as experiências nessa perspectiva, de acordo com o mesmo, “é importante por que chove, refresca muito mais o tempo e dá uma lavoura boa”.

Percebeu-se que há uma preocupação dos profetas relacionada aos os reservatórios de água. Assim, além de ser uma base para organização das atividades agrícolas, observar as experiências de inverno permite ao agricultor saber se o período chuvoso será favorável ao acúmulo de água nos seus reservatórios, tanto para o consumo próprio como para os animais, conforme explica o profeta da chuva Severino Lourenço da Silva, 69 anos de idade: “muito importante pra gente, porque [...] vai ter uma boa água pra gente que mora no sítio, economiza água, enche as cisternas”. O profeta José Laurentino da Silva, 42 anos de idade, afirma que “são muito importante por que a gente depende do inverno pra sobreviver, principalmente sem água nós não viveremos, sem água nós num é nada”. Já a profetisa Maria José de Sousa, 60 anos de idade, relata que “[...] o inverno sim por que enche os açudes, as barragem, a gente vai ter fartura de água, de comida, tudo fica melhor no inverno”.

Outra explicação para a importância das experiências de inverno e seca é que, para a maioria dos entrevistados, essa é a única fonte de previsões do tempo confiáveis e precisas. Verificou-se que 18 (45%) dos entrevistados afirmaram que não acreditam nas previsões do tempo que passam na televisão ou no rádio. O Motivo que leva maioria dos profetas a não acreditarem na previsão da Meteorologia, feitas por órgãos específicos, está relacionado à confiabilidade da escala de sua abrangência.

Assim, observou-se relatos de agricultores que dizem que a previsão transmitida pela mídia televisiva, informa que vai haver chuva na região, mas não chove nas comunidades onde os mesmos residem e trabalham, conforme a afirmação do profeta Elídio Laurentino da Silva, 66 anos de idade, que diz: “[as previsões que passam nos jornais na televisão] falha muito por que a vez diz que vai chover e a vez

não chove aqui, chove lá fora, acredito mais nas experiências que eu tenho por mim mesmo”.

Os profetas que dizem acreditar nas previsões realizadas pela meteorologia, 40% dos entrevistados, afirmaram que confiam nas mesmas pois são resultados de estudos e que são obtidas através de equipamentos tecnológicos próprios para esse fim. Assim temos o seguinte relato: “acredito, por que eles estudaram pra isso, tem aparelhos, que eles se regem pelos aparelhos” (Profeta da Chuva, Antônio Gomes de Lima, 82 anos de idade”).

Ainda entre os profetas da chuva entrevistados, 12% demonstraram ficar em dúvida se acreditam ou não nas previsões da meteorologia, porém, nesse caso, observou-se a presença da fé em Deus e nas experiências como forma de sanar as dúvidas acerca dos prognósticos de chuva ou seca anunciados na televisão e no rádio, como uma forma de complementar a informação transmitida pelos meteorologistas, conforme o relato do Srº Severino Lourenço:

Às vezes eu quero acreditar e não quero ao mesmo tempo. A tecnologia tá muito avançada, o estudo tem descoberto muitas coisas, eu não sou muito de acreditar nas coisas que o homem faz, eu gosto mais de acreditar nas coisas espiritual, o homem tá certo, através do estudo né? mas você tem que confiar um pouco né? mas você tem que acreditar mais nas coisas de Deus (Profeta da Chuva, Severino Lourenço Cristovão, 59 anos de idade).

Observamos que grande parte dos entrevistados, inclusive os que afirmam não acreditar nas previsões da meteorologia, dão preferência às experiências para adivinhar se o período de chuvas será favorável para o desenvolvimento das atividades agrícolas. Assim os prognósticos climáticos obtidos através da observação direta do comportamento da natureza desempenham um papel importante para as comunidades estudadas, já que as previsões obtidas atendem ao âmbito local, preenchendo a lacuna deixada pelas previsões realizadas pelos meteorologistas.

Nesse sentido, Sousa (2014) aponta que as práticas de adivinharia não estão contidas nas cabeças de indivíduos específicos dotados de um saber que somente eles possuem, essa exclusividade costuma caracterizar o saber científico. O saber popular é diferente, e como o próprio indica, é popularizado, ou seja, permeia o conjunto das sociabilidades que envolvem as comunidades.

Ao discutirem sobre a importância das experiências de inverno e seca dos profetas da chuva, Folhes e Donald (2007) apontam que esse conhecimento deve ter

a sua qualidade reconhecida pela comunidade científica, pois são saberes multidimensionais, ou seja servem a uma variedade de propósitos culturais, ao contrário das previsões da meteorologia que são baseadas em probabilidades e tentativas de prever o comportamento do clima, sem qualquer referência cultural para os agricultores, que em muitos casos, possuem baixo nível de escolaridade.

A fala dos autores citados acima corrobora com um dos resultados obtidos durante a pesquisa, referentes a escolaridade dos profetas da chuva entrevistados. O baixo nível de escolaridade também foi verificado entre os agricultores, dentre os quais 22 (55%) dos entrevistados afirmaram ser analfabetos. Observou-se que o analfabetismo está presente entre os profetas da chuva com idade mais avançada. São pessoas que começaram a trabalhar logo cedo no campo, não tiveram a oportunidade de estudar e cresceram sem o acesso às mídias de comunicação tais como: a televisão, rádio, entre outros meios para se obter informações sobre o clima. Assim, profetizar chuvas ou secas através de experiências obtidas por meio da observação da natureza foram e ainda continuam sendo para os mesmos, a forma mais confiável para prever se o inverno vai ser bom.

De acordo com Araújo e Araújo (2012), os prognósticos de chuva realizados pelos agricultores são os resultados de uma histórica sensibilidade e medo dos habitantes do interior do Nordeste diante das condições adversas impostas pelo clima da região. Os autores apontam que os profetas da chuva enxergam nas previsões, a oportunidade de se preparar para um tempo vindouro e, essa inquietação sobre o futuro, leva os sujeitos a realizarem, por meio de suas experiências, as profecias.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa evidenciou que os profetas da chuva das comunidades de Rapador, Covão, Zumbi e do Assentamento Monsenhor Luigi Pescarmona, em Alagoa Grande/PB, passaram observar a natureza a partir do processo de transmissão de conhecimento por meio dos pais, avós, tios, moradores destas comunidades, principalmente os mais velhos, em sua maioria, de seu convívio. Esse processo de conhecimento acontece a partir dos anos iniciais da infância até a sua juventude plena e através de suas observações pessoais conectadas com os sinais da natureza que lhe fornece matéria-prima para prática destas experiências.

Os profetas demonstraram relevantes conhecimentos dos elementos e experiências entre si e grande percepção das mudanças que ocorrem em seu meio. As experiências do inverno e seca são conhecimentos tradicionais importantes para os profetas que, em sua maioria, vivem neste meio rural. Além de permitirem aos profetas elaborarem previsões para orientar as suas atividades produtivas, ajudam nas suas tomadas decisões e planejamento quanto ao modo de plantio, aumento dos cultivos e suas pequenas atividades na pecuária. As experiências desempenham uma grande expectativa em seu local e previne sobre a ausência ou presença das chuvas e secas evidenciando ora os prejuízos e garantindo a sustentabilidade familiar.

Um outro ponto bastante importante observado durante a pesquisa é a forte religiosidade contida nestes profetas e o seu descrédito quanto as previsões meteorológicas científicas expandida através da mídia televisiva e radiofônica. Onde concluir-se que estes apostam em seus prognósticos através dos sinais da natureza e que, ainda, a criação de serviços de extensão rural e incentivo aos profetas para que esses divulguem seus conhecimentos tradicionais para as demais regiões do Nordeste do Brasil, são ações necessários para o resgate da memória do conhecimento tradicional contida neste povo, fazendo registro necessário à continuidade deste conhecimento, originados a partir dos profetas, para as futuras gerações.

REFERÊNCIAS

ABRANTES, P. M; SOUSA, R. F., LUCENA, C.M; LUCENA, R. F. P; PEREIRA, D. D. **Aviso de chuva e de seca na memória do povo: O caso do Cariri Paraibano.** Revista BIOFAR, dec. 2011 v. 5, n. 2, p.18-24.

AESA – Agência Executiva de Gestão das Águas do Estado da Paraíba.
Climatologias dos postos monitorados. Disponível em:
<<http://site2.aesa.pb.gov.br/aesa/medicaoPluviometrica.do?metodo=listarClimatologiasMensais>> Acesso em: 21 de outubro de 2018.

ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P.; ALENCAR, N. L. **Métodos e técnicas para coleta de dados etnobiológicos.** In: ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R.F.P.; CUNHA, L. V. F. C. Métodos na pesquisa etnobiológica e etnoecológica. NUPEEA, 2010. p. 41-64.

ARAÚJO, D. B. **Profecias de chuvas na visão dos agricultores e agricultoras do município de Remígio- PB.** Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) - Curso de Bacharelado em Ciências Biológicas, Universidade Federal da Paraíba - UFPB, Centro de Ciências Agrárias-CCA, Areia, jul. 2017, 24 p. disponível em:
<<http://rei.biblioteca.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/2361/1/DBA10082017.pdf>> Acesso em: 29 de outubro de 2017.

ARAÚJO, F. M.; SILVA, R. P. F.; REGO, L. V. C.; LOPES, S. F.; BARBOSA, R. R. D; **Previsibilidade de chuvas no Agreste Paraibano:** levantamento etnobotânico sobre as plantas que prenunciam chuva. I Workshop Internacional Sobre Água no Semiárido Brasileiro. Campina Grande – PB, 2013, 5 p. Disponível em:
<<http://www.editorarealize.com.br/revistas/aguanosemiarido/anais.php>> Acesso em: 01 de novembro de 2018.

ARAÚJO, H. F. P.; LUCENA, R. F. P.; MOURÃO, J. S. M. **Prenúncio de chuvas pelas aves na percepção de moradores de comunidades rurais no município de Soledade-PB, Brasil.** Interciencia, Caracas, Venezuela, dez. 2005, v. 30, n. 12, p. 764-769.

ARAÚJO, J. P. K. G.; ARAÚJO, J. G. **Narrativas de fobos e prognósticos do porvir:** escrituras de uma história do medo das secas no Nordeste e na comunidade retiro – Barra de Santana –PB. Veredas da História, Ano V, Edição 1, 2012, p. 73-93.

BAILEY, K. **Methods of social reached.** 4ª ed. The Free Press. New York, USA, 1994, 588 p.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2013.

BERQUE, A. **Paisagem-marca, paisagem-matriz**. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

BIERNACKI, P.; WALDORF, D. **Snowball sampling**: problems and techniques of chain referral sampling. *Sociological Methods & Research*, Thousand Oaks, CA, v. 10, n. 2, 1981.

BRASIL. DECRETO Nº 6.040, DE 7 DE FEVEREIRO DE 2007. **Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm. Acesso em 17 de setembro de 2018.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/alagoa-grande/historico>>. Acesso em: 21 de novembro de 2017.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Disponível em: <ftp://geofpt.ibge.gov.br/organizacao_do_territorio/divisao_regional/divisao_regional_do_brasil/divisao_regional_do_brasil_em_regioes_geograficas_2017/mapas/25_regioes_geograficas_paraiba.pdf>. Acesso em: 21 de novembro de 2017.

BRUNO, F.; MARTINS, K. P. H. **Profetas da natureza**: ver e dizer no sertão. Intexto, Porto Alegre/RS, jan./jun. 2008, v. 1, n. 18, p. 1-12.

CAETANO, D. A.; LUCIO, P. S.; MENDES, A. C. **Capacidade adaptativa das populações**: percepção ambiental dos desastres naturais e a previsibilidade das chuvas. II Workshop Internacional Sobre Água no Semiárido Brasileiro, Campina Grande/PB, 2015, 7 p.

COSGROVE, D. **A geografia está em toda parte**: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

CPRM – Serviço Geológico do Brasil. **Projeto cadastro de abastecimento por águas subterrâneas. Diagnóstico do município de Alagoa Grande, estado da Paraíba**. CPRM/PRODEM, Recife, 2005. Disponível em: <<http://www.cprm.gov.br/rehi/atlas/paraiba/relatorios/ALAG003.pdf>> Acesso em: 04 de novembro de 2017.

DIEGUES, A. C.; ARRUDA, R. S.V. (Orgs.). **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil** – Brasília: Ministério do Meio Ambiente; São Paulo: USP, 2001. xxx p. (Biodiversidade, 4).

FOLHES, M. T.; DONALD, N. **Previsões tradicionais de tempo e clima no Ceará: o conhecimento popular à serviço da ciência**. Sociedade & Natureza, Uberlândia, dez. 2007, v. 19, n. 2, p. 19-31.

FUENTES, M. C.; BASTOS, S. B.; SANTOS, N. M. **Estudo do conhecimento climático popular na região semiárida do estado da Bahia**. Revista de Ciências Humanas, Viçosa, jul./dez. 2015, v. 15, n. 2, p. 349-365.

GALENO, A. S. **Seca e inverno nas “experiências dos matutos cearenses**. Fortaleza: Coopcultura, 1998. Disponível em: <
<https://pt.scribd.com/doc/123334830/SECA-E-INVERNO-NAS-EXPERIENCIAS-DOS-MATUTOS-CEARENSES>> Acessado em: 29 de outubro de 2018.

GONÇALVES, T. C.; BERTINO, R. D. P. **Sinais da natureza, profecias e previsões meteorológicas no Sertão do Pajeú**. Revista de GEOGRAFIA, Recife/PE, 2018, V. 35, No. 1 (especial), p. 30-39.

INOJOSA, A. **Quando flora o mandacaru: meteorologia popular**. Recife: Editores Inojosa, 1980.

MONTENEGRO, A. F. **Ceará e profeta de chuva**. Fortaleza: Edições UFC, Fortaleza: Banco do Nordeste [distribuidor], 2008.

NASUTI, S.; CURI, M. V.; SILVA, N. M.; ANDRADE, A. J. P.; IBIAPINA, I.; SOUZA, C. R.; SAITO, C. H. **Conhecimento tradicional e previsões meteorológicas: agricultores familiares e as “experiências de inverno” no semiárido potiguar**. VRev. Econ. NE, Fortaleza/CE, jun. 2013, v. 44, n. especial, p. 383-402.

NOGUEIRA, M. M. T.; LOPES, M. J. C. **Prenúncio de chuvas por animais na visão de moradores da zona rural do município de Cuité-PB, Brasil**. Revista Brasileira de Informações Científicas, Jul/Set 2015 v. 6, n. 3, p. 75-84.

PELLEGRINO, A. C.; PEÑAFLORES, M. F. G. V.; BEZNER-KERR, W.; GUGLIELMO, C. G.; BENTO, J. M. S.; MCNEIL, J. N. **Weather Forecasting by Insects: Modified Sexual Behaviour in Response to Atmospheric Pressure Changes**. Plos One, outubro 2013, v. 8, 5 p. Disponível em: <

<https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0075004>> Acesso em: 02 de novembro de 2018.

PENNESI, K.; SOUZA, C. R. B. **O encontro anual dos profetas da chuva em Quixadá, Ceará**: a circulação de discursos na invenção de uma tradição. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, jul./dez. 2012, v18, n. 38, p. 159-186.

SANTOS, H. N. F.; ALVES, C. A. B. ARRUDA, L. V. SANTOS, A. C. F.; SILVA, A. P. T.; SILVA, A. C. O; SILVA, D. R.; ARAÚJO, J. T. M.; SILVA, M. A. O. **Profetas da chuva e mudanças climáticas nas comunidades de Filgueiras, Jaguaré e Olho D' água**. Anais do Congresso Brasileiro de Gestão Ambiental e Sustentabilidade – Congestas, 2017, Vol. 5, p. 677-685. Disponível em: <<http://eventos.ecogestaobrasil.net/congestas2017/trabalhos/pdf/congestas2017-et-03-038.pdf>> Acesso em: 28 de outubro de 2018.

SANTOS, J. G., et al. **Relato de experiência de campo da disciplina geografia regional da paraíba**. XI Encontro de Iniciação à Docência. Joao Pessoa: UFPB/ PRG, 2007.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4ed. São Paulo: Edusp, 2006.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia**. 5ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

SAUER, C. O. **A morfologia da paisagem**. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

SILVA, N. M. **Experiências de inverno no Seridó Potiguar**. Dissertação (Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente/PRODEMA – Universidade Federal do Rio Grande do Norte), Natal/RN, 2013, 181 p.

SILVA, N. M.; ANDRADE, A. J. P.; ROZENDO, C. **'Profetas da chuva' do Seridó potiguar, Brasil**. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, Belém, dez. 2014, vol.9, n.3, p.773-795.

SILVA, N. M.; ANDRADE, A. J. P.; SOUZA, C. R. **O sertanejo e as experiências de inverno no Seridó Potiguar**. Desenvolvimento e Meio ambiente, v. 27, Editora UFPR, jan./jun. 2013, p. 87-107.

SILVA, P. C. G.; MOURA, M. S. B.; KILL, L. H. P.; BRITO, L. T. L.; PEREIRA, L. A.; SÁ, I. B.; CORREIA, R. C. TEXEIRA, A. H. C.; CUNHA, T. J. F.; GUIMARÃES FILHO, C. **Caracterização do semiárido brasileiro**: fatores naturais e humanos. IN: Semiárido brasileiro. EMBRAPA, Petrolina, 2010, 402 p.

SOUSA, J. W. F. **Os “Doutores das Secas” no Contexto do Desenvolvimento Regional do Nordeste**. 29ª Reunião Brasileira de Antropologia, Natal/RN, ago. 2014. 19 p.

TADDEI, R. **Oráculos da chuva em tempos modernos**: mídia, desenvolvimento econômico e as transformações na identidade social dos profetas do sertão. In: MARTINS, K. P. H. (Org.). Profetas da chuva. Fortaleza: Tempo d’Imagem, 2006. 11 p. Disponível em: < <http://iri.columbia.edu/~taddei/profetas.pdf>>. Acesso em: 22/10/2017.

TOLEDO, V.M.; BARRERA-BOSSOLS, N. **A etnoecologia**: uma ciência pós-normal que estuda as sabedorias tradicionais. In: Etnobiologia e Etnoecologia: pessoas e natureza na América Latina. SILVA, V.A.; ALMEIDA, A.L.S.; ALBUQUERQUE, U.P. Recife: Nupeea, 2010, p.382.

TUAN, Y. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

TUAN, Y. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: DIFEL, 1980.

APÊNDICES

APÊNDICE A – REGISTROS FOTOGRÁFICOS FEITOS DURANTE AS ENTREVISTAS

A1 – Entrevista com o Profeta da Chuva Elídio Laurentino da Silva



Fonte: O autor – Pesquisa de campo 2017/2018.

A2 – Agricultor Petrônio da Silva Paiva em seu lote no Assentamento Monsenhor Luigi Pescarmona



Fonte: O autor – Pesquisa de campo 2017/2018.

APÊNDICE B – FOTOS DOS ELEMENTOS DA FLORA UTILIZADOS PELOS PROFETAS DA CHUVA



B1



B2



B3



B4



B5



B6

B1 – Amarra cachorro (*Jacquemontia tamnifolia*) florando.

Fonte: https://www.fmcagricola.com.br/portal/manuais/infestantes_hf/files/assets/basic-html/page162.html

B2 – Juazeiro (*Ziziphus joazeiro*) florando.

Fonte: O autor.

B3 – Pau d'arco (*Tabebuia serratifolia*).

Fonte: <http://rosadacaatinga.blogspot.com/2013/04/arvores-do-piaui.html>

B4 – Capim amargoso (*Digitaria insularis*).

Fonte: <http://maissoja.com.br/influencia-da-profundidade-de-semeadura-na-emergencia-de-capim-amargoso/>

B5 – Cardeiro/Mandacaru (*Cereus jamacaru*).

Fonte: O autor.

B6 – Coroa de frade (*Melocactus zehntneri*).

Fonte: <https://www.blog-flores.pt/flores-de-exterior/coroe-de-frade-melocactus-zehntneri/attachment/coroe-de-frade-flor-435/>

APÊNDICE C – FOTOS DOS ELEMENTOS DA FALNA UTILIZADOS PELOS PROFETAS DA CHUVA



C1



C2



C3



C4



C5

C1 – Rã (*Rana pipiens*).

Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Rana_pipiens_complex03.jpg

C2 – Sapo (*Bufo* spp).

Fonte: <http://conectadonabio.blogspot.com/2015/07/sapo-cururu.html>

C3 – Minhoca (*Pheretima hawayana*).

Fonte: <http://peixevivocemig.blogspot.com/2012/04/isca-para-peixe-corre-risco-de-extincao.html>

C4 – Caranguejeira (*Lasiodora* sp).

Fonte: <https://www.spidersworld.eu/en/tarantulas/16-lasiodora-parahybana.html>

C5 – Embuá (*Lulus sabulosus cylindroiulus*)

Fonte: <http://ademirhelenorocha.blogspot.com/2014/06/animais-21-embuas-embuazinhos-e-outros.html>



C6 – Acauã (*Herpetotheres cachinnans*).

Fonte: <https://www.clubedocriador.com/passaros/29/acaua>

C7 – Galinha doméstica (*Gallus gallus domesticus*).

Fonte: <https://www.infoescola.com/aves/galinha/>

C8 – Siricora/Saracura (*Aramides saracura*).

Fonte: <http://www.avescatarinenses.com.br/animais/1-aves/269-saracura-mato>

C9 – Formiga (*Atta ssp*)

Fonte: <https://priaaroma.wordpress.com/2014/06/06/feromonio-da-trilha-de-formigas/>

C10 – Cupim (*Cryptotermes spp*)

Fonte: <http://www.insectcontrol.com.br/blog-como-diferenciar-as-especies-de-cupins/>

C11 – Cigarra (*Cicadoidea/Tibicen linnei*).

Fonte: <https://diariodebiologia.com/2011/01/para-onde-vao-as-cigarras-quando-nao-estao-cantando/>



C12



C13



C14



C15



C16



C17

C12 – Barata (*Periplaneta americana*).

Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Periplaneta_americana,_Isalo_01_cutted.png

C13 – Tanajura (*Atta sexdens*).

Fonte: <https://www.artigoscuriosos.com/curiosidades-sobre-a-formiga-tanajura-ica-voce-realmente-sabia/>

C14 – Bovinos

Fonte: <http://www.monteirofm.com.br/novo/noticia/7554/paraiba-registra-maior-crescimento-de-rebanho-bovino-do-nordeste-revela-ibge>

C15 – Equinos

Fonte: <https://www.clasf.com.br/cavalo-qm-po-quarto-de-milha-em-picos-9245>

C16 – Aruá (*Pomacea canaliculata*)

Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Aru%C3%A1>

C17 – Calango verde (*Ameiva ameiva*).

Fonte: <https://www.flickr.com/photos/johannes-j-smit/13927896366>

APÊNDICE D – FOTOS DOS SANTOS OBSERVADOS PELOS PROFETAS DA CHUVA



D1 – Santa Luzia (dia 13 de dezembro)

Fonte: <https://www.elo7.com.br/estampa-santa-luzia/dp/5332F9>

D2 – Menino de Deus (25 de dezembro)

Fonte: <http://paroquiasantacruzmatao.com.br/menino-santo-de-deus/>

D3 – São José (dia 29 de março)

Fonte: <http://www.diocesedeosasco.com.br/artigos/sao-jose-patrono-da-igreja-e-exemplo-de-virtudes.html>

D4 – São João (24 de junho)

Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/186899453261147414/>

D5 – Nossa Senhora da Conceição (8 de dezembro)

Fonte: <https://www.mariahelena.pt/pt/pages/dia-de-nossa-senhora-da-conceicao>

D6 – Nossa Senhora da Boa Viagem (2 de fevereiro)

Fonte: http://insistapersistas.blogspot.com/2015/02/viver-com-jesus_12.html

**APÊNDICE E – FOTOS DOS ELEMENTOS ATMOSFÉRICOS OBSERVADOS
PELOS PROFETAS DA CHUVA**



E 1



E 2



E 3



E 4



E 5

E1 – Barra de chuva

Fonte: O autor.

E2 – Nuvens

Fonte: <https://link.estadao.com.br/blogs/homem-objeto/qual-o-tamanho-da-nuvem/>

E3 – Neblina nas serras

Fonte: <https://faroldenoticias.com.br/a-magia-da-serra-cachimbando-e-sinal-de-bons-tempos-na-capital-do-xaxado/>

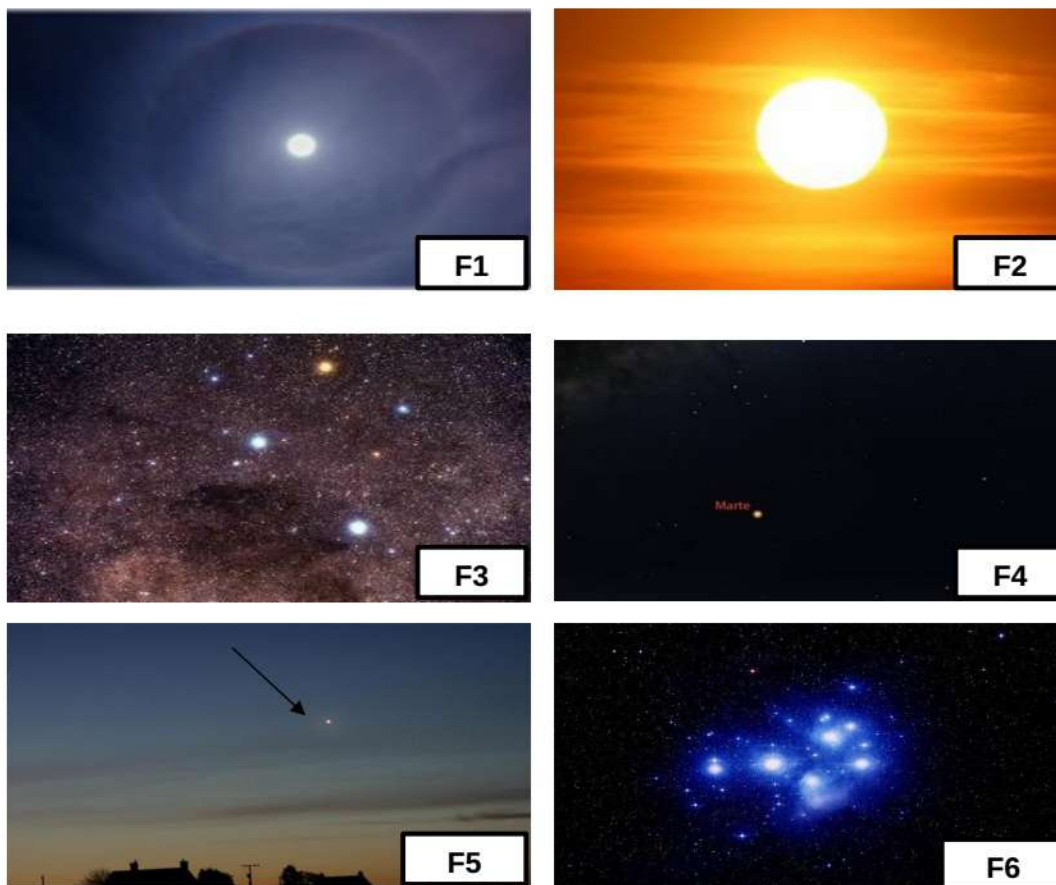
E4 – Tempo nublado

Fonte: O autor.

E5 – Redemoinho

Fonte: <http://www.focadoemvoce.com/noticias/redemoinho-de-vento-em-paramirim/>

APÊNDICE F – FOTO DOS ASTROS OBSERVADOS PELOS PROFETAS DA CHUVA



F1 – Lua cheia com o círculo (bolandeira) em volta.

Fonte: <https://www.galeriadometeorito.com/2016/01/arco-iris-ao-redor-da-lua-anel-na-lua.html>

F2 – Sol

Fonte: <https://regiao-sul.pt/2017/12/28/sociedade/campeao-europeu-do-sol-2017-algarve/406263>

F3 – Cruzeiro do Sul

Fonte: <http://diplomatzando.blogspot.com/2015/07/cruzeiro-do-sul-realidade-e-ficcao.html>

F4 – Planeta Marte

Fonte: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-45021734>

F5 – Estrela D'alva (Planeta Vênus)

Fonte: <https://www.galeriadometeorito.com/2016/12/a-estrela-de-belem-existiu-o-que-era.html>

F6 – Sete Estrelas (Plêiades).

Fonte: <http://ensinamentos-das-pleiades.blogspot.com/2011/01/as-pleiades-e-alcyone.html>

**APENDICE G – QUADRO COM AS COORDENADAS GEOGRÁFICAS DAS
RESIDÊNCIAS DOS PRFETAS DA CHUVA**

Nº	Profeta da chuva	comunidade	Coordenadas geográficas
1	Elídio Laurentino da Silva	Sítio Rapador	Latitude: 7° 00'57"S Longitude: 35° 35'23"W
2	Maria das Graças Vitorino (Dona Lia)	Sítio Rapador	Latitude: 7° 00'57"S Longitude: 35° 35'21"W
3	Pedro Lopes da Silva (Pedro Amaro)	Sítio Covão	Latitude: 7° 01'02"S Longitude: 35° 35'47"W
4	Antônio Raimundo da Silva	Sítio Rapador	Latitude: 7° 01'00"S Longitude: 35° 35'22"W
5	Maria Raimunda Da Silva	Sítio Rapador	Latitude: 7° 00'57"S Longitude: 35° 35'23"W
6	Severino Lourenço da Silva	Sítio Rapador	Latitude: 7° 00'43"S Longitude: 35° 35'36"W
7	João José da Silva	Sítio Rapador	Latitude: 7° 00'44"S Longitude: 35° 35'35"W
8	Cícero Antero dos Santos	Sítio Covão	Latitude: 7° 01'03"S Longitude: 35° 35'44"W
9	Jandira Laurentino da Silva	Sítio Rapador	Latitude: 7° 01'00"S Longitude: 35° 35'22"W
10	José Laurentino da Silva	Sítio Rapador	Latitude: 7° 00'57"S Longitude: 35° 35'22"W
11	Cristiano Laurentino da Silva	Sítio Rapador	Latitude: 7° 01'00"S Longitude: 35° 35'22"W
12	Gilvan Laurentino Da Silva	Sítio Rapador	Latitude: 7° 00'56"S Longitude: 35° 35'24"W
13	Severina Atanásio dos Santos	Sítio Rapador	Latitude: 7° 00'31"S Longitude: 35° 35'10"W
14	Edivaldo Moreira dos Santos	Sítio Rapador	Latitude: 7° 00'31"S Longitude: 35° 35'10"W
15	Helena da Costa Atanásio	Sítio Rapador	Latitude: 7° 00'31"S Longitude: 35° 35'10"W
16	Edileuza Laurentino da Silva	Sítio Rapador	Latitude: 7° 00'56"S Longitude: 35° 35'24"W
17	José Jarides Matias de Almeida	Sítio Rapador	Latitude: 7° 00'56"S Longitude: 35° 35'24"W
18	Cícera Faustino dos Santos	Sítio Rapador	Latitude: 7° 00'55"S Longitude: 35° 35'23"W
19	Paulo da Silva Trajano	Sítio Rapador	Latitude: 7° 00'50"S Longitude: 35° 35'24"W
20	João Santos da Silva	Sítio Covão	Latitude: 7° 01'02"S Longitude: 35° 35'47"W
21	Edivaldo Macena do Nascimento	Sítio Rapador	Latitude: 7° 00'52"S Longitude: 35° 35'24"W
22	Iraci do Nascimento Ribeiro	Sítio Rapador	Latitude: 7° 00'57"S Longitude: 35° 35'21"W
23	João Ribeiro de Melo	Sítio Rapador	Latitude: 7° 00'57"S Longitude: 35° 35'21"W

Nº	Profeta da chuva	comunidade	Coordenadas geográficas
24	Raimundo Pofírio de Melo	Zumbi	Latitude: 7° 06'00"S Longitude: 35° 37'59"W
25	José Lourenço de Macedo Filho (Seu Dedinha)	Zumbi	Latitude: 7° 06'00"S Longitude: 35° 38'00"W
26	Maria Pereira da Silva Enrique	Zumbi	Latitude: 7° 06'04"S Longitude: 35° 38'10"W
27	Sebastião Raimundo	Zumbi	Latitude: 7° 06'04"S Longitude: 35° 38'10"W
28	Severino Lourenço Cristovão	Zumbi	Latitude: 7° 06'04"S Longitude: 35° 38'01"W
29	Maria José de Sousa	Zumbi	Latitude: 7° 06'04"S Longitude: 35° 38'01"W
30	Josefa Xavier Cruz	Zumbi	Latitude: 7° 06'00"S Longitude: 35° 37'59"W
31	Antônio Gomes de Lima	Zumbi	Latitude: 7° 06'02"S Longitude: 35° 38'03"W
32	Antônio Domingos	Zumbi	Latitude: 7° 06'00"S Longitude: 35° 37'59"W
33	Maria Francisca Domingues	Zumbi	Latitude: 7° 06'02"S Longitude: 35° 37'57"W
34	Severino do Ramo Mariano dos Santos	Assentamento Monsenhor Luigi Pescarmona	Latitude: 7° 00'27"S Longitude: 35° 34'09"W
35	Maria Joana Francisca	Assentamento Monsenhor Luigi Pescarmona	Latitude: 7° 00'27"S Longitude: 35° 34'09"W
36	Francisco Evangelista de Sousa	Assentamento Monsenhor Luigi Pescarmona	Latitude: 7° 00'30"S Longitude: 35° 34'10"W
37	João Batista Mariano dos Santos	Assentamento Monsenhor Luigi Pescarmona	Latitude: 7° 00'30"S Longitude: 35° 34'08"W
38	Josefa Claudino dos Santos	Assentamento Monsenhor Luigi Pescarmona	Latitude: 7° 00'30"S Longitude: 35° 34'11"W
39	Maria José Claudino da Silva	Assentamento Monsenhor Luigi Pescarmona	Latitude: 7° 00'32"S Longitude: 35° 34'12"W
40	Petrônio da Silva Paiva	Assentamento Monsenhor Luigi Pescarmona	Latitude: 7° 00'08"S Longitude: 35° 34'21"W

ANEXOS

ANEXO A – FORMULÁRIO DE PESQUISA PROFETAS DA CHUVA

Questionário Nº _____ Data ___ / ___ / _____ GPS

_____ Ponto:

Altitude _____ Latitude _____ Longitude _____

Local da entrevista: zona urbana () zona rural ()

DADOS GERAIS

Nome: _____

Filiação Mãe:

Pai:

Data de nascimento: _____

Endereço: _____

Telefone

EXPERIÊNCIAS DE INVERNO

1. Como o senhor nomeia esse conhecimento?

2. Como o senhor aprendeu?

3. Em qual momento da sua vida e o porquê as experiências de inverno passaram a lhe interessar?

4. Por que o termo experiência?

5. Quais são as experiências que observa? (perguntar sobre o período de reprodução dos animais e plantas).

6. Quais são os meses que o senhor costuma observar?

7. As experiências de inverno são importantes para o senhor? Por quê?

8. Qual é a abrangência da previsão: é só para comunidade, município, todo o Seridó ou pode abranger uma área maior?

9. Nos anos em que o senhor tem observado, a “natureza” tem “acertado” mais ou menos? (estimar em porcentagem).

10. Dessas experiências que o senhor falou tem alguma que nunca falhou? Qual?

11. Dessas experiências quais as que “acertam” mais?

12. Quando uma experiência é positiva e outra negativa como o senhor define o seu prognóstico?

13. Quais foram os anos em que as experiências indicavam inverno e choveu? E quais foram os anos que indicavam seca e realmente foi seco?

14. As experiências de inverno tem sofrido alguma mudança nos últimos anos?
Quais?

15. Essas mudanças influenciam na observação das experiências?

16. A quantidade de animais e plantas, desde que o senhor mora aqui, está aumentando, diminuindo ou não houve mudança alguma?

17. O fato das plantas e animais servirem para observação das experiências de inverno impede o seu desmatamento? De que forma?

18. O senhor já deixou de observar alguma experiência de inverno, porque o elemento da experiência já não existe?

19. As pessoas ainda acreditam nas experiências de inverno?

20. O que as experiências de inverno estão dizendo para o ano de 2017?

21. O senhor (a) acredita na previsão de chuva que sai no rádio e na televisão realizada pelos meteorologistas? Por quê?

**22. O senhor usa essas experiências para organizar o seu trabalho no campo?
De que forma?**

23. Quando as previsões dão negativo o que faz?

24. As experiências hoje em dia, ainda, estão vogando?

25. O senhor teve ou tem acesso ao Lunário Pepétuo ou almanaques?

26. Em qual lugar o senhor observa as experiências de inverno?

SECAS E INVERNOS

1. O que significa o ano seco?

2. O que significa um ano de inverno para você?

3. Qual (s) foi a pior seca que o senhor passou?

4. Quais os anos de enchente mais marcante que o senhor passou?

5. É mais difícil passar por uma seca ou por ano de grandes enchentes?

6. Hoje, o clima está o mesmo ou mudou?
